

MEMÓRIA

DA IMPRENSA

Edição nº 3 | dezembro 2022 | www.abi-bahia.org.br



Jornalismo e Poder

Verdades, meias verdades e narrativas

AGLIBERTO LIMA DEMÓSTENES TEIXEIRA GIDEON ROSA JACIARA SANTOS
JOÃO SANTANA JULY PEDRO DALTRO SÉRGIO GOMES

#DEMOCRACIAVIVA

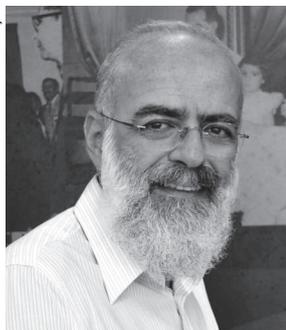
DIRETORIA DA ABI 2022-2025

Uma assembleia histórica em 30 de novembro elegeu a nova Diretoria e Mesa da Assembleia Geral. Foi a primeira eleição sob o novo Estatuto: mandato de 3 anos, limite para recondução à presidência, e nova estrutura da Diretoria Executiva. A nova composição que vai dirigir os destinos da quase centenária ABI tem

mais participação feminina, maior diversidade étnica e ideológica e mais jovem.

É a versão ABI 2.0, preparando-se para chegar aos 100 anos pareando com o mundo da comunicação moderna, mas sem perder a tradição jamais!





Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

Só mais uma...

Tempo, implacável com quem não o percebe no relógio, no calendário ou na vida, é especialmente rigoroso com jornalistas. Desde focas, na nossa pequena coleção de anglicismos, está lá, em destaque, o tal “deadiláine” – ou *deadline*, tão antigo quanto o *release* – e devidamente assimilado pelo algoritmo que determina o que está certo e errado, segundo o acordo ortográfico em vigor.

Podemos chamar simplesmente de *fechamento*, até prefiro assim. Mas, no fundo, no fundo, é a mesma ideia de limite, de linha da morte mesmo. No nosso caso, a linha da morte é parte do cotidiano de quem trabalha em qualquer veículo noticioso diário – da redação de um jornal centenário ao estúdio onde se gravam podcasts diários, passando por todas as outras mídias possíveis.

Mal comparando, a lógica do fechamento nos impõe, a nós, ABI, uma dívida moral a ser prazerosamente resgatada em 2023. Como encerramos a série de três edições com duas entrevistas a menos, há evidências numerológicas, cabalísticas e jornalísticas, para prever que a leitura das oito entrevistas, editadas por Biaggio Talento nesta saideira, nos conduzirão a repetir mentira típica de jornalistas, com variações em três palavras, tipo: “só mais uma!”, “traz a última!”, “é saideira meeermo”, e por aí vai.

Incluir mais duas custaria o prazo, e a série venceria 2022 inconclusa... Nada disso! São oito excelentes entrevistas, sete gravadas especialmente para o MEMÓRIA DA IMPRENSA, e mais July - um presente de Nelson Cadena, que nos compensou a perda da mais longa jornalista social da imprensa baiana com uma entrevista inédita feita por ele anos atrás.

Oito... dependendo do oráculo consultado, a conclusão da criação e o começo de um novo ciclo, a representação da Justiça e do equilíbrio, ponderação, o recebimento daquilo que é feito e praticado. Fechou a mandala, diria o professor Zeca Peixoto!

E porque tempo é dinheiro – também! –, não se

pode precisar, agora, quando será o próximo fechamento. Já me instiga pensar numa quarta edição. Especialmente, para dar a três figurações que já terão gravado seus depoimentos, mas o “deadiláine”...

Além do prazer de fazer a revista, a satisfação de termos cumprido a principal meta desta etapa: a gravação de 30 entrevistas profundas, depoimentos fundamentais para compreender o contexto da imprensa baiana das últimas décadas do século passado e o começo deste.

Fossem 300, com certeza ainda lembraríamos de nomes que não poderiam ficar de fora. Sim! Há personagens incríveis por registrar, porque guardam muitas histórias sobre a comunicação baiana. Mas o fundamental foi termos constituído um primeiro acervo 100% digital para o Museu de Imprensa, com quase 90 horas de gravações em alta definição, feitas em duas câmeras.

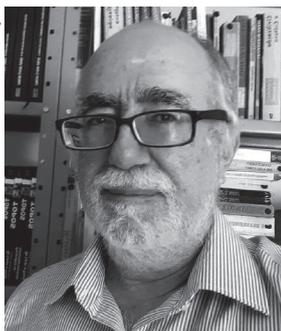
A revista foi o motor que nos permitiu dar um novo impulso ao trabalho de preservação da nossa memória. Os anúncios foram decisivos para viabilizar as gravações, a produção da revista e os eventos de lançamento, por isso, é justo registrar nossa gratidão à Coelba/Neoenergia, Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, Governo da Bahia e Assembleia Legislativa.

A interação com colegas leitores, comentários doces e ácidos, críticas e sugestões serão levados em conta para pensar na continuidade do essencial no projeto Memória da Imprensa, tão caro a Agostinho Muniz, principal responsável pelo início de tudo, com apoio de Samuel Celestino e de Walter Pinheiro.

Mais uma edição, documentários, coleção de livros com versões integrais das entrevistas, incorporação dos registros memoriais de jornalistas como Emiliano José, coleta de documentos, fotos e vídeos de acervos pessoais... O mais importante e gratificante é este interesse coletivo por reconstituir os acontecimentos mais marcantes que configuraram a comunicação baiana. Vamos continuar!

Apresentação

FOTO: DIVULGAÇÃO



Biaggio Talento
Editor

Chegamos à terceira edição da REVISTA MEMÓRIA DA IMPRENSA fechando o primeiro ciclo do projeto de resgate histórico promovido pela Associação Bahiana de Imprensa com depoimentos de decanos da comunicação sobre o dia a dia e as transformações do jornalismo da Bahia e do Brasil nos últimos 50 anos. A leitura dos três números da revista, publicados nesse movimentado 2022, revela problemas, enfrentamentos, crises, fatos desconhecidos, histórias de sucesso e curiosidades. Tínhamos previsto a publicação de dez personagens por edição, mas, em função de alguns percalços provocados num ano difícil a ser atravessado - com pandemia recrudescendo, eleições em clima de polarização como nunca existiu no Brasil -, os problemas de agenda nos impediram de completar a dezena da presente terceira edição, que está saindo com oito entrevistados.

Isso, de modo algum diminuiu a densidade e interesse das histórias de vida contadas aqui. Ao contrário, o leitor perceberá no correr das páginas onde desfilam as trajetórias do repórter fotográfico Agliberto Lima, do ex-editor chefe do Correio, Demóstenes Teixeira, do dublê de repórter e ator Gideon Rosa, da repórter da área de segurança pública Jaciara Santos, do jornalista e marqueteiro João Santana, da colunista social July Isenssé, do especialista em assessoria de imprensa Pedro Daltro

e do editor Sérgio Gomes, parceiro de Quintino de Carvalho na formação da primeira equipe da Tribuna da Bahia. São depoimentos marcantes e em alguns momentos explosivos e polêmicos. Por outro lado, um retrato da rotina diária do jornalista do início dos anos 60, é revelado por Pedro Daltro, que dependia da carona de alguns proprietários de carro da velha Salvador para subir e descer a Ladeira da Montanha em busca do movimento dos portos.

São muitos os destaques que não cabe aqui antecipar, mas os depoimentos de Demóstenes Teixeira e João Santana nos conduzem a reflexões sobre as verdades e narrativas do jornalismo do passado e atual. Será que um jornal deve explicitar aos leitores sua linha editorial em defesa de determinada corrente política? E o combate à *fake news* não seria mais eficiente se criássemos narrativas que permitissem às pessoas esperar um futuro melhor, mesmo que ele seja incerto? As opiniões estão colocadas nas próximas páginas para o leitor refletir. Tivemos a satisfação de acompanhar o processo de elaboração desse projeto no qual a revista é apenas uma parte do todo das longas e detalhadas entrevistas realizadas pela equipe da ABI e convidados, registradas em vídeo. Oxalá as condições de pressão e temperatura permitam que o projeto prossiga em 2023 para continuarmos traçando o perfil histórico da imprensa baiana das últimas décadas.

EXPEDIENTE

Conselho Editorial: Ernesto Marques, Florivaldo Mattos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Simone Ribeiro
Coordenação Editorial: Ernesto Marques
Editor: Biaggio Talento
Projeto Gráfico: Editora Bamboo
Coordenação de Produção: Daiane Rosário
Entrevistadores: Valber Carvalho, Kau Rocha e Carolini Assis
Revisão: Carolina Gomes
Impressão: Grab
Assessoria de Comunicação: Joseanne Guedes (Jornalista - 4525/BA).

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa, que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no Estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. O projeto prevê três edições em 2022. Além da revista, o material em vídeo, com a íntegra das entrevistas, ficará acessível ao público na Biblioteca da ABI.

As opiniões e conceitos dos entrevistados são de responsabilidade exclusiva deles e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

Distribuição Gratuita

Tiragem: 1.000 exemplares

Contato: ascom@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA 2020-2022

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Dantas Araújo Marques
1º Vice-Presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares
2º Vice-Presidente: Florivaldo Mattos
Secretária-Geral: Sara Barnuevo
1º Secretário: Suzana Alice Pereira
2º Secretário: Romário Costa Gomes
Diretor Financeiro: Antônio Pereira de Matos Jr.
Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho dos Santos
Suplente: Arthur Andrade
Suplente: Amália Casal Rey
Suplente: Luiz Henrique Sá da Nova

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro
Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos
Secretário: José Valter de Lessa Pontes
Suplente: Julieta Miranda Isenssé

CAIXA DE ASSISTÊNCIA

Presidente: Raimundo de Campos Vieira
Secretário: Benevaldo Amorim dos Santos Silva
Tesoureiro: Valter Xéu

DEPARTAMENTOS:

Cultura: Nelson Varrón Cadena
Social: Nelson José de Carvalho
Divulgação: Simone Ribeiro
Casa de Ruy Barbosa: Jorge Luiz Ramos

CONSELHO CONSULTIVO

Joad Góes
Jolivaldo Freitas
Valber Roberto Carneiro Carvalho
Suely Maria Temporal Soares
Carmelito Walter de Almeida
Suplente: Paulo Nunes
Suplente: Isidro Octávio Amaral Duarte
Suplente: João Leite

CONSELHO FISCAL

Jorge Vital de Lima
José Pedro Daltro Bittencourt
Heloísa Gerbasi Sampaio
Suplente: Wilson Luiz Midlej Silva
Suplente: Luiz Hermano Abbehusen

ABI – REGIONAL NORTE/NORDESTE

Presidente: Jair dos Santos Cezarinho

ABI – REGIONAL SUL

Presidente: Maurício Maron

Sumário

14

Demóstenes Teixeira

Repórter de sucursal aos 22 anos.



6

Agliberto Lima

A arte de dominar a situação numa cobertura.



20

Gideon Rosa

Entre a redação e o palco.



26

Jaciara Santos

Obrigação de ouvir todos os lados.



36

João Santana

De Tucano para a Guerra das Malvinas.



44

July Isenssé

A colunista social com fontes em todas as áreas.



50

Pedro Daltro

Pioneiro das assessorias de imprensa na Bahia.



56

Sérgio Gomes

Defesa do jornalista polivalente.





FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

Aos 22 anos, o soteropolitano nascido em 1951, Agliberto Correia Lima - Bel para os amigos -, já integrava o time de fotógrafos de O Estado de São Paulo, iniciando seu trabalho na sucursal do jornal paulista em Salvador, na década de 70.

Seu primeiro emprego foi o de arquivista no Jornal da Bahia. De tanto organizar radiofotos do mundo inteiro que chegavam ao jornal, decidiu que queria também produzir aquelas imagens que ilustravam a mídia impressa. Fez curso de laboratório fotográfico, comprou uma máquina Pentax e pediu uma chance ao chefe de reportagem do Jornal da Bahia, Fred Simões. Não parou mais e o desejo que tinha no início da carreira, se concretizou: através da Agência Estado, as fotos de Agliberto correram o mundo. Entre elas, a sequência exclusiva do acidente de Michael Schumacher, em Interlagos, em 2004, e as imagens das raras ararinhas azuis, capturadas pela sua lente no Raso da Catarina. Ele ganhou prêmios e já realizou duas exposições fotográficas na Inglaterra.

A trajetória de Bel é um bom exemplo do repórter fotográfico de jornal diário que não mede dificuldades para obter a melhor imagem e precisa ter o domínio da situação quando vai para uma cobertura. Para esse depoimento, mesmo editando a revista, me voluntariei para conduzir a entrevista por ter sido colega de Agliberto durante anos no Estadão. Convidei para participar da conversa nosso antigo chefe, Carlos Navarro, e o amigo e repórter-fotográfico Xando Pereira, que durante muito tempo atuou como fotógrafo da sucursal da Folha de São Paulo na Bahia, na época que Bel estava no Estadão.

O fotógrafo *nunca deve estar satisfeito* com o que tem. Dois minutos depois, *pode ter uma foto melhor*’

Sua família morava no interior antes de vir pra Salvador. Como foi essa mudança?

Nasci em Salvador [em 1951], mas meu pai foi para Alagoinhas e levou a família. Todo mundo pequeno, moleque, 2, 3 anos. Ele era militante do Partido Comunista. Acho que o partido deu a ele a missão de organizar as Ligas Camponesas de lá.

Teve uma formação normal em termos de educação?

Fiz o primário em Alagoinhas e, em 1964, com a história do golpe militar, meu pai, para não ser preso, jogou todos os documentos dele fora e entrou num caminhão que transportava cereais para São Paulo. Meu vínculo com São Paulo começou aí. Com Mário da Borracha, como ele era conhecido lá, fugindo para São Paulo. Ele foi sozinho. No final de 1964, a gente foi de ônibus para São Paulo. Minha mãe ficou [na Bahia] cuidando dos negócios dele para vender. Ele tinha uma loja de autopeças.

Ficaram em São Paulo até quando?

De lá só sai com 18 anos [em 1969] para servir o Exército. Pedi transferência e vim servir na Bahia. Com medo daquele clima político que já tinha.

E quando saiu já foi trabalhar no Jornal da Bahia? Foi seu primeiro emprego?

Exatamente. Nessa época, minha irmã mais velha, Maria [Palácios], já trabalhava na pesquisa do Jornal da Bahia, com [José Henrique de] Castro. Ela e o marido resolveram fazer o curso de sociologia em Liverpool, na Inglaterra. Ela me indicou para a vaga na pesquisa e assim fiz meu primeiro vínculo com o Jornal da Bahia, com Castrinho.

Fazia o quê?

Recebia aquelas radiofotos do mundo inteiro e organizava os arquivos. Ai, pensei tempos depois que não era exatamente aquilo que eu queria. Falei: gostaria muito de fazer algumas dessas fotos. Então, comecei a futucar, pra ver como poderia passar para a fotografia. O Fred [Frederico] Simões, chefe de reportagem, conseguiu que eu fizesse algumas experiências como fotógrafo. Eu tinha comprado equipamento para exercitar. Comprei, em módicas prestações, uma Pentax. E mostrava a Fred algumas das fotos que fazia. A primeira coisa foi montar um laboratório para revelar. Fiz o curso de Laboratório do Sesc ou Senac do Aquidabã e o básico de fotografia. Depois, montei o laboratório em casa. Já levava as fotos ampliadas,

bem elaboradas, para impressionar [rs]. E o Fred, claro: “Não, pode vir”.

Lembra a primeira foto que fez para matéria do jornal?

Era uma foto de desmatamento urbano. Saiu na primeira página e ele [Fred] gostou muito. Nessa época [início da década de 1970], a Zilah [Moreira] e o [Carlos] Navarro estavam estruturando a sucursal do Estadão. Navarrinho e Zilah trabalhavam no Jornal da Bahia. Então, foi mais ou menos natural minha ida para o Estadão.

E você, Navarro, precisava de um fotógrafo e Bel era, digamos assim, um iniciante. Por que você escolheu ele?

CN -Tinha uma pessoa lá, que não me lembro, que me dizia: “Esse menino é bom fotógrafo”. Ai a gente começou a pegar ele para fazer freelas. A sucursal foi aberta em 1973, mas Bel foi antes, em 1971, talvez 1972, no máximo. Mas desde o começo, a gente pedia foto a ele.

Logo em seguida, em 1973, o Estadão montou um escritório na Rua Chile. Ai [aos 22 anos] fui trabalhar, de fato, como fotógrafo.

E foi você que montou o laboratório da sucursal?

Acho que passei um tempo revelando os filmes em casa, no meu laboratório. Mais na frente, pegamos o banheiro da sucursal e montamos o laboratório.

Você tinha necessidade de levar o laboratório nas viagens pelo interior?

Muitas vezes, eu levava na esperança de [revelar e] mandar as fotos de ônibus. Antes do advento do famoso telefoto que Navarrinho sequestrou [história contada na 2ª edição da revista], a gente preparava as fotos, corria para o aeroporto e despachava. Havia um voo da Varig que saía 5 e meia, 6 horas da tarde. Tinha que chegar na fila de embarque antes, achar um passageiro disposto a quebrar o galho e levar o envelope [com as fotos]. No início, o jornal tinha um contrato com a Varig. A gente conseguia que o piloto ou alguém da tripulação levasse o filme. Quando não encontrava o piloto antes do embarque, tinha que ser um passageiro. E torcer para que ele não sumisse com o material. Às vezes, o povo de São Paulo não chegava a tempo de encontrar o passageiro, mas ele deixava [o envelope] no balcão da Varig.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Acima, enterro de “anjinho”, zona rural de Serrinha-Bahia.
 ► Ao lado, telefoto com legenda escrita à mão no papel fotográfico. Crianças da área contaminada pela Cobrac.



Sobre os riscos da profissão, aquela matéria que fizemos em Conceição do Coité, em 1989, do sequestro de um ônibus por assaltantes. As fotos renderam um prêmio Cofic para você. Na sucursal, no 9º andar do edifício Martins Catarino, existia uma história que o repórter não deveria esperar o elevador no final do expediente, porque era comum Navarro arrumar uma pauta para ser feita. Emiliano José, para evitar isso, descia pela escada. Aí, um dia, no final do expediente, Navarro recebeu ligação do interior, mandou alugar um carro e correr para lá.

Chegando [à noite], encontramos o ônibus na praça da cidade com passageiros e assaltantes dentro. Porra, não perdemos a viagem [rs]. Durou a noite inteira. Na manhã seguinte conseguiram um Monza pra quadrilha fugir. Até saírem do ônibus já tinha uma bela história [jornalística] com boas fotos, os caras ali na janela, passageiro chorando.

Eles permitiam que você chegasse perto para fotografar?

Na verdade, eles não permitiam, a gente chegava. Quando apontavam o revólver, a



Quando apontavam o revólver, a gente falava: calma, sou fotógrafo. Mostrava a câmera.



▲ Acima, casa de taipa na zona da seca.
◀ Ao lado, trabalho infantil no interior da Bahia. Imagens integraram exposições internacionais de Agliberto.

gente falava: calma, sou fotógrafo. Mostrava a câmera. Quando se entra numa situação dessas, é melhor ter certeza do que está fazendo. Se olhar para a cara do cara e ver que ele está olhando feio pra você é melhor ficar longe. Mas, caso contrário, você encosta. Aí, no dia seguinte foi aquela história trágica. A PM matou todos eles, só um escapou.

A gente passou a noite na praça, sem dormir, esperando o desfecho. Na fuga, os pneus do Monza estouraram, eles saíram do carro e pegaram como refém o filho do sujeito de um sítio. Você próximo, ouvindo a conversa dos policiais com os assaltantes.

Eu estava ali esperando uma brecha para

entrar e ver o que ia acontecer. Quando a polícia saiu com alguns deles, levou lá para o meio do mato e não deixou que eu acompanhasse. Falaram: “Você não vai, não. Fique aí!” Daqui a pouco veio barulho de tiro. Mataram todos. Saíram na intenção de matar os caras. Levaram para uns 50 metros no fundo da casa. Mas eu fiquei ali do lado, ouvindo toda a história deles, doido pra ter uma brecha, entrar no meio e fazer minhas fotos.

Uma outra história interessante que também rendeu outro prêmio Cofic para você foi a história do sequestro do bispo de Juazeiro, dom José Rodrigues, em dezembro de 1986. Na ocasião, Navarro também estava.

A gente estava, se não me engano, a uns cem quilômetros de Juazeiro.

CN – A gente estava voltando de Jacobina. E quando passou em Capim Grosso, ouviu no rádio a história de Juazeiro. Isso era umas 9 horas. Fomos os primeiros jornalistas a chegar lá. A gente estava numa Brasília e rodou a 140 por hora. Chegamos antes de meio-dia.

Lembro que [na ponte Presidente Dutra] tinha uma caçamba cheia de aço com a polícia de um lado e outra caçamba com policiais lá de Petrolina e o bispo no meio, com as mãos para cima, coitado. Acho que ele foi negociar e pegaram o bispo.

E a aventura da ararinha azul?

No início da década de 1980, a ararinha azul estava em extinção na Bahia. Restava um pequeno grupo no Raso da Catarina. Para essa matéria, eu e Navarro fizemos base em Paulo Afonso. Conseguimos saber que elas estavam indo comer o licuri, o fruto da palmeira, numa determinada área da caatinga. Percebi que eram ariscas, não permitiam a aproximação. Uma delas não se alimentava e ficava de “vigia” no alto de uma árvore seca. Com a aproximação do grupo, a ararinha azul vigia dava um alarme e elas todas batiam em revoada para o alto da árvore. A solução foi montar uma “cabana” com madeira da mesma vegetação, próximo a essa árvore onde elas se reuniam. Passei uma noite na cabana para fazer a foto no dia seguinte. Uma viagem, muitas horas sobre um trator e outras tantas andando na caatinga. As fotos foram publicadas em dezenas de jornais mundo afora. Até recentemente eu guardava um exemplar do jornal Asahi Shimbun, do Japão.

XP – E como é que você conseguiu entrar no quarto de UTI de Irmã Dulce?

Foi no dia que ela morreu?

Não, antes. Não lembro direito qual foi a história, mas a gente tem que se fazer de morto, né? Fazer cara de triste. Fazer um jogo, não pode bater de frente com ninguém senão eles não deixam.

Mas você entrou lá escondendo a máquina fotográfica?

Não precisa estar ostensiva, mas também não precisa esconder. Tem que entrar como se fosse alguém muito preocupado, querendo visitar, ser útil ali de alguma forma.

XP – Bel esteve lá de manhã. Fui à tarde. Quando cheguei a moça disse: “Não, já fotografaram aqui. Não pode fotografar mais”. Eu: mas as fotos não prestaram. Tem que fazer de novo. Aí, a moça criou o maior bafafá. Vi a porta entreaberta, botei a câmara por cima, fotografei de um lado pro outro. Irmã Dulce lá, deitadinha. Arrumei um jaleco branco para ir lá com a máquina debaixo do braço e uma lente 28 milímetros para não perder nada. No outro dia descobri que quem tinha estado lá de manhã tinha sido Bel.

Eu desconfio que o pessoal lá já conhecia a gente. Várias vezes a gente fotografou ela.

Esse tipo de burla, se passar por alguém para entrar num local, era comum na atividade de vocês?

Tem que fazer uma expressão que está tudo normal, que está bom aquilo ali. Não pode bater de frente. Aí você vai chegando de fininho.

Agora é mais fácil porque tem o celular, máquinas menores...

Naquela época era mais complicado porque os filmes não tinham ganho de luz e não podíamos usar o flash porque chamava a atenção.

Um de seus focos no Estádio era registrar a degradação do Pelourinho antes da reforma.

A editora de Cultura do Estádio dava muito valor a essas coisas do patrimônio, degra-

dação. Coincidiu que morei uma época na Rua do Passo. Então, conhecia todo mundo. Desfilava com a câmara sem medo da bandidagem porque também era do bairro, digamos assim. Por isso mesmo conseguia fazer as fotos, entrava nas casas, fazia aqueles incêndios criminosos que existiam. Quando queriam desocupar uma casa, botavam fogo primeiro.

Na profissão de fotógrafo, além da técnica, o profissional precisa ter sorte?

Acho que tem que ter um pouquinho de cada, mas o principal é a informação, saber o que está acontecendo ali, o que é importante ali. E investir no que você acha que deve ser investido. Sorte é consequência. Não sei se Xando concorda. Você nunca deve estar satisfeito com o que tem. Dois, cinco minutos depois, você tem uma foto melhor. Enquanto estiver fazendo aquilo, tem que estar com muita atenção.

XP – Também acho. Tem que estar focado. É o que Bel falou no início, você tem que ter a informação, o que é que está acontecendo ali. Fazer sua pré-edição no ato da fotografia.

Para vocês que começaram com filmes, a máquina digital deve ter sido uma maravilha.

Na verdade, foram mudanças gradativas. Antes da câmara digital, quando a gente viajava não precisava mais levar laboratório. Apareceu um *scanner* que escaneava

FOTO: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

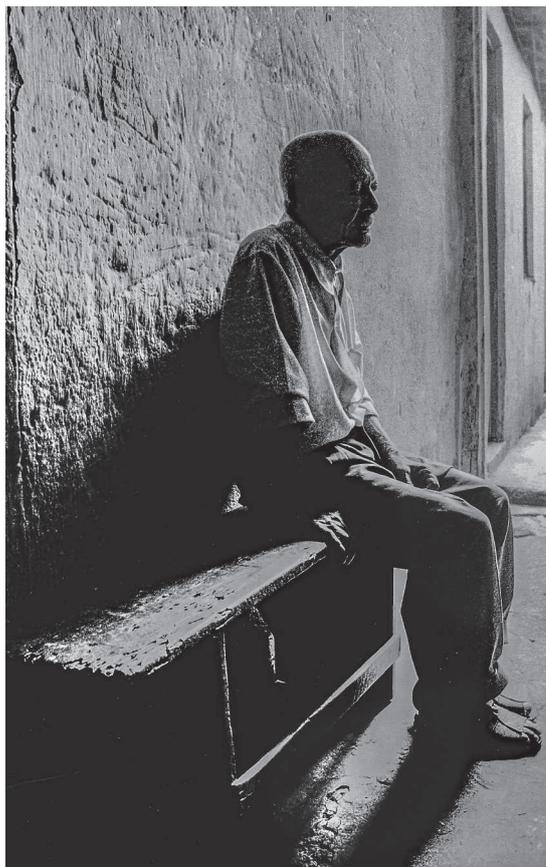


◀ Registro de um dos incêndios no Centro Histórico de Salvador.

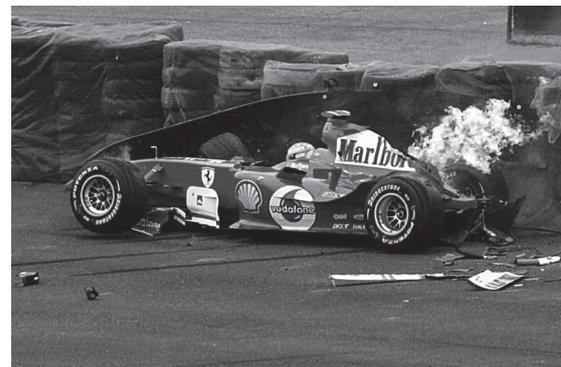
► Ao lado, Pastinha, mestre de capoeira.
▼ Abaixo, o famoso trio-elétrico “Saborosa”, um dos símbolos do carnaval dos anos 70 em Salvador.



► Ao lado, flagrante da morte do jogador Serginho do São Caetano, no estádio do Morumbi.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Acima, telefotos da sucursal do Estádio: show de João Gilberto. Glauber Rocha, Roberto Santos e ministro Ney Braga. Da fase paulista, o acidente de Michael Schumacher em Interlagos, em 2004.

o negativo e era um pouco maior que um laptop. Lembro que fui acompanhar a Seleção Brasileira no Japão e viajei com químicos, imagine. Para o cara deixar você entrar com aqueles químicos prontos para revelar filme, era uma complicação. Além disso, os filmes tinham que ser levados em um saco forrado a chumbo porque, se passasse no raio-x, velava. Começamos a ganhar com essas mudanças, de não precisar levar laboratório. Então, quando chega a câmara digital, é covardia. Viajava com uma sacolinha pequena, um computador e uma câmara.

Você tem uma foto famosa de um jogador do São Caetano que morreu em campo, em 2004. Como foi?

O São Paulo tinha acabado de colocar antenas de conexão. Fui fazer o jogo [São Paulo x São Caetano] e no intervalo todo mundo foi para a sala de imprensa para transmitir. Fiquei no gramado testando a conexão. Nos primeiros minutos do segundo tempo, teve a história da morte do Serginho. Só eu estava lá. O jogador do São Paulo, Grafite, deu um pulo para trás. E o Serginho caiu aos pés dele. Fotografei aquilo. Ele fez uma expressão de

dor. Todo mundo que olhava pra Serginho se assustava. Falei: porra, aconteceu uma merda grande ali. Aí fotografei. Para o fotógrafo, só ver não basta, tem que fotografar.

Foi o caso de outra foto exclusiva sua, o acidente de Michael Schumacher, em 2004, em Interlagos.

No último minuto da tomada de treino para a corrida, estava conversando com um amigo, Orlando Kissner. Eu dizendo assim: Orlando, deve ser a última volta. Acho que vem uma Ferrari, deve ser o Schumacher.

IMAGEM: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

'Assalto informal' cresce e assusta em São Paulo

Fotógrafo do Estado ficou das 10 às 17 horas na Rua Martinho Prado, 212, Centro, e presenciou 6 assaltos, ontem, de menores contra mulheres. Essa espécie de 'assalto informal' está em expansão. Nos últimos 30 dias, menores armados com cacos de vidros ou ferros assaltaram 172 mulheres. A polícia tem um levantamento dos pontos mais perigosos. **Página C1**
Agliberto Lima/AE



O menino se aproxima e exige dinheiro,...



...apanha R\$ 10 pela janela entreaberta,...



...mas resolve roubar também a carteira...



... e depois se afasta, conferindo seu ganho

▲ A sequência de fotos registrando um assalto de menor a motorista no centro de São Paulo.

Vinha em velocidade grande, não freou para entrar na Curva do Pinheirinho. Passou direto e eu: vai bater, vai bater. Ai comecei a fotografar. Quando olhei no lado, o Orlandão não estava mais lá, eu estava falando sozinho. Olhei em volta, não tinha ninguém, só eu. Esta foto rodou o mundo. Alemanha, diversos jornais, Japão, Europa inteira.

Quando mudou pra São Paulo?

Quando o jornal começou a enxugar, fechar as sucursais [meados dos anos 1990], o diretor de fotografia, Hélio Campos Melo, que me conhecia de outras coberturas, me ligou: "Baiano, vem pra cá. Isso aí vai fechar e tal". Sabe de uma coisa, eu vou. E assim, já tenho 28 anos em São Paulo.

Você destacaria alguma cobertura marcante além das já citadas?

Era comum em São Paulo assaltos de adolescentes a mulheres paradas no trânsito. Eu morava no Bexiga e tinha um restaurante que gostava. Antes de ir para o jornal, parei lá para almoçar. Pelo vidro do restaurante, vi um grupo de garotos. Quando o sinal parava o trânsito, escolhiam as mulheres e assaltavam. Eu não tinha lente grande ainda. Liguei para o jornal. Em dez minutos chegou uma lente 400 milímetros. Fiquei a tarde inteira fotografando. Foram mais de trinta assaltos que fotografei. No dia seguinte a polícia de São Paulo inteira estava ali. Deu um "cineminha": oito, dez fotos na primeira página. Aí, queriam me especializar nessa área [rs]. Fazer assaltos. Eu disse, não.

Convidei Xando [que atuou na sucursal da Folha de São Paulo] para essa entrevista para perguntar se havia rivalidade entre os fotógrafos das sucursais.

Não. Xando, responda aí. Comigo não tinha, não. Eu era amigo do Oldemar Victor, que era do Jornal do Brasil.

XP - Comigo nunca teve, não.

Entre colegas não tem isso [de rivalidade], não. Pode ter entre empresas, né? Claro que, se você tem uma foto exclusiva, você não vai dividir com ninguém.

XP - Por exemplo, na greve de fome de dom Luís Cappio [na cidade de Barra, em 2005, contra a transposição do Rio São Francisco], ele foi celebrar uma missa. Ele estava em greve de fome. A foto era ele com a hostia, né? O cara vai furar a greve de fome.

Minha câmera quebrou, deu um pau. Aí o menino da AFP [Agência France Press], de Brasília, Eraldo, meteu a mão no bolso e me disse: "tome aqui a chave do meu carro. Embaixo do banco do carona tem uma câmera, pegue lá pra você". Porra, só parceiro faz isso! Ele não me deixou ficar sem a foto. Era a câmera reserva dele.

Eu não conheço nenhum que eu possa dizer: "esse cara é escroto demais. Não dá nem pra conversar". Todo mundo ajuda um ao outro.

Além do Jornal da Bahia e do Estadão, onde mais você trabalhou?

No Estadão foram mais de trinta anos. Também trabalhei em São Paulo, no Diário do Comércio, na Veja, na Vejinha e na Época.

O que aconselhariam a quem quer ser repórter fotográfico?

XP - Hoje, eu aconselho a não seguir, porque o mercado está muito ruim. Eu tenho [no A Tarde] uma equipe de cinco jovens fotógrafos e vejo as dificuldades deles. O jornal não contrata mais fotógrafos. Todo mundo é MEI [Microempreendedor Individual]. O equipamento, a manutenção é do MEI. O seguro do equipamento, o MEI tem que pagar. Então, está muito difícil. Bel ligou, o Estadão mandou uma teleobjetiva de 400 milímetros, que custa mais de R\$ 60 mil, em dez minutos. Para o MEI ter uma lente dessas vai ter que ralar muito.

É complicado porque é muito caro o equipamento. O salário não compensa. Tem muita gente que vem formado da escola, fez doutorado, pós-doutorado em fotografia, mas não tem onde trabalhar. Espero que essa crise toda seja passageira. O que você vê são jornais encolhendo. As bancas aqui de São Paulo vendem tudo que você possa imaginar, menos jornais.

Você teve ídolos, alguém com quem aprendeu?

Em esportes, até hoje, meu ídolo é Orlando Kissner. Primeiro, é o melhor fotógrafo de futebol. Às vezes eu ia para o interior fazer jogo com ele só para ajudar a revelar filme. Mas, no fundo, queria ver as fotos no momento do clique. Na Bahia tem uma equipe boa. Era muito amigo do [Oldemar] Victor, a gente conversava muito sobre fotografia. Gosto muito do trabalho do Gildo Lima. A Bahia é um celeiro de bons fotógrafos. É impressionante. O Xando, o Artur Ikissima, Fernando Vivas, Luciano Andrade [falecido em 2021]. ■

Estamos fechados temporariamente para obras de restauro.

**Mas você pode visitar o
Museu de onde estiver!**

Faça o tour virtual:



museudamisericordia.org.br

[@museudamisericordia](#)



SantaCasaBA

Museu da
MISERICÓRDIA



FOTO: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO

Demóstenes Lima Teixeira, sergipano de Frei Paulo, terra de “coronéis” no passado, fez carreira profissional no jornalismo baiano a partir dos anos 1970. Ainda estudante da Faculdade de Comunicação, em 1974, foi trabalhar na Tribuna da Bahia. Depois, em 1979, na implantação do Correio da Bahia. Em seguida, era efetivado como repórter da sucursal do jornal O Estado de São Paulo, aos 22 anos, onde ficou até 1988. A partir de então, sua trajetória deu uma guinada. Foi trabalhar na Coelba com Orlando Garcia, amigo de Antônio Carlos Magalhães que, depois, tornou-se um de seus desafetos. Na campanha pelo governo do estado de 1990, ia trabalhar com o candidato da chamada “oposição”, mas teve o nome vetado. Indicado, então, para a campanha de ACM, foi aceito e se transformou num dos principais colaboradores de Magalhães, assumindo a chefia do Correio, onde permaneceu por 17 anos. Nesse depoimento impactante, concedido na sede da ABI ao jornalista Kau Rocha, Demóstenes abre a caixa de pandora, revelando detalhes dos escândalos dos grampos ilegais de ACM e da violação do painel do Senado. Fala das brigas com adversários e admite, sem nenhum tipo de subterfúgios, que o Correio era um jornal politicamente parcial e que tentou “compensar” essa linha melhorando as outras editorias, tendo lançado um caderno histórico-cultural que marcou época, o “Correio Repórter”. Também participaram da entrevista os jornalistas Ernesto Marques, presidente da ABI, e Humberto Sampaio.

O Correio era um *jornal parcial* que representava uma *corrente política*

Qual sua origem, Demóstenes?

Sergipano de Frei Paulo, jornalista desde 1976. Fiquei muito pouco tempo em Frei Paulo. Minha família foi para Aracaju por causa de uma situação interessante. Meu pai era tipo um cabo eleitoral do PSD, adversário dos udenistas. Dono de farmácia. E a farmácia era um ponto de encontro dos políticos. O chefe político local, o coronel Euclides Paes Mendonça, mandava naquela região. Numa disputa política, meu pai foi contra e perdeu a eleição. Logo depois, recebeu dois tiros num atentado. Aí, foi morar em Aracaju com a família. Éramos 14 irmãos.

Como entrou no jornalismo?

Meu pai ouvia a rádio Mayrink Veiga. Aqueles programas com Carlos Lacerda [radialista e comentarista político que, mais tarde, torna-se governador do Rio de Janeiro]. E eu comecei a gostar dessa coisa da política. Em Aracaju não tinha muito o que fazer. Quando sobrava um dinheiro, a gente comprava um jornal do sul do país, muitas vezes do dia anterior. Essa falta do que fazer é que me levou a frequentar uma pequena biblioteca pública. O meu programa era ir lá ler tudo que tinha de romances etc. Comecei esse gosto por ler e escrever a partir disso. Fui para a escola pública, concluí o científico e resolvi fazer jornalismo. E vim para cá [Salvador]. Entrei na Escola de Comunicação, acho que em 1974. Sou da turma de Emiliano José e Oldack Miranda.

Da Escola de Comunicação foi para a Tribuna?

Paulo Roberto Sampaio também estava iniciando o curso de Jornalismo. Acho que no final do primeiro

semestre, no início do segundo, me chamou para fazer um estágio na editoria de esporte da Tribuna. Nesse período, tem algo que eu não esqueço, que foi a morte de Elvis Presley. Morreu em agosto de 1977, no final da tarde. O pessoal do segundo caderno já tinha ido embora. E, a pedido de João Ubaldo, Otto Freitas foi encarregado de fazer o caderno. E Carlos Borges [da editoria de Esportes] fez algo que não esqueço. Pelos teletipos da AP (Associated Press), chegavam aquelas mensagens: *Memphis urgente! Memphis urgente! Morreu Elvis Presley! Morreu Elvis Presley!* Ele pegou o fac-símile, e deu como manchete. Fotografou e publicou aquilo no jornal. Achei muito interessante. E me marcou tanto que, até hoje, sempre que vejo: *“mais um ano sem Elvis”*, lembro daquele dia e de Carlos Borges. Logo depois, eu fui convidado para ir para a reportagem geral da Tribuna. A equipe tinha Raimundo Lima e Valdemir Santana. Otto Freitas era o secretário e João Ubaldo o editor-chefe. Comecei fazendo plantão, trabalhava a partir das 17 horas. O interessante é que, como na época se ganhava pouco, Joaci Góes resolveu, para estimular, criar um prêmiozinho em dinheiro pela melhor reportagem do dia ou do mês. E nisto, acabei despertando a curiosidade dos “velhos”, pois ganhava alguns. No início de 1978, ainda novinho, com 22 anos, surgiu a oportunidade de tirar férias na sucursal do Estadão. O Navarro [Carlos Navarro] me chamou para substituir, acho que, Césio Oliveira. E fui ficando. Tirando umas férias aqui, outras ali. No final de 1979, Jolivaldo Freitas foi chamado para ser o chefe de reportagem do Correio da Bahia e me convidou para formar a equipe de reportagem geral.

Você ficou um tempo na Tribuna e Estadão?

Passei um tempo trabalhando no Estadão e na Tribuna. Depois, saí da Tribuna para o Correio e fiquei trabalhando no Estadão e no Correio. Era tão bem remunerado, à época, que me dava ao luxo de viver com o dinheiro que recebia do jornal local e guardava para investimento o que ganhava no Estadão, que era muito melhor.

No primeiro editorial do Correio da Bahia, escrito por Mino Carta, ele previne o leitor em relação à prática política agressiva de ACM. Diz que “embora pretenda ser um jornal objetivo, suas páginas serão marcadas pela presença de ACM, dos seus propósitos políticos e das suas grandes emoções. E ninguém se espante se, muitas vezes, os sentimentos aflorarem mais veementes nas colunas desse jornal”. Como foi esse desafio de estar fazendo jornalismo num jornal claramente posicionado politicamente?

Antônio Carlos convidou Mino Carta para dirigir o jornal. Ele tinha sido demitido da Veja. Não aceitou, mas disse: “Vou escrever para você o que deve ser esse jornal e qual deve ser a postura sua nisto”. Ele fez um projeto e mandou. Ele não escreveu um editorial, entendeu? Foi publicado como se fosse o editorial. A equipe inicial do Correio é muito interessante. Grandes jornalistas que trabalhavam no Rio Grande do Sul. O editor-chefe, Sérgio Toniello. Eles eram originários de editoria de Esporte. Fui conversar com eles que, do ponto de vista político, eram de uma inocência que assustava. Achavam que iam fazer um jornal imparcial. E eu: “Esqueçam isso, não há a menor possibilidade de fazer jornal dessa forma com Antônio Carlos”.

No primeiro número, quase que o jornal não ia para a rua por algo absolutamente simples. Antônio Carlos guardou uma informação tola: a descoberta de uma mina de ouro na Bahia para ser a manchete do primeiro número. Roberto Santos era o governador à época. E foi feita uma página política falando dele [inimigo de ACM]. Antonio Carlos se aborreceu com a foto. Ele estava, assim, com a cabeça um pouco baixa. E a foto de Roberto Santos, que estava com um copo para beber água, assim, altivo. Quase que o jornal, no primeiro dia, não chegava às bancas. Por conta dessa foto. Aí, evidente, eles foram obrigados a se enquadrar.

Como foi efetivado no Estadão?

Fiz uma matéria excelente sobre a visita do ministro da Saúde de Figueiredo a Uauá. Fui pelo Correio e o Césio Oliveira, pelo Estadão. A gente fez uma farra homérica [antes] em Juazeiro com todos os jornalistas. Césio não conseguiu acordar para sair de Juazeiro até Uauá. E ficou me esperando para que eu narrasse o que tinha acontecido para ele fazer a matéria. E acho que, grato – ele estava deixando o Estadão –, me indicou a Navarro. Depois, voltei para a Tribuna como repórter de política, porque sabia que aquela coisa do Correio da Bahia não ia adiante, por conta da interferência política.

E a passagem de colunista da Tribuna, combativo ao carlismo, para a campanha de ACM?

Em 1988, pedi demissão do Estadão. E também deixei a Tribuna. Fui trabalhar com Orlando Garcia na Coelba (Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia). Orlando sempre foi muito ligado a Antônio Carlos. Depois, rompeu com ele e passou para a campanha de Roberto Santos, candidato a governador em 1990. E me convidou. Aí, Domingos Leonelli vetou. Quando ele era coordenador da campanha de Virgildásio Senna a prefeito, a repórter Ivana Braga, que trabalhava na campanha, um dia estava subindo a escada para o palanque e Leonelli embaixo, olhando para cima. Ela: “Qual é, Leonelli, nunca viu calcinha de mulher não?”. Publiquei essa nota quando estava na Tribuna, Leonelli ficou puto comigo e com razão. Quando Garcia me indicou para a campanha, ele disse: “Esse, de jeito nenhum”. E aí, Garcia: “Ele vai trabalhar em campanha. Se não nesta, na campanha do adversário”. Porque ele também era amigo de José Carlos Aleluia, candidato a deputado federal no grupo de ACM. Lá, Paolo Marconi foi escolhido para a campanha: “Quero levar Demóstenes para trabalhar comigo”. A reação foi a pior possível, mas Luís Eduardo Magalhães disse a Paolo: “Se ele topa trabalhar, não tem problema nenhum”. Então, ACM disse a Paolo: “Ele escreveu um monte de coisas contra mim na Tribuna, no Estadão, agora, se quiser chamar, você é o responsável”. Fiz a campanha. Quando terminou, eu tinha um convite para ir para o Jornal do Brasil, em Brasília. E aí, Antônio Carlos disse: “Pô, agora que ganhamos o governo, você vai sair daqui?”. Eu: vou porque preciso de dinheiro para sobreviver. A eleição era novembro e

o cara assumia o governo em março. Ia viver de que até lá? Ele disse: “Não. Você fica aí recebendo o salário da campanha e em março a gente discute o que é que você vai fazer.” Tudo bem, fiquei. Assumi o Correio.

Humberto Sampaio: Quando fui trabalhar na editoria de Política do Correio, em 1999, você me chamou e disse: “Olha, a gente faz assessoria de imprensa pro carlismo, se você tem algum problema com isso, encerre hoje”. Você lembra?

A questão era não permitir a hipocrisia. Era um jornal parcial que representava uma determinada corrente política, não escondia de ninguém isto. Falsa imparcialidade, que A Tarde fazia, à época. Evidente que fazia oposição, mas queria passar a postura de imparcialidade, etc. Eu deixava isto absolutamente claro a todos os profissionais que iam trabalhar lá. E para compensar os leitores, procurei melhorar a qualidade do jornal nas demais editorias. Melhorei o Aqui Salvador e criei o Folha da Bahia, que é a parte cultural, e um caderno que marcou época no jornalismo da Bahia, o Correio Repórter. Na época, foi a melhor coisa que se tinha de jornalismo por aqui. Muitos que trabalhavam e trabalharam no Correio Repórter viraram historiadores, fizeram mestrado, doutorado, tipo Flávio Novaes, Mônica Celestino e outros. Pensei: preciso oferecer aos leitores algo de qualidade – até para compensar as páginas 2 e 3, da parte política – porque, aqui, a gente faz política parcial, não vai tentar enganar o leitor com relação a isso.



▲ Os cadernos Memórias da Bahia, com reportagens do Correio Repórter retrataram personagens e fatos históricos do estado, sendo um dos destaques editoriais do jornal.



Para compensar os leitores, procurei melhorar a qualidade do jornal nas demais editorias.

Os repórteres de política não assinavam as matérias. Era um pacto que você fazia para ficar mais confortável para o jornalista?

Você também não vai encontrar na coleção, durante todos esses anos, sequer uma matéria ou um editorial assinado por mim. Não se assinava nada ali. Eu não ia expor, obrigar a repórter nenhum a assinar matéria sobre isso.

Mas isso não o isentou de responder muitos processos.

Não. Respondi a algo em torno de trezentos processos. Mas nunca fui condenado.

Uma de suas brigas foi contra as queixas do uso do orçamento público para estrangular um veículo de comunicação.

Porque não há razão de o governo do estado sustentar veículo de comunicação. O jornal, se quiser, que vá buscar, na iniciativa privada, dinheiro para sobreviver. Agora, se depende do estado para sobreviver, é porque não tem peso nenhum na sociedade, senão as empresas privadas anunciariam.

O que estou dizendo é que esse folclore surgiu desde o Jornal da Bahia, quando Antônio Carlos era prefeito. Estrangulou o Jornal da Bahia a época? Era nada. Cinco mil exemplares. E por que é que o governo do estado, a prefeitura, precisavam sustentar o Jornal da Bahia?

Na sua opinião, é folclore essa questão do anúncio. Mas, João Falcão dizia que o fisco do estado ia para cima da empresa privada que anunciasse no jornal...

Papo furado. Isso é uma injustiça tola. Até porque tenho as informações desta época, de Orlando Garcia, que era o braço direito de ACM na relação com os jornais. Tinha uma prática absurda. Um jornalista do A Tarde recebia a comissão dos anúncios da Prefeitura. Outro, no Jornal da Bahia, recebia as comissões da coisa. Orlando Garcia recebia comissões da publicidade da imprensa nacional. Assim como há um número grande de jornalistas, hoje aposentados que, à época, tinha uma sinecura na prefeitura, no governo do estado. Tem um TCC,

trabalho de conclusão de curso, sobre essa coisa do Jornal da Bahia. Fui entrevistado e Joca [João Carlos Teixeira Gomes] também. Eu disse - e ele contestou - que a briga com o Jornal da Bahia surgiu de uma coisa estúpida. Joca era diretor da Empresa de Turismo da Prefeitura (Emtursa). Antônio Carlos assumiu a Prefeitura e disse: "Olhe, não vou demitir ninguém, agora, todo mundo vai ter que trabalhar." Joca foi chamado a trabalhar na Emtursa. Se ofendeu. Como editor do Jornal da Bahia, ser chamado a trabalhar? Queria manter a sinecura. Daí é que surgiu a confusão toda com o Jornal da Bahia, quer dizer: uma coisa não tão digna assim, motivou essa confusão toda. Mas, enfim, isso é história. Tem outros, aí, para contar.

Sobre a nota do Correio que iniciou a história dos grampos, foi devido ao suposto caso de ACM com Adriana Barreto?

A investigação começou por conta de Geddel Vieira Lima.

E o grampo no advogado Plácido Faria [procurador federal à época], que namorava a advogada Adriana Barreto na ocasião?

O do Plácido é fato. Alguém chegou pra Antônio Carlos e disse: grampear é simples. Só que ele se aproveitou de uma denúncia que já existia [contra Plácido Faria]. O que aconteceu foi o seguinte: Antônio Carlos era apaixonadíssimo por essa mulher. Aí, ela começou a relação com o Plácido. Foi feito esse monitoramento do Plácido e de Adriana.

O que ACM achou?

Achou um negócio muito bom. Recebia o relatório com todos os telefonemas. E disse: "A gente podia colocar mais algumas pessoas na coisa. Vamos incluir Geddel." E aí, pegou Geddel conversando com um diretor da Odebrecht que, comentando com ele disse: "Esse Antônio Carlos é um bom filho da puta". ACM: "Porra, esse cara xingando a minha mãe!". Puto, me mostra a cópia da transcrição. Eu disse: Ele não quis ofender sua mãe, senador. Ofendeu o senhor. "Não! Vou ligar pra Emílio [Odebrecht]". Eu: Não faça isso, porque Emílio vai chamar esse diretor e vai repreendê-lo. E ele pode passar isso adiante. Mas não deu outra. Ele disse: "Vou ligar": [Imita a voz] "Porra, Emílio, fulano de tal, diretor da sua empresa, xingando minha mãe!". Ele disse: "Não é possível!". "Não? Tenho aqui. Meu serviço de informação apurou". Não deu outra. O sujeito

comentou com Geddel: “Opa! Estou sendo monitorado”. E aí, fez a denúncia.

Mas, o fato é que o grampo era fonte do Correio...

O grampo não era fonte do Correio. Eu ficava sabendo da coisa e, evidentemente, fiz uma nota ou outra. Uma que aproveitei o grampo: quando Prisco Viana, candidato ao governo, foi fazer comício em uma cidade do interior e foi roubado. E se queixou: “Porra, fui roubado no palanque enquanto discursava!”. Achei muito interessante e fiz uma notinha. Aí, Antônio Carlos: “Publique essa porra!”. Publiquei. Essa do Prisco, reconheço.

No momento da violação do painel do Senado, deu muito trabalho construir a narrativa?

Antônio Carlos não conhecia absolutamente nada de tecnologia. Chegou aqui numa quinta-feira. Pegou um papel ofício: “Veja.” Vi uma relação, o nome de todos os senadores: “sim”, “não”, “abstenção”. Eu: O que é isso?. “Porra, é o resultado da votação secreta de ontem da cassação de Luiz Estevão.” Olhei. O único voto absurdo foi a abstenção de Sarney. E o voto da Heloísa Helena, ‘senadora da dignidade’, a favor de Luiz Estevão. E ACM: “Porra, e aquele senador seu, lá de Sergipe?”. Luís Eduardo Dutra. “Quando encontrar Dutra vou falar que a senadora dele votou contra a cassação”. Lá vai eu dizer: Senador, não pode dizer isso, porque alguém violou o segredo. Como o senhor recebeu isso?. “Foi o Arruda” - que era líder [do PSDB] de Fernando Henrique Cardoso. Arruda pegou a lista com uma mulher que trabalhava no serviço de processamento de dados do Senado. Mostrou a FHC e, depois, entrou no gabinete de Antônio Carlos, que era presidente do Senado. “Aqui ó, a votação.” Na semana seguinte ele encontra Dutra: “Provo que sua senadora não votou pela cassação.” Dutra: “Como vai provar? Só se violou!”. E aí surgiu toda esta polêmica.

Naquele momento da denúncia da violação do painel, como foi construir a narrativa em defesa de Antônio Carlos Magalhães?

Era a minha obrigação. Evidente que não havia alternativa. Eu estava lá *pra* isso.

Quando diz assim “eu estava lá *pra* isso”, você encarna, como questão sua. Isso, em algum ponto, colide com os preceitos da profissão, que vai para um lado um

pouco mais romântico. É pragmatismo ou é a vida como ela é?

É a vida como ela é, senhor. Desde o início, deixei claro, quando botei o pé na redação do Correio da Bahia: aqui, vamos fazer jornalismo a partir da página 4. O veículo vai ser porta-voz do grupo de Antônio Carlos Magalhães. O compromisso com o fato passa para segundo plano.

De todos os jornais que você passou, você diria que a conformação era parecida ou, no Correio, foi um momento mais explícito, de estar ali a serviço de um grupo político?

Quando eu estava na Tribuna da Bahia, a Tribuna era porta-voz do grupo do Waldir Pires e refletia isso nas páginas. Topei trabalhar na Tribuna sabendo disso e escrevi nesta linha. Não há a menor dúvida. Acho que qualquer jornalista sabe disso. Entrou [no Correio], eu dizia: o jornal tem determinada linha política. Você vai defender isto, não tem para onde correr. Além do mais, eu era responsável por estabelecer essa linha editorial do jornal.

Mas, quando se enfatiza muito um acontecimento ou se minimiza outro, como as manifestações pela cassação de ACM, isso não é um pouco mais do que ser o porta-voz do grupo?

Você viu isto no A Tarde? Você viu isto na Carta Capital? Você vê isto na ISTO É? Onde você vê isso?

Ouvir o outro lado?

Outro lado? Eu vi A Tarde defender os interesses de Geddel o tempo todo. E não via defender o outro lado, não. Ou procurar saber o que é que o grupo carlista pensava a respeito. Dava porrada. E acho interessante, basta refletir agora sobre o jornalismo que temos atualmente na Bahia. Onde é que está o outro lado? Quem é que ousa contrariar aqui o interesse do governo do estado? Todos estão na mão, os sites políticos todos e os jornais, os veículos de comunicação, todos na mão do governo do estado. Por quê? Porque depende do dinheiro do governo do estado para sobreviver.

Já era assim...

Não. Eu estou dizendo que hoje está muito mais grave do que ontem. Hoje você não vê nada de contestação. Nada. É um problema que existe em tudo que é lugar. Você não vai ver o Estadão, a Veja e tal, por exemplo,

defendendo o comunismo, o socialismo. Contraria os interesses deles. Eles querem ganhar dinheiro no regime capitalista.

Qual o motivo da aproximação de ACM com a cultura e religiosidade afrodescendente?

Voto. Não tem a história de achar que Antônio Carlos tinha esse envolvimento, que queria valorizar a negritude, isso, aquilo, não. Ele olhava é voto. E brigava até com Luís Eduardo, que não gostava desse negócio de abraço e tal. Ele [ACM] abraçava todo mundo, aquele sujeito suadão... Essa proximidade de Antônio Carlos com o candomblé é muito folclore. Gostava muito porque valorizava a Bahia. Ele aprendeu com Edgar Santos a importância da cultura como um negócio econômico, atrair turistas, fortalecer o turismo. Antes de Antônio Carlos, o turismo era um nada.

O que você acha do futuro do jornal impresso e do futuro do jornalismo com essas redes sociais?

Do ponto de vista econômico, jornal impresso acho que não tem futuro. A não ser que algum grupo econômico resolva manter um jornal, sempre deficitário, para ter uma influência e aproveitar essa influência em outro negócio. [Sobre redes sociais] É evidente que, com o tempo, a sociedade vai corrigindo esses abusos. Vai haver uma depuração e vão se qualificar os melhores. Acho que liberdade é sempre bom. Quanto mais, melhor. Com o tempo, a sociedade vai eliminando o que não presta. Ainda estamos numa fase muito inicial dessa revolução que aconteceu, após a popularização da internet e desses veículos eletrônicos de comunicação.

Nessa sua trajetória de 46 anos de jornalismo, você gostaria de destacar algo que não foi tocado aqui?

Acho que o que fiz de bom nesse jornalismo baiano, o que contribui, foi nessa área de cultura, incentivando, eu não diria uma geração, mas um grande número de jornalistas a se qualificaram um pouco melhor. Quando fiz o Correio Repórter, o nível de leitura dos nossos jornalistas era muito baixo. Por exemplo, uma coisa absurda, não encontrei ninguém na redação do jornal que tivesse lido *Os Sertões* [romance do escritor Euclides da Cunha]. Eu acho que isso foi o melhor que foi feito no Correio, neste período da imprensa baiana, na década de 1990, início dos anos 2000. ■

MUSEU DE IMPRENSA

Um lugar de memória



EM FOLHA



EM RÁDIO



EM TV

Olhe para a história através do nosso acervo.



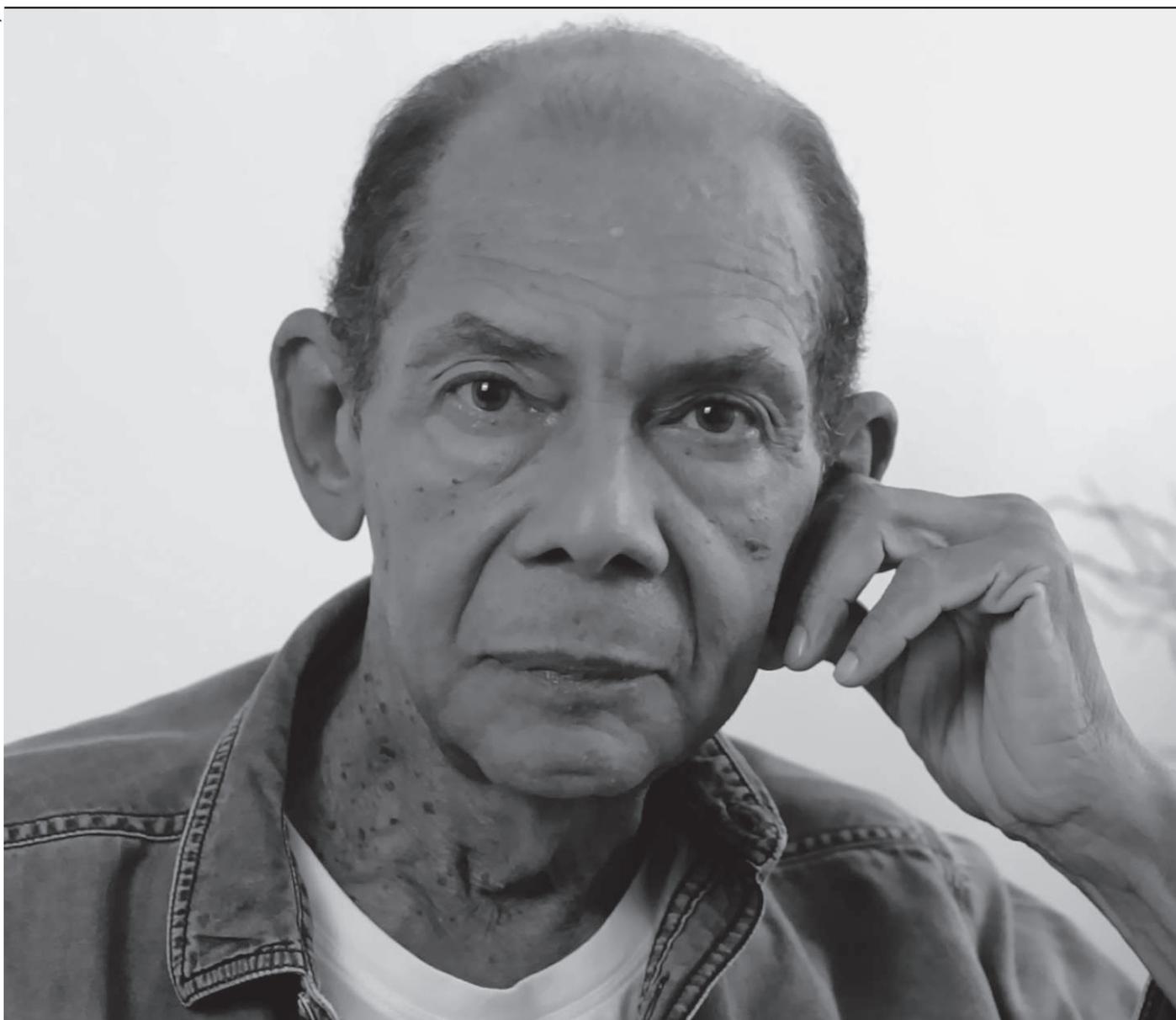
Agende sua visita

E-mail: museu@abi-bahia.org.br

Whatsapp: 71 99620-4014



Associação
Bahiana de
Imprensa



O jornalismo e o teatro dividiram coração e mente de Gideon Rosa desde a adolescência, quando o rapaz de Buerarema (a “princesa do cacau”, como o município do sul da Bahia foi definido na música “Prosoema Pra Ocê Ará”, da Timbalada) passou uma temporada morando em São Paulo, nos anos 70. Foi trabalhar como auxiliar de escritório da Folha de São Paulo e se encantou com o ambiente da redação. Nas folgas frequentava os teatros da capital paulista.

À medida que Gideon amadurecia, a paixão pelas atividades de jornalista e de ator ia crescendo. Mas, ao voltar à Bahia, matriculou-se no curso-padrão da época entre os jovens da região cacauzeira: agronomia. Foi no curso que conheceu Ruy César, que no futuro seria presidente da UNE. Quando Ruy decidiu trocar o curso de agronomia pelo de comunicação da UFBA, teve que se mudar para Salvador. Gideon seguiu os passos do amigo, inscreveu-se no vestibular de jornalismo e passou. Ali começa-

va a dura jornada de estudar e trabalhar para se manter, mas ele não reclamava, encantado com a possibilidade de conhecer novas tribos.

Logo que chegou a Salvador, inscreveu-se num curso livre do Teatro Castro Alves e em pouco tempo estava trabalhando na equipe de recepção da casa de espetáculos. Também arrumou emprego no Diário de Notícias, que funcionava na Rua Carlos Gomes, mesma rua onde Gideon morava e de onde seguia, na “paleta”, para a Faculdade de Comunicação, no Vale do Canela.

Quando entrou no jornal A Tarde foi trabalhar no plantão, cuja jornada começava às sete horas da noite e seguia até o fechamento da edição. Cobriu de desastres a vernissages, até que se consolidou como repórter do Caderno de Cultura. Certo dia, surgiu a chance de trabalhar num filme de Cacá Diegues e a balança pendeu para o lado do ator. Ele conta as aventuras e agruras dessa jornada à jornalista Carolini Assis.

A classe média da Bahia é muito elitista'

Como foi que o jornalismo entrou na sua vida?

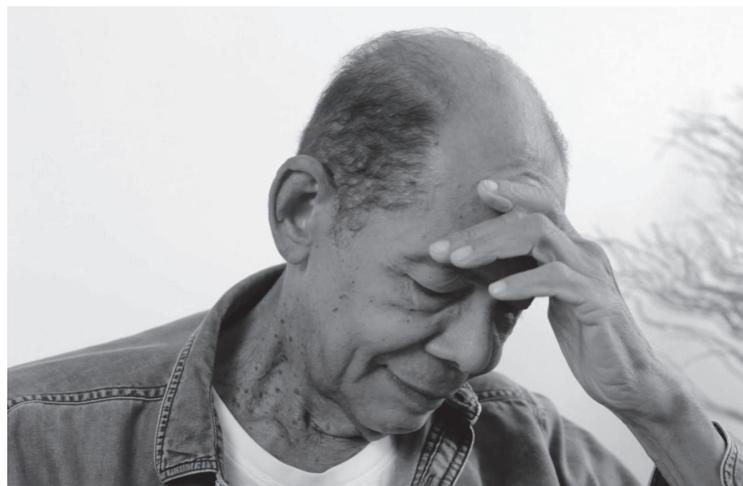
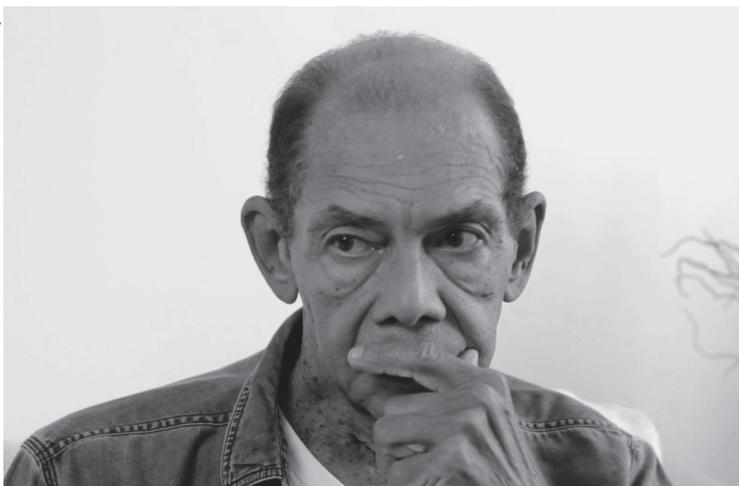
Aos 16 anos, morei um ano e pouco na capital paulista. Nesse período, trabalhei como auxiliar de escritório na Folha de São Paulo. Eu via toda aquela movimentação de jornalistas e era uma coisa que eu gostava, achava apaixonante aquela atividade de jornalismo à moda antiga. Isso foi em 1974. Mas eu era um espectador de teatro. Em São Paulo, vi os grandes nomes do teatro brasileiro. E quando voltei para a Bahia, comecei a fazer teatro. Estudava numa escola que dava acesso a uma literatura latino-americana - cubana, da Guatemala, México. Com a ajuda de uma vizinha minha de origem espanhola, eu traduzia os textos de espanhol para português e, assim, a gente foi fazendo teatro na minha cidade, Buerarema. Fui me apaixonando pelo palco, até o dia em que um colega falou assim: "Você que vai fazer esse texto!". Fiz o texto e nunca mais deixei o teatro. Um dia, eu estava ensaiando na sala de casa e quando terminei, minha avó estava rezando o "Creio em Deus Pai" - essa prece poderosa - ela achou que eu estava possuído pelo diabo.

E o jornalismo?

Fui para a escola de agricultura na qual também estudou Ruy César, que foi da Faculdade de Comunicação. Saiu de lá também e veio para a FACOM e foi quem reorganizou a UNE. Foi meu colega no último ano dele. Era um agitador cultural, político desde

sempre. Como no interior, na época da ditadura, todo mundo era muito alheio ao que acontecia, era raro você conhecer uma pessoa com quem a gente começa a ter noção dos fatos, dessa tensão, da tortura mesmo. Quando terminei o curso, pensei: não vou querer seguir esse negócio de agrônomo, não. Acho que eu vou fazer jornalismo. E aí, outra "odisseia": chegar em Salvador, sem dinheiro, paupérrimo, eu digo: nasci sob a luz do candeeiro. Chegar na cidade foi duro, mas cinco dias depois de ter chegado, comecei a trabalhar como digitador no Jornal da Bahia. Foi bacana. E aí deu para sobreviver os primeiros meses. Depois, fui pro Diário de Notícias e esse jornal é uma história. Era um jornal interessante, o último jornal aqui na Bahia com linotipo. Não sei se as pessoas sabem o que é esse negócio de linotipo. As letrinhas feitas de chumbo. Um tempo muito artesanal.

A primeira matéria que escrevi virou manchete. Achei ótimo isso! Foi sobre esses edifícios enormes que tem na Rua Carlos Gomes. Teve uma confusão lá, as pessoas pagaram e não levaram. E aí pronto, fui mergulhando no jornalismo. Já trabalhava no Teatro Castro Alves. Lá também foi uma escola bacana porque comecei fazendo um curso livre. Depois, comecei a trabalhar no Castro Alves fazendo o receptivo de grupos e produtores do Brasil e do mundo. Não sei como teria sido jornalista sem essa experiência de três anos que tive no Castro Alves.



Como era a Faculdade de Comunicação na sua época?

Uma faculdade pequena no Vale do Canela. De frente, a Escola de Música e a Biblioteca Central da UFBA. Salvador só tinha 1 milhão de habitantes. Era uma cidade diferente, onde você podia andar e tal. Eu morava na Carlos Gomes e ia andando para a faculdade. Era difícil. Eu tinha que trabalhar para sobreviver. A gente tinha aula em várias outras faculdades: Filosofia, Teatro, Música, Letras, Direito, então, eu penso que foi um tempo muito produtivo, muito rico. A gente tinha a oportunidade de se encontrar com as outras tribos dentro da universidade e era tudo muito pequeno. Nossa turma era pequena, todo mundo se conhecia. O jornalismo era elitizado nessa época.

Não tinha aluno pobre...

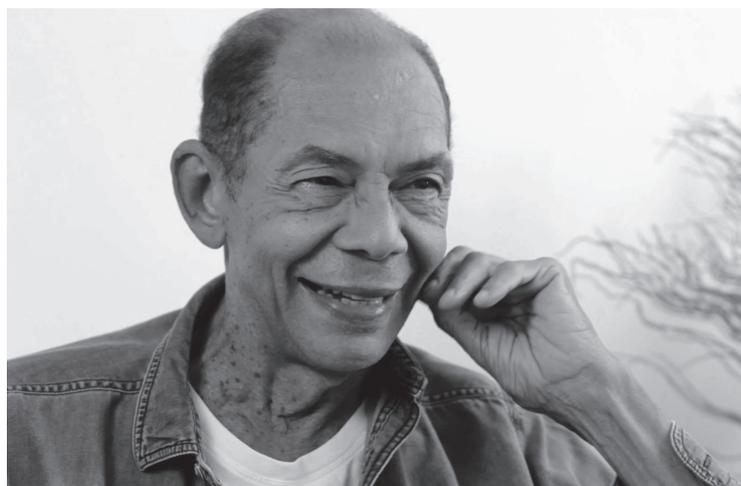
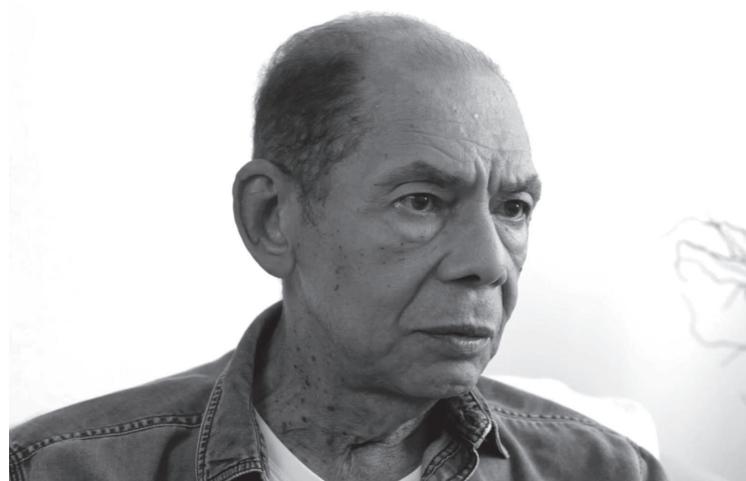
Os pobres pretos eram raríssimos na Facom. Fiquei surpreso de passar no primeiro vestibular. Foi um choque para mim porque eu, muito tabaréu, vindo do interior direto para cá e conhecer esse povo todo classe média de Salvador, fazendo jornalismo... Sofri um pouco. Primeiro porque no sul da Bahia nós temos uma fala um pouco diferente daqui de Salvador. E tinha um colega no [bairro] Garcia, negro legítimo da Bahia, e ele cobrava de mim toda uma cultura negra que eu não tenho, porque no sul da Bahia a gente viveu, por tradição e por história, uma coisa chamada *embranquecimento da pele*. As pessoas no sul da Bahia falam assim: "Você (de família negra) só pode se casar com uma pessoa mais branca que você para ir *limpando a pele!*" Isso é uma vergonha, mas até hoje isso existe no sul da Bahia. E esse colega, Hamilton Vieira, que Deus já mudou da terra, cobrava de mim que eu soubesse os orixás, toda essa coisa. Ele escolhambava comigo: "Você sabe! Você não quer!" Às vezes as pessoas confundem um pouco a coisa.

Por causa da cultura da pele, você é obrigado a ter a cultura negra. Acho isso uma aberração, um absurdo, a pele não é determinante de coisa alguma.

Por causa da cultura da pele você é obrigado a ter a cultura negra. Acho isso uma aberração, um absurdo, a pele não é determinante de coisa alguma. Um suco negro por exemplo, o que você vai fazer com ele? Exigir que tenha toda a cultura dos orixás consigo? Sofri um pouco com isso mas, aos poucos, fui me adaptando. A classe média estudava num único cursinho que tinha no Canela. Eles eram muito bem informados, estudaram em escolas particulares, e tinha um buraco intelectual enorme entre nós - de cinema, teórico e tudo. Foi um tempo muito difícil. A classe média da Bahia é muito elitista. Isso não é nenhuma crítica, é uma natureza. Se a gente for estudar a história da Bahia, a gente entende isso perfeitamente. No final do século 19, início do século 20, a elite daqui se comunicava entre si em francês, adorava isso e já era um modo de se distanciar das outras pessoas. É uma classe média nobre e é difícil ela compartilhar. Quem compartilha melhor na Bahia são os artistas e, quando trabalhei no Castro Alves, tive a sorte de ter acesso a esses artistas. Eles comungam melhor.

Seu primeiro emprego foi como digitador. Como era seu trabalho?

Pegava a matéria do repórter, que era feita numa lauda na máquina de escrever, colocava num "clipe-



zinho”, assim, na sua frente. Era uma época em que estava começando o processo de digitalização das coisas, então tinha uma máquina de escrever IBM que você ia digitando o texto do repórter e ia saindo uma fita impressa. Quando você terminava, o material seguia para o departamento de montagem. O editor dizia onde é que a matéria ficaria e se era para entrar fotografias. Depois era gerada uma lâmina em alumínio e aquilo ia para as impressoras. Era um processo muito artesanal, com um custo muito alto.

Quando você deixa de ser digitador e escreve a primeira matéria?

Cheguei na redação do Diário de Notícias e aí me deram a matéria da confusão com os moradores dos prédios na Carlos Gomes. Acho que eu não tinha seis meses na FACOM, não sabia coisa alguma. Eu era estagiário, mas tinha uma coisa bacana: gostar de escrever. Eu sempre gostei de escrever, tanto é que a gente tinha um grupo literário no interior.

O que você guarda de recordação desse período, com relação ao jornalismo?

Diria que o mais marcante foi encontrar algumas pessoas muito generosas nesse percurso. Pessoas que me permitiram ter acesso à outra língua que não português. Foi nessa época que eu deixei de ser monoglota. Realmente, isso me marcou, pois tive que correr atrás de uma formação que me equiparasse às outras pessoas.

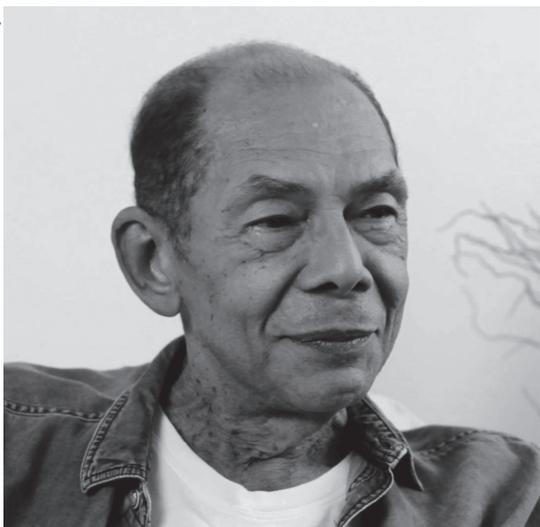
A partir daí você também vai para o A Tarde.

A Tarde é um jornal muito correto! Para trabalhar lá, tinha que ser formado. Uma semana depois que eu formei, fui chamado pelo chefe de reportagem, Chico Ribeiro Neto: “Venha fazer um teste aqui”. Eram apenas oito dias de teste. Ou você ficava ou você ia embora. E aí me contrataram. Fiquei como repórter

plantonista. Esta foi a segunda escola mais fantástica que tive como jornalista. Chegava na redação umas 19 horas. No plantão, às vezes, não acontecia absolutamente nada até o fechamento do jornal. E aí, de repente, chegava um problema. O que fosse, um incêndio, você ia. E foi aí que foi genial porque geralmente, Jorge Calmon, que era da Sociedade Baiana, sempre tinha um bilhetezinho pra gente fazer uma solenidade, lançamento de livro, vernissage de alguma coisa. Mas havia dias muito pesados, de tiroteio, crimes e essas coisas. E um dia, teve a visita, aqui em Salvador, de um ministro da Cultura da França. Lá vou eu entrevistar Jack Lang. Eu ainda não tinha proficiência total em francês, mas tinha ousadia, né? E aí entrevistei Jack Lang. Um dia me tiraram para ir para reportagem geral. Comecei a conhecer o resto da Bahia, viajei muito, muito! A Tarde nessa época era o jornal mais poderoso do Norte-Nordeste. Mesmo depois de sair do A Tarde em definitivo, em 1995, continuei trabalhando lá como *freela*, até o ano 2000. Viajei até para o estrangeiro pelo A Tarde. Foi um jornal que me deu régua e compasso. Encontrei muitas pessoas decentes, jornalistas muito éticos, pessoas que não guardavam o conhecimento só para si.

Naquela época, o A Tarde fretava avião, mandava você ir de qualquer forma. Algo que hoje, infelizmente a gente não tem mais.

A gente pensou que, com o avanço das mídias digitais, o livro fosse acabar, os jornais fossem acabar. Quando vi o Jornal do Brasil se transformar em jornal na internet, achei que esse ia ser o caminho de quase todos os jornais. Eu acho que a gente tem uma dificuldade muito grande de ler hoje. Passei um tempo no interior e tenho um projeto lá. Fiz um centro cultural com sala de leitura, para trabalhar a contação de histórias e leitura para os alunos da Rede Pública. Porque a gente tem uma dificuldade enorme



hoje, ninguém quer ler. E muito menos jornal. Assim, eu confesso, hoje não leio o jornal impresso. É raríssimo eu comprar um jornal para ler. Isso é estranho, né? Porque eu tenho um jornal, leio na minha casa os jornais [na internet]. Então, fico pensando como é que os jornais impressos vão sobreviver. Acho curioso, como é que eles estão resistindo ainda, porque o número de leitores deve ter caído estrondosamente e nós não temos novos leitores. Acho essa crise do jornal muito complexa hoje em dia. Como é que os jornais vão sobreviver, ou insistem em sobreviver? O que é que a Faculdade de Jornalismo está fazendo hoje? Acho que é jornalistas para as mídias digitais, mais do que qualquer outra coisa, porque a gente também vê no jornalismo impresso erros absurdos! Tive o privilégio de estudar Estilística com o professor Raul Sá, que é uma lenda, que a gente tem aqui. Acho que hoje ninguém mais estuda Estilística na faculdade, né? Ele ensinava em Letras. Tinha uma turma só de jornalismo para estudar Estilística, como manejar a língua portuguesa. Era fantástico! E isso redimensionava também o profissional que escrevia.

Quando foi que saiu o jornalista e você se dedicou realmente à vida artística?

Da editoria de Geral, fui para o Caderno 2. Passei os quatro, cinco primeiros anos da década de 1990 trabalhando no Caderno de Cultura. A experiência que adquiri quando trabalhei no Teatro Castro Alves me deu um *feeling* muito bom para pautas, viagens, matérias. Aí apareceu uma seleção para o filme “Tieta”, de Cacá Diegues, em 1995 - eu faço o padre. Bom, eu falei: olha, vou me demitir. “Você é louco! Você vai viver do quê?” Eu: ainda sou ator da UFBA. Dá para ir, dá para levar assim mesmo. Vou arriscar e vou pegar essa oportunidade do cinema. E foi aí que eu comecei. Larguei o A Tarde em 1995 e fui fazer “Tieta”. Foi muito boa essa experiência, porque você começa a

entrar na conversa com artistas de um outro nível, uma tecnologia que é outra. Teatro e cinema são coisas muito distintas. Nesse mesmo ano, eu também fui selecionado para fazer o filme “Central do Brasil”. Foi uma experiência muito gratificante. Disse assim: se eu não largar o jornalismo, vou ficar sempre dividido, nunca vou ter importância como artista. Mas continuei fazendo *freela* para o A Tarde até o ano 2000.

O que é que o ator Gideon diria ao jornalista e o que é que o jornalista diria ao ator?

O jornalista não deve nunca se misturar com os artistas. Você fica muito acuado quando você é jornalista e se mistura com os artistas, pois os artistas são implacáveis com jornalistas. Não é uma convivência harmônica. Há muita incompreensão entre uma coisa e outra.

E o que o ator diria para o jornalista? Que os artistas não devem se importar com o que os jornalistas escrevem. Eles se irritam muito com jornalistas. Acho que é por falta de percepção do que seja o ofício de jornalista. Acho que o jornalismo não é nem uma profissão, é um ofício. Quando um jornalista escreve é apenas uma percepção. Os artistas não têm essa noção de que o jornalista escreve em condições muito adversas, como se estivesse com uma espada na cabeça, sem tempo de grande elaboração e tem toda a sua vida pessoal, ele indo assistir um espetáculo ou não. Os atores não compreendem isso.

Qual é o futuro do jornalismo?

Acho que nós vamos absorver muito bem as novas mídias e até o que está por vir. Creio que daqui a pouco a gente vai começar a fazer matérias com os hologramas. Vamos mexer os hologramas e ver o jornalista dentro de casa. Eu penso que a gente vai ter um declínio do jornalismo impresso. A tela vai tomar o lugar do papel. Isso é inevitável, mas a gente vai continuar lendo. Nem que seja com o *chip* na mão ou na palma da mão. Acho que o ser humano é voraz por informação. E nessa voracidade você não consegue ficar à margem. Então, o que a gente vai ter, realmente, é uma transformação de como a gente vai ter acesso a essas mídias.

Eu penso que nós vamos nos fortalecer, porque também as escolas vão se ajustar a isso. As escolas já estão caminhando muito para isso. Tem muita gente saindo para a área do vídeo, que está cada vez mais forte dentro das escolas de comunicação, e teremos cada vez menos texto. Eu ainda peguei essa fase de se escrever menos. Vi os cadernos de domingo do Jornal do Brasil - que eram pesados, enormes. Depois veio a moda dos textos curtos. Acho que a gente vai ter essa linguagem mais telegráfica, mas creio que a gente nunca vai abrir mão da informação. E para a informação, acho que o jornalista é o cara que está aí, que é dedicado a isso, a cultivar a informação para entregar para o leitor. ■



site

WALTER
DA SILVEIRA

Conheça a vida e obra
do pai da crítica
cinematográfica
brasileira

walterdasilveira.com.br

Acesse as correspondências trocadas
entre ele e Glauber, Alex Viany,
Paulo Emílio Sales Gomes e outras figuras
que fizeram o cinema nacional vingar
como indústria. O conjunto do acervo
segue sob a guarda da ABI e disponível
para pesquisas.

REALIZAÇÃO

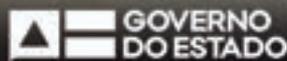
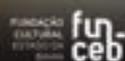


Associação
Bahiana de
Imprensa

In Amis Veritas



APOIO FINANCEIRO



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Transitando por uma área pouco comum para a mulher, a segurança pública, a jornalista Jaciara Santos, ao longo de uma carreira de 45 anos, mostrou como é possível produzir matérias e reportagens empolgantes sem cair em clichês policiais, banalidades e no desrespeito às pessoas que retratava. Ela começou na profissão no Jornal da Bahia, por indicação de um *office boy*, seu vizinho. Passou pela Tribuna e Correio da Bahia. Sua sensibilidade a levou a contar histórias interessantes, algumas até surgidas de pautas desprezadas por colegas como o caso do aniversário do gato. Ela foi editora, chefe de reportagem, pauteira, mas só se sentiu plenamente realizada como repór-

ter. Da persistência de seu trabalho minucioso, surgiu a série de matérias sobre os grupos de extermínio de Salvador, quando, além dos dados levantados sobre os assassinatos de jovens, pretos, moradores da periferia, localizou um garoto sobrevivente de massacre e um matador profissional. Publicada pelo Correio da Bahia., a série rendeu vários prêmios a Jaci, como é conhecida pelos colegas e amigos. Nas matérias policiais sempre procurou ouvir o lado dos presos acusados de cometer crimes, fugindo das versões oficiais como verdade absoluta, método muitas vezes desprezado por alguns companheiros de profissão. O depoimento foi à jornalista Carolini Assis.

A gente tem que *separar* *onde entra* *a amizade* e a relação com a fonte’

Como foi sua entrada no jornalismo?

Eu sempre gostei de escrever, fazia poesia na adolescência, como todo adolescente da minha geração. Sempre tive facilidade para escrever, mas não tinha claro na minha cabeça seguir a carreira de jornalista. Queria fazer algo nessa área, jornalismo ou letras, mas minha mãe queria que eu fosse médica. Então, fiz vestibular para Medicina por dois anos, em 1974 e 1975, mas não passei. Então, na terceira vez, disse: dessa vez, vou fazer Jornalismo e passei. Comecei o curso em 1976 e em 1978 comecei a estagiar no Jornal da Bahia. Nessa época, também fazia o curso técnico de geologia na antiga Escola Técnica Federal da Bahia.

Como era a Facom daquele período?

A faconha? (risos) Era, assim, aquela liberalidade. O pessoal que ficava embaixo da mangueira, mas não tive essa experiência de curtir a Facom. Primeiro, porque fazia escola técnica e quando conclui a escola técnica, em 1977, logo depois eu já fui estagiar no Jornal da Bahia. Meu curso foi bem esticado porque eu não tinha tempo de pegar todas as disciplinas. Passei seis anos para concluir. Eu sou da turma de Emiliano José, Adilson Borges, Oldack Miranda, mas, como eu fui esticando o curso, muitos saíram antes de mim.

Como foi sua primeira experiência como profissional?

Foi engraçado como eu cheguei na redação. Eu morava na Capelinha de São Caetano e tinha um vizinho que trabalhava como *office-boy* do Jornal da Bahia. Um dia, perguntei a ele como era para fazer estágio lá. Ele falou com o chefe e me chamou para ir ao jornal. O chefe dele me apresentou ao chefe de reportagem, Tasso Franco. Era março de 1978. “Venha aqui fazer um teste”. Quando entrei na redação do Jornal da Bahia, uma coisa que me chamou a atenção foi o cheiro. Era um cheiro diferente, um cheiro de cigarro, misturado com café, com cheiro de papel... Vocês não vão acreditar, mas papel tem cheiro. Até hoje, quando falam “uma redação” lembro desse dia. Pensei: Meu Deus! Esse mundo era tudo o que eu queria na minha vida.

Em que editoria?

O “foca” começa na geral, é buraco na rua. Mas, para mim, era uma maravilha fazer aquilo. Lembro que no mês de aniversário do jornal foi feito um caderno especial e me deram uma matéria. Tenho essa matéria até hoje. Era sobre a Praça Marechal Deodoro, que hoje é chamada Praça da Mãozinha, no Comércio.

Eles tinham feito uma matéria sobre a praça vinte anos antes e queriam mostrar como estava na época. Minha primeira matéria assinada, que maravilha, meu nome lá no jornal! Hoje, quando olho, tenho um pouco de vergonha: eu escrevi aquele texto horrível? Depois fui deslançando...

E qual foi a reação da sua mãe quando viu sua primeira matéria assinada?

Minha mãe nunca deu muita importância. Meu pai gostou mais. Ele sempre foi leitor de jornal. Só que ele lia o outro jornal, o A Tarde. Eu era noiva nessa época e meu noivo era superciumento. Um dia ele disse: “Você vai ter que decidir, ou eu ou esse negócio aí que você está fazendo, porque esse negócio de jornalismo só tem puta, viado e maconheiro”. E eu decidi, né? Estou aqui. Entrei no Jornal da Bahia em 1978 e fiquei até 1987, quando fui para a Tribuna. Fiquei lá até 2000. De 2000 a 2009, trabalhei no Correio.

O Jornal da Bahia é minha primeira escola, tive excelentes mestres. Às vezes, misturo um pouco porque teve uma época em que o Jornal da Bahia e a Tribuna funcionavam no mesmo prédio, na Rua Djalma Dutra. Não lembro se eu estava no primeiro andar ou no terceiro. Mas fui chefe de reportagem no Jornal da Bahia, pauteira e repórter.

Que reportagens te marcaram?

Tem a cobertura da greve da Polícia Militar em 1981. Lembro que tinha acabado o plantão, estava bebendo no boteco lá na Barroquinha e chegou a informação de um tiroteio no Largo da Calçada. Todo mundo da redação já tinha ido embora, só estávamos eu, Chico Vasconcelos, que era o chefe de reportagem, e as colegas Isabel Santos e Mônica Bichara. E aí resolvemos ir lá. Quando chegamos lá, já havia a informação de que um policial tinha morrido no confronto e outro baleado. Era, literalmente, uma praça de guerra, fuzileiro naval com armas. Então, começou uma correria. Eu tinha uma filha de um ano e pouco e pensei: Meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui? Minha Nossa Senhora, me ajude! Mas a gente voltou para a redação, fizemos a matéria e demos um furo. Acho que a Tribuna não tinha jornal aos domingos nessa época e o A Tarde já tinha fechado a edição. A gente saiu com toda a história. Essa foi uma das matérias que me marcaram pelo fato da exposição mesmo. As pessoas dizem: “Jornalista é corajoso”. Não sou corajosa, não. Às vezes, me coloco mais pela adrenalina, a necessidade de fazer as coisas. Depois, me pergunto: estou fazendo o que aqui?

E a matéria do gato?

Eu era chefe de reportagem da Tribuna da Bahia. O fotógrafo Mário Bonfim chegou com uma sugestão de pauta: uma senhora que fazia o aniversário do gato. Ninguém da redação quis fazer a matéria, então, eu mesma fiz! E foi muito interessante porque



IMAGENS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▲ Acima, nas reuniões de alunos da Faculdade de Comunicação.

◀ Ao lado, primeiro emprego no Jornal da Bahia.

As pessoas dizem: “Jornalista é corajoso”. Não sou corajosa, não. Às vezes, me coloco mais pela adrenalina, a necessidade de fazer as coisas.



essa senhora vivia sozinha, só ela e o gato, e ela tratava o gato como sendo, realmente, um filho dela, um neto. Pense numa festa com tudo arrumadinho, com tema, contratou músico, tinha gente, todo mundo curtuiu, menos o gato, é claro. Fiz para mostrar aos repórteres que não existe matéria mais ou menos importante. Naquela época, a ABI oferecia um prêmio para a melhor matéria do mês e aí, um belo dia, chegou o prêmio por essa matéria.

Você fez cobertura sobre Irmã Dulce?

Teve uma matéria especial, era uma matéria IP. Não sei se ainda se usa esse termo. Matéria IP significa Interesse do Patrão. Chegamos nas Obras Sociais às 9 horas e disseram para esperar um pouquinho. Sei que a gente espera 9, 10, quando já estava dando 11

horas, eu quase fula - imagine! Eu, "repórter", indo fazer uma matéria com uma freira e ela tirando essa onda toda! Daqui a pouco, chega ela toda bonitinha. Eu crente que ela ia pedir desculpas e nada. Então, eu disse: A gente veio fazer uma matéria com a senhora. Ela: "Não, não faça matéria comigo, não. Fale aqui do trabalho." E saiu com a gente, foi mostrar o hospital. "Fale que eu estou precisando disso, daquilo, não fale de mim, não". E aí, a minha arrogância, a minha vaidade, foi derretendo. Fiquei com uma vergonha da minha arrogância. Eu tinha três ou quatro anos de trabalho, e me achando... Eu saí de lá com aquela lição de humildade e pensei: olhe, baixe sua bola que você não é nada, sabe?

Houve alguma situação de censura a alguma matéria? Você chegou a passar por isso dentro do jornal?

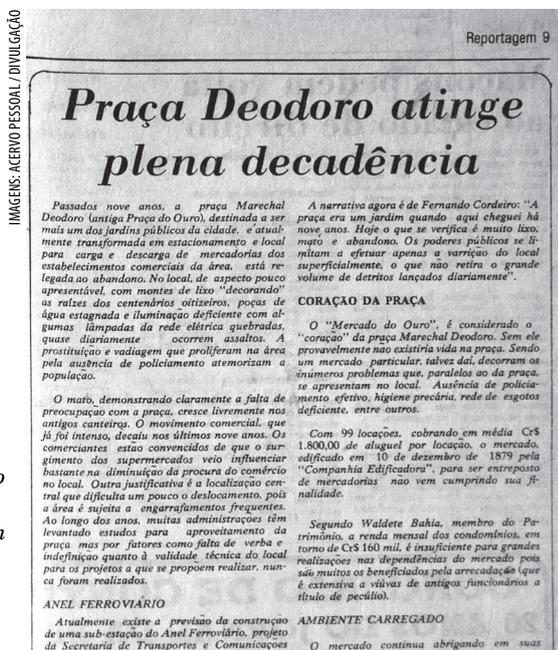
Que eu me lembre, não. Normalmente, quando tem essa censura, ela acontece muito mais no alto, às vezes, nem chega para o repórter, mas, sinceramente, não lembro. Às vezes, acontecia assim: caiu a pauta, mas saber que foi porque teve censura, realmente, eu não lembro. Nem quando eu estava no Correio.

Como foi sua saída do Jornal da Bahia, você foi para Tribuna?

A Tribuna era no terceiro andar e o Jornal da Bahia no primeiro. Estava havendo uma decandada muito grande no jornal e a gente dizia assim: fulano subiu, foi para o terceiro andar. Aí chegou o dia em que fui para o terceiro andar também (risos). Na época, Paulo Sampaio me chamou. Eu era chefe de reportagem no Jornal da Bahia. Já estava insatisfeita por várias coisas, o jornal estava em crise, não oferecia nada de novo e a Tribuna renovando, estava fazendo novos projetos.

Que histórias você viveu com seus chefes quando você era repórter?

Tive chefes maravilhosos, por exemplo, José Barreto de Jesus, Barretinho: até hoje, eu guardo os bilhetinhos que ele deixava para mim elogiando matéria. Tive também como chefes Jadson de Oliveira, Chico Vasconcelos, e meu grande professor, que foi Tasso Franco. Agora, Tasso tem um jeito muito próprio de ser. Para você ter uma ideia: fui fazer uma matéria sobre o dia 4 de outubro, dia de São Francisco. Nessa época, o cardeal era Dom Avelar Brandão Vilela e ele foi dar a bênção aos animais no Parque da Cidade. Fiz o lead e não gostei, fiz outro, outro, sei que fiz onze leads! No décimo primeiro, eu disse: Esse está bom! Tirei o papel da máquina e fui mostrar a Tasso. Ele pegou o papel, leu e depois amassou: "Está uma merda!". Meus olhos encheram de lágrimas, mas ele foi comigo para a máquina e me mostrou como deveria fazer. Ele tinha um método de ensinar, devo muito a ele porque aprendi mesmo, sabe?



Praça Deodoro atinge plena decadência

Passados nove anos, a praça Marechal Deodoro (antiga Praça do Ouro), destinada a ser mais um dos jardins públicos da cidade, e atualmente transformada em estacionamento e local para carga e descarga de mercadorias dos estabelecimentos comerciais da área, está relegada ao abandono. No local, de aspecto pouco agradável, com montes de lixo "descorados" as ruas dos centenas de moradores, poucas de água estagnada e iluminação deficiente com algumas lâmpadas da rede elétrica quebradas, quase diariamente ocorrem assaltos. A prostituição e vadiagem que proliferam na falta da ausência de policiamento atemorizam a população.

O mató, demonstrando claramente a falta de preocupação com a praça, cresce livremente nos antigos canteiros. O movimento comercial, que já foi intenso, decaindo nos últimos nove anos. Os comerciantes estão convencidos de que o surgimento dos supermercados veio influenciar bastante na diminuição da procura do comércio no local. Outra justificativa é a localização central que dificulta um pouco o deslocamento, pois a área é sujeita a engarrafamentos frequentes. Ao longo dos anos, muitas administrações têm levantado estudos para aproveitamento da praça. Outros justificativos é a localização central que dificulta um pouco o deslocamento, pois a área é sujeita a engarrafamentos frequentes.

Atualmente existe a previsão da construção de uma sub-estação do Anel Ferroviário, projeto da Secretaria de Transportes e Comunicações

A narrativa agora é de Fernando Cordeiro: "A praça era um jardim quando aqui cheguei há nove anos. Hoje o que se verifica é muito lixo, mató e abandono. Os poderes públicos se limitam a efetuar apenas a varrição do local superficialmente, o que não retira o grande volume de detritos lançados diariamente".

O "Mercado do Ouro" é considerado o "coração" da praça Marechal Deodoro. Sem ele, provavelmente não existiria vida na praça. Sendo um mercado particular, talvez daí, decorram os inúmeros problemas que, paralelos ao da praça, se apresentam no local. Assuência de policiamento efetivo, higiene precária, rede de esgotos deficiente, entre outros.

Com 99 lotações, cobrando em média Cr\$ 1.800,00 de aluguel por lotação, o mercado, edificado em 10 de dezembro de 1879 pela "Companhia Edificadora", para ser entreposto de mercadorias não vem cumprindo sua finalidade.

Segundo Waldete Bahia, membro do Patrimônio, a renda mensal dos condôminos, em torno de Cr\$ 160 mil, é insuficiente para grandes realizações nas dependências do mercado pois são muitos os beneficiados pela arrecadação (que é extensiva a viúvas de antigos funcionários a título de pecúlio).

O mercado continua abrigando em suas

► Ao lado, a primeira matéria publicada no Jornal da Bahia.
▼ Abaixo, reportagem sobre o aniversário do gato que nenhum colega da redação quis fazer.

Só o gato "Barão" não brincou na festa do seu 7º aniversário

Jaciara Santos
Chefe de Reportagem

Quem passou no sábado à noite na Rua Antunes Filho, o principal bairro Lapa, não teve a sensação deparada diante da casa 15, onde uma dezena de carros estacionados denunciava a realização de uma festa. Ao atento observador, estranho, uma surpresa estava reservada à festa, na verdade, o pomposo último aniversário do gato Barão, insipidamente comemorado na fachada oposta da Rota Ferroviária Federal. Valdeir Torres Duarte, uma sequeira que prefere omitir a idade.

Pouco iluminada, obscura. Talvez sejam esses os sentimentos que levam Valdeir a inventar como razão para o manuseio de Barão - um tinteiro feio que parece abito, o movimento em torno de seu sétimo aniversário. Para a festa, foram convidados um garçom, dois cozinheiros, três músicos e uma doctora especializada em festas infantis. O caso? É um segredo guardado a sete chaves sob o argumento de que "para Barão, todo dia é aniversário do mundo e pouco", dito de forma ingenua pela mulher.

Mãe, para quem faz questão de cumprir à risca a dieta recomendada pelo veterinário e destina um cômodo da casa para um gato, a pomposa festa de aniversário não deve representar um rombo no orçamento. Ela é a mesma vida, por ele fazer o que for preciso, case o que custar", diz a apaixonada mãe. Entretanto, transmissora de postura assumida há sete anos sob a justificativa de que "é mais fácil lidar com animais do que com gente".

EXCENTRICIDADE

Tudo começou há sete anos, no dia 16 de março de 1981, quando uma garça voou para dentro da porta de Valdeir. Inicialmente, ela acabou por se filiar e passou a criá-lo, preenchendo o vazio da enorme sala que divide com a tia Mariana e a sobrinha Lourdes. Aos poucos a família de filhos foi se estendendo, restando apenas duas de sete como a garça.

Aproximadamente há sete meses participou anualmente da festa de aniversário do gato Barão, a festa de aniversário que por dedicação de Barão, a funcionária de limpeza, dona Mariana, e a tia Mariana, 57 anos, por exemplo, consideram nobre e o mesmo, mas tal a admiração Joana Angélica - "mesmo que seja

Reportagem da Tribuna da Bahia ganha prêmio da ABI

A comissão julgadora do Prêmio ABI de Foto e Reportagem, da Associação Bahiana de Imprensa, reuniu-se, ontem, dia 04, para indicar os ganhadores relativos ao mês de março último. Na categoria foto, o premiado foi Haroldo Abrantes, do Jornal da Bahia, com a foto de um grupo de parentes das vítimas do acidente ocorrido com um caminhão de romelões, recentemente, em Cachoeira. O trabalho mostra um flagrante de fisionomias visivelmente marcadas pela dor, destacando-se os semblantes fortes e tensos das pessoas esperando pela liberação dos corpos, no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, em Salvador, tendo à frente uma cruz de madeira, em cujos braços estava escrito: "Cristianismo Nascimento". A foto foi publicada, dia 22 de março, na 1ª página do Jornal da Bahia.

▲ Acima, nota sobre uma das premiações da jornalista.

Além, poucos convidados arriscavam um comentário sobre o trabalho sobre a cultura da festa. O ambiente de manutenção de Honório de Brás, Norval de Espirito Santo, 48 anos, dois filhos, um dos meninos não faz a festa, mas tem uma dedicação de Valdeir a Barão. "É uma ocasião para a gente que não pode deixar de fazer a festa", disse o fotógrafo Roberto Magalhães. Entretanto, ele disse que preferiu não fazer um avaliação mais detalhada: "Tudo isso tem uma mania, né? A dela é essa...", seguiu-se.

Se os gatos tem sete vidas, Barão pode ser vagabundo de ter ficado sob a guarda. Apesar de dopado, a base de "Máscara", para evitar incidências como no ano passado, quando a Bandeira do Tiro foi levada para a festa. Valdeir vai trazer o animal da agência que o fotógrafo saiu com todos os ingredientes que um garçom deve ter.

Do convite impresso, a lembrança da festa é de detalhes que, por sua personalidade - nome e data impressos em um cartãozinho - não se dá importância pelos detalhes. Mãe, a julgar pela maneira de olhar, não se dá importância pelo detalhe. Nem mesmo do pouco que se viu. Não se dá importância pelo pouco que se viu. Não se dá importância pelo pouco que se viu. Não se dá importância pelo pouco que se viu.

E sua ida para o Correio da Bahia?

Fui levada para lá, em 2000, por Erival Guimarães, editor de Segurança. Nessa época, eu estava na Tribuna. Ele gostava do meu trabalho e me chamou. O governo era carlista e fiquei meio assim de ir porque a gente sabe que a segurança pública é um “calcanhar de Aquiles” de qualquer administração, mas ele disse: “Não se preocupe com isso. Faça o seu trabalho que a gente segura aqui”. E realmente. Posso dizer, com toda sinceridade, nunca tive nenhuma pauta censurada. Na verdade, tinham umas situações interessantes. As fontes, principalmente os delegados, se achavam porque eram carlistas. Lembro bem, teve uma coletiva e o delegado atendeu todo mundo, mas a gente precisava afinar algumas coisas e o delegado disse: “Vocês do Correio esperem aí que vocês são da casa”. Assim, na frente de todo mundo.

No Correio você fez a série de matérias sobre os grupos de extermínio.

Com a série ganhei prêmios da ABI, do Banco do Brasil. Foi um trabalho importante, mas não posso dizer que foi a matéria da minha vida. Ganhei até uma menção honrosa da Universidade de Columbia. Tratava de um ponto sensível da administração porque: o que eram os grupos de extermínio? Seria o que hoje se chama de milícia. Muitos policiais da ativa faziam parte desses grupos. E me chamava muito a atenção o fato de haver [entre os assassinados] um padrão “PPP” de jovens: preto, pobre e da periferia. Nos finais de semana sempre tinham aqueles duplos, triplos homicídios.

Comecei a conversar extraoficialmente com algumas pessoas e a fazer um levantamento. Uma das fontes me falou de um menino que tinha sobrevivido a uma ação de extermínio. Perguntei a Erival Guimarães, que era editor de segurança, se o jornal publicaria. Ele me deu carta branca para escrever a matéria e disse que veria sobre a publicação depois. Então, procurei o menino. Ele conta como foi sequestrado, confundido com um menino infrator que roubava nos mercadinhos. Conta que foi colocado num carro e levado para um local. Descreve como as balas entraram no corpo dele e que se fingiu de morto. Ele ficou paraplégico. Passei dias sem conseguir dormir, só lembrando do relato. Aí pensei: tenho todos os dados, mas precisava chegar a um matador. Mais uma vez, a sorte. Porque acho que não é só criatividade, não. A sorte também conta.

Teve a greve da PM de 2001 e tinha um policial que sempre passava informação. Dizia coisas assim: lá em tal lugar tem dois “presuntos”. Acabou a greve e, de vez em quando, ele me ligava para dizer que tinha um corpo não sei onde. Comecei a ficar desconfiada: como é que ele sabe disso? Um dia, eu disse a ele: estou fazendo uma matéria sobre justiceiros, você conhece alguém? Ele, então, falou algo assim: “Você está falando com um”. Pensei que era gozação,

As fontes, principalmente os delegados, se achavam porque eram carlistas. Lembro bem, teve uma coletiva e o delegado atendeu todo mundo, mas a gente precisava afinar algumas coisas e o delegado disse: “Vocês do Correio esperem aí que vocês são da casa”. Assim, na frente de todo mundo.

FOTO: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



► Revisando texto ainda no tempo do papel e máquina de escrever.

mas perguntei se me daria uma entrevista. Ele: “Aí, não. Aí você me quebra”. Eu disse a ele que não ia identificá-lo e consegui convencê-lo a dar entrevista. Fui com Maguila, o fotógrafo Almiro Lopes. Fomos a um lugar ermo na Avenida Paralela, o agente estava com aquela touca ninja, todo armado. Para ele dar o depoimento, combinamos que ele escolheria a foto que ia ser publicada e eu fiz uma coisa que não faço: mostrei as perguntas da matéria que publiquei. Chamei ele de “Máscara Negra”. A matéria foi publicada num domingo e foi um sucesso, deu a maior repercussão porque era um policial da ativa assumindo. Ele diz que ajudava a limpar a sujeira da sociedade. Contava tudo. Na segunda-feira, por conta da gravidade da denúncia, tínhamos que ouvir a polícia. Fui ao Quartel dos Aflitos falar com o comandante. Ele chega e diz que aquilo era uma denúncia muito grave e que eles precisavam da minha ajuda, já que





▲ Acima, reportagem sobre grupo de extermínio rendeu vários prêmios à jornalista.
 ◀ Ao lado, com a carteirinha da ABI.



◀ Enfim, a modernidade do computador e o fim do papel.

o serviço de inteligência deles não conseguia identificar os integrantes do grupo. Lembro que ele disse que meus informantes eram mais eficientes que os deles. Eu respondi que não trabalhava com informante, trabalhava com informação. Estava morrendo de medo, pensando: será que esse negócio da gente preservar a fonte funciona mesmo?

Estou contando tudo isso para dizer que a matéria saiu. E eu, num governo carlista, num jornal carlista, não posso dizer que conheci censura lá no Correio. Caso tenha havido, não chegava para a gente.

Demóstenes era o chefe de redação do Correio?

Demóstenes é uma pessoa que não posso esquecer da minha história. Ele não era de muitos risos, muitas brincadeiras, mas era um cara que segurava a onda. Pela redação, ele fazia tudo.

Bahia

**Pronta pra avançar
ainda mais**



Dá um orgulho danado ver a nossa Bahia batendo recorde em investimentos na saúde, educação, segurança pública, agricultura familiar, mobilidade urbana e infraestrutura. É a Bahia do trabalho que cuida de gente. Que mudou Salvador, transformou o interior e nosso jeito de viver. A Bahia que vai seguir em frente e avançar ainda mais.

22 hospitais > 24 policlínicas entregues e mais 02 em construção > 06 maternidades > Milhares de leitos de UTI > 600 novas escolas > Bolsa Presença > Partiu Estágio > 18 mil km de estradas > Água para Todos > Grandes barragens construídas > Mais de 3,4 bilhões pra fortalecer a agricultura familiar > 214 mil casas entregues > Metrô de Salvador: o segundo maior do Brasil > Mais encostas, pontes e viadutos.





E a relação do repórter com as fontes oficiais - geralmente, policiais, delegados, enfim. Quais cuidados você acha que o repórter deve ter nessas relações?

Minha relação com policiais sempre foi como as que tenho com qualquer outra fonte. Isso deve acontecer na editoria de política também. Tem pessoas que você tem mais proximidade, que você liga e a pessoa atende. Na editoria de segurança também tinha gente que era mais próxima. Inclusive, algumas pessoas se tornaram minhas amigas. Não sou contra se ter amizade com fonte, mas você não pode transigir. Por exemplo, eu tinha amizade, mas se tivesse que falar alguma coisa, falava. Eu avisava: olha, vou ter que falar, viu? O que acho errado é quando vejo uma relação de promiscuidade. E vejo muito hoje, principalmente na editoria de polícia. Colegas que usam os jargões da polícia. Uma coisa que fere muito meus ouvidos é quando ouço “CPF cancelado”. Acho que polícia é polícia, repórter é repórter. Porque muitos colegas que tem portais, blogs, fazem coisas para agradar. Aprendi que para noticiar um confronto policial temos que dizer o seguinte: “o suposto confronto” ou “o suposto tiroteio”. Porque você não estava lá. E hoje não. Os colegas dizem: “O bandido trocou tiros com a polícia, o bandido isso, o bandido aquilo”. Primeiro, que não é bandido, é suspeito. Até que transite em julgado, você não pode afirmar. Mas hoje parece que copiam o Boletim de Ocorrência. Não há questionamento, não há pergunta, não procuram saber o que é que tem ali. Isso me incomoda muito. A gente tem que separar onde entra a amizade e a relação com a fonte. Hoje, os colegas transformam em “verdade” a versão que a polícia passa.

Você, mulher, negra, num ambiente masculino tão forte como a editoria de polícia, sofreu algum preconceito?

Alguns policiais tinham problema comigo, mas não saberia dizer se era por questão de gênero, nem de raça, de etnia, mas pela forma como eu tratava os assuntos. Lembro que me chamavam de “a repórter do suposto tiroteio”. Não lembro de alguma situação de preconceito que tenha vivido, no exercício da profissão. Agora, sei que sofri um processo de racismo numa entrevista de emprego. Fui convidada para ir para um determinado veículo e fui lá. A essa altura, eu estava na Tribuna e já era conhecida no meio jornalístico. Nos reunimos eu, o editor que havia me indicado, o editor-chefe e mais um diretor do jornal. Conversamos sobre mil coisas. Quando terminamos a conversa, ele disse que alguém do RH em, no máximo, uma semana ia entrar em contato comigo para que eu levasse os documentos. Aí, passou uma semana, veio a outra, a outra, já tinha mais de um mês. Comecei a ficar sem entender. Perguntei ao amigo que havia me indicado. Ele disse: “ah, não sei...” Percebi que ele ficou cheio de dedos. Então, perguntei para um outro



FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO

O jornalismo me trouxe tudo, reforço de autoestima, realização profissional. Para mim, jornalismo é sacerdócio mesmo.

colega que, inclusive, é meu vizinho e amigo. E ele falou que disseram que eu era muito fraca. Lembro que ele disse que falou assim: “Porra, é pra comer ou é pra trabalhar que você quer?”. Para mim, isso foi um marcador. Foi um episódio que demonstrou isso. Mas no dia a dia, sinceramente, não lembro de nada que tenha sido tão forte, marcador do racismo.

São quase 45 anos de jornalismo. Gostaria de saber o que o jornalismo foi para você?

Acho que o jornalismo me trouxe tudo. Trabalhei em assessoria, na prefeitura, trabalhei no SETEPS/ Integra. Atualmente, estou desempregada. Quando começou a pandemia, a Integra, que é o antigo Seteps, me desligou. Trabalhei lá por 23 anos. A partir daí, apareceram algumas coisas, trabalhei em site também, na Tv Aratu.

Sou de uma família pobre, morei na Capelinha de São Caetano. Eu fui a primeira da minha família a fazer um curso universitário. O jornalismo me trouxe reforço de autoestima, realização profissional. Eu tinha receio que meus filhos quisessem ser jornalistas. Para mim, jornalismo é sacerdócio mesmo. Quantos aniversários de filho eu perdi porque estava de plantão? Eu tinha medo que eles quisessem ser jornalistas também porque, sinceramente, não tem retorno. Teve época que eu estava trabalhando em três lugares para poder pagar os boletos. Mas os dois filhos são psicólogos. O mais novo, quando era pequeno, gostava muito de escrever - o pai dele também era jornalista - e eu pensava: tomara que ele queira fazer uma coisa que dê dinheiro porque jornalismo não dá. Apesar do jornalismo ser uma profissão pouco valorizada, da gente ter essa batalha por remuneração, por reconhecimento profissional, eu faria tudo de novo. ■

NOVA CARTEIRA

Seja a renovação que nossa luta precisa



venha para a ABI

Acesse o formulário de filiação





João Cerqueira de Santana Filho teve uma formação intelectual sólida na infância, passada no município de Tucano-Bahia. Completou seus estudos em Salvador e optou pelo Jornalismo. Passou em primeiro lugar no vestibular da UFBA e, ainda com a cabeça raspada de calouro, foi trabalhar no Jornal da Bahia, a convite do amigo Gustavo Tapioca. Foi ascendendo na profissão, tendo chegado rapidamente à chefia da Sucursal de O Globo na Bahia, ao tempo em que se desencantava com o curso de Jornalismo, que abandonou, sendo “jubilado” da universidade. Precisou fazer novo vestibular de Jornalismo quando o departamento pessoal de O Globo descobriu que ele não tinha diploma de Comunicação, nem era provisionado. Nada que manchasse sua carreira de excelente repórter, tanto que foi convidado pelo editor-chefe do Globo, Evandro Carlos de Andrade, para cobrir a Guerra das Malvinas, uma aventura incrível que Patinhas, como é conhecido pelos amigos, conta em detalhes nesse depoimento ao jornalista Kau Rocha. Outra passagem marcante de Santana antes de entrar para o marketing político, foi na revista Isto É, quando ganhou o prêmio Esso de Jornalismo com a série de reportagens sobre o caso Eriberto França, motorista do Palácio do Planalto, cujas revelações resultaram no *impeachment* do presidente Fernando Collor.

O remédio para as *fake news* chama-se *utopia*'

O que lhe levou ao jornalismo?

Passsei a minha infância e o curso primário em Tucano [BA]. E fiz um primeiro ano de ginásio no Seminário São José. Uma experiência muito interessante, porque aos 11 anos estudei latim e grego. Vim para Salvador com 12 anos para estudar no Maristas. Meus pais tinham cartório, propriedades rurais e uma pequena indústria de sisal. Sempre tive uma vida confortável e minha mãe me estimulou muito intelectualmente. Desde a primeira infância eu lia muito. Tudo o que eu queria, ela comprava para mim. Fiz o ginásio no Maristas, depois fui para o Antônio Vieira. Quando cheguei em Salvador, vindo do interior, notei que tinha uma formação educacional melhor do que a maioria, senão de todos os colegas de sala.

O jornalismo é uma paixão muito estranha. Desde que comecei a me alfabetizar, meu pai, escrivão, era um dos poucos que tinha máquina de escrever na cidade. Comecei a me alfabetizar no cartório, escrevendo em máquina. E fazia jornaizinhos. E fui fazendo isso quando entrei no Maristas e no Vieira. Fazia jornal mimeografado. Depois, no Vieira, tinha um jornal muito tradicional chamado A Gente. Fui editor durante um, dois anos desse jornal e não percebia, porque profissionalmente jamais imaginava que pudesse ser jornalista. Não sei se por causa daquele menosprezo profissional que se tinha antigamente com o jornalismo, meus pais queriam que eu

fosse médico, advogado etc. Bom, passei a conviver com o grupo de um dos colegas de sala, João Falcão Filho. Assim, conheci Gustavo Tapioca, secretário de redação do Jornal da Bahia, que pertencia a João Falcão. E Gustavo: "O que é que você quer ser?". Não era claro para mim o que eu queria ser. "Porra, o que é que você fazia?". Jornal. Ele: "Você é jornalista, devia fazer Comunicação". Aí que decidi fazer comunicação. "E se você fizer, e quiser, lhe coloco no Jornal da Bahia". Devo ter feito meu vestibular em 1970. Me profissionalizei muito rápido. Entrei no jornal ainda de cabeça raspada do trote e me apaixonei pelo jornalismo. Era um momento muito especial do Jornal da Bahia, pois estava acontecendo aquela briga com Antônio Carlos Magalhães.

Não deixe essa chama se apagar...

Essa chama foi interessante para alimentar um lado da flama, do coração, e quase queima também, porque eles não me pagavam porra nenhuma! Pelo fato de ter sido colocado por uma questão sentimental, afetiva, Gustavo Tapioca etc e tal. Ganhei um pró-labore durante um ano e meio e, ao mesmo tempo, coincidiu porque, com um mês e pouco, por sorte, ou o que for, uma série de matérias, as que mais acirram as brigas, foram feitas por mim. A primeira, desabrigados da chuva. Isso é 1970, 1971. Antônio Carlos era prefeito, já estava em briga com Joca.

Foi você quem criou então: “Em 24 horas, a chuva destrói as obras do prefeito do século”.

Não, fiz uma coisa ainda mais simbólica. É uma manchete que me orgulho: “Deu gorgulho na Estrada do Feijão”. [Risos].

Como é essa história da Estrada do Feijão?

O jornal começa a receber informação, chegava por carta de leitor, telefone. Fernando Vita era subchefe e pauteiro. Ele mandou eu fazer essa matéria meio fria. Tinha buracos, mas não me empolgou. Parecia que a estrada estava ruim, mas não tinha dimensão do que viria a acontecer depois. Um delegado que mostrou [a situação]. A estrada realmente estava...

Com gorgulho. [Risos].

Antônio Carlos não sabia, essa é a questão. Recebia informações do Derba [Departamento de Infraestrutura de Transportes da Bahia] de que a obra estava acontecendo. Quando sai a matéria é aquela força da metáfora. Porque quando você pega dois elementos como esses, “deu gorgulho na estrada do feijão”, pegando a coisa da modernidade, o gorgulho, que é aquela coisa primitiva, e junta numa frase, a sinapse provocada é muito forte. Num jornal de oposição que estava começando, incendiou. O Jornal da Bahia era o jornal do momento: de esquerda, do conflito, da polêmica. E aí Antônio Carlos resolve desmentir. Disse que ia provar que o jornal era mentiroso, que as fotos eram montagem etc. Então, o Derba convoca uma coletiva na estrada e vai levar toda a imprensa baiana para ver. Isso dois dias depois. Aí tive uma ideia, de sobrevivência: voltar ao local e fazer uma matéria para ser publicada na véspera da ida [da comitiva] mostrando que está tudo igual. Topam? Todo mundo topou. E dei a maior sorte da minha vida.

A gente saiu de madrugada. O carro de repórter era o mesmo que distribuía o jornal e havia 3 ou 4 exemplares do dia dentro da caminhonete. Quando a gente chega no início da Estrada do Feijão, tinha uma multidão, máquinas trabalhando. Nessa época, o grupo de guerrilheiros Tupamaros, no Uruguai, quando sequestravam pessoas, para dar prova da vida, colocavam um jornal do dia ao lado para mostrar que ele estava vivo. Lembrei disso e pedi para Anízio de Carvalho: bota a porra do jornal de hoje [risos]. Anízio meteu a foto com profundidade: o jornal no chão e a máquina atrás. Não tinha como desmentir. No outro dia, a putada preparada para viajar, 8h30, chegando no Derba, o jornal já estava lá, tudo assim, Antônio Carlos mandou cancelar a comitiva e demitiu o cara do Derba.

Do Jornal da Bahia passou pra Tribuna?

Eu ganhava um pró-labore, que era um terço do salário-mínimo. E nesta época foi minha primeira paixão fulminante, uma moça de São Paulo. E aí a Tribuna [que pagava melhor] me chamou. Vou abrir um pa-



FOTO: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO

Sou da terceira geração da renovação do jornalismo baiano, que eu considero como marcos instauradores de renovação.

rêntesis. Sou da terceira geração da renovação do jornalismo baiano, que eu considero como marcos instauradores de renovação. Primeiro, 1958, Jornal da Bahia que era todo um campo de intelectualidade muito profundo e muito ligado ao partidão (PCdoB). É um marco que instaura uma renovação, [em relação] ao que vinha do A Tarde, do Diário de Notícias. A segunda onda de renovação acontece com a Tribuna, com Quintino Carvalho e Elmano de Castro. A terceira fase é a das sucursais, importante na formação de quadros e na profissionalização da imprensa baiana. Durante o governo militar, já iniciando a concorrência direta empresarial, a televisão começa a se firmar e, ao mesmo tempo, os jornais querem criar as primeiras agências de notícias nacionais. Tinham dinheiro fácil da propaganda do governo militar. E entram com uma boca de captação regional que é nas sucursais. Aí eu entro na sucursal de O Globo.

Você ficou quanto tempo na Tribuna?

Pouquíssimo tempo. Três meses. Depois, junto com Orlando Cardoso de Oliveira, Hamilton Almeida Filho e o [músico] Walter Smetak, entrei fortemente na imprensa alternativa. A gente fez o jornal *Overground*, o primeiro jornal alternativo colorido da imprensa brasileira. Extremamente uma viagem espiritual, 80% dos textos de Smetak. Só saiu um número.

Você já sabia da técnica jornalística quando inicia no Jornal da Bahia?

Eu já sabia a técnica antes de entrar na escola. Comecei a pegar coisas de manual de redação, já entrei conhecendo um pouco. Quem me ajudou muito com

a técnica foi Fred Simões. Fernando Vita me ensinou sobre as cinco, seis linhas: o que, quando, onde, como. Depois, comecei eu mesmo a desenvolver isso, depois a subverter. Porque, se você ficar preso nessa moldura, você está fodido. Foi dessa forma o meu aprendizado.

Quando você começou não existia o diploma. Pegou o provisionado?

Nem peguei o provisionado. Entrei na faculdade bem classificado. Passei em primeiro lugar no vestibular. Fiquei um ano e meio, mas fui me profissionalizando, fui me envolvendo com a música, com tudo que o mundo permite e achando a escola uma merda. Aí fui deixando e fui jubilado. Mesmo assim, já tinha prática profissional. Entrei nessa coisa alternativa e, por fim, fui trabalhar. Aí é outra etapa da minha vida: tirar férias na sucursal de O Globo. Entrei para tirar férias e nunca saí. Quando eu já era chefe da sucursal, recebo um telefonema do diretor de redação, Evandro Carlos de Andrade: “Santana, apareceu um problema aí. O pessoal do departamento pessoal vai lhe ligar

porque só agora foram ver que você não tem registro profissional. Você não tem diploma e pode dar uma merda”. Aí me ligou a chefe do departamento pessoal do Globo. Eu digo: “Olhe, não tem solução”. Ela disse: “Faz o seguinte: vamos segurar, mas não dá para o senhor voltar para a escola de Jornalismo? Aí a gente vai administrando...”. Resolvi fazer vestibular de novo e voltei para a escola. O que acontece? Na escola, os professores sabiam que eu era repórter da sucursal. Ficou uma coisa meio esquisita. Formei em 1981.

Depois você foi cobrir a guerra das Malvinas?

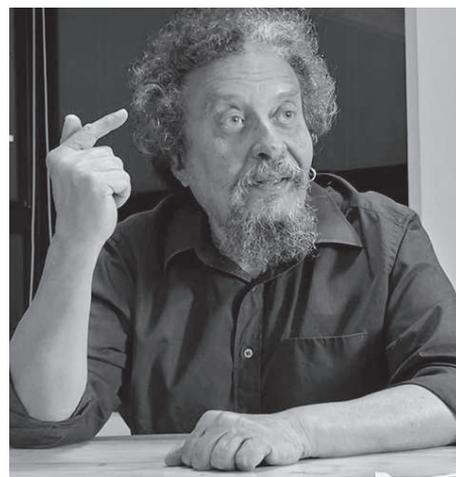
Foi uma experiência jornalística muito interessante. Primeiro, O Globo ter me escolhido para ir, eu sendo da sucursal na Bahia. Toca o telefone, o Evandro: “Você topa entrar num voo cego para as Malvinas?” Topo! Ele: “Então, pegue o primeiro voo aqui para o Rio de Janeiro”. Lembrei o seguinte. Tinha visto há dois, três dias, a capa da Veja ou da Isto É que era “A Morte no Mar”, o naufrágio de uma fragata argentina no mar glacial. E a matéria falando do inverno terrível, morte. Puta que pariu, vou enfrentar e não sabia porra nenhuma do que ia acontecer. Fui para o aeroporto às 21 horas. Por pressão do Globo consegui embarcar, mas fui sentado no banquinho da aeromoça. No Galeão, tinha um cara me esperando, cara assim de agente funerário: paletó, gravata, com uma pasta na mão. “João?”. Sim. Disse que era um repórter plantonista: “Você tem que ficar aqui porque 5 da manhã você embarca num voo para Santiago do Chile. Vai chegar uma equipe da TV Globo, eles vão dizer o que está acontecendo”. Aí me deu uma quantia, tipo 5 mil dólares. Nunca tinha visto tanto dinheiro em minha vida. Às 5 da manhã, chega Mário Ferreira, cinegrafista na TV Globo, uma americana, que era produtora, e o repórter Francisco José.

E partiram.

Disseram: “A gente está em Santiago do Chile, numa missão muito especial, estamos formando uma força-tarefa para ser o primeiro grupo de imprensa que

Passei em primeiro lugar no vestibular. Fiquei um ano e meio, mas fui me profissionalizando, fui me envolvendo com a música, com tudo que o mundo permite e achando a escola uma merda. Aí fui deixando e fui jubilado. Mesmo assim, já tinha prática profissional. Entrei nessa coisa alternativa e, por fim, fui trabalhar. Aí é outra etapa da minha vida: tirar férias na sucursal de O Globo. Entrei para tirar férias e nunca saí.

FOTOS: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO



vai entrar nas ilhas Falklands." A CNN tinha se associado à BBC de Londres e à TV Globo para formar um grupo que ia chegar nas Malvinas. Viajariam com um piloto ex-combatente do Vietnã. Ele tinha uma empresa na Costa do Pacífico e um avião que voava baixíssimo. Esse cara topou entrar com a gente, voando baixo, para que o radar não percebesse. Foi aí que eu fiquei sabendo qual era o plano. Eu digo: "Ah é? Beleza" [risos].

O voo cego era esse?

Realmente, um voo cego. Era para a gente chegar em Santiago e dois dias depois, o cara vinha lá de Los Angeles com o avião, pegava a gente, ia até Punta Arenas, no extremo sul do Chile. De Punta Arenas, a

gente ia atravessar o Estreito de Magalhães e ia para as Malvinas. Aí ficamos um, dois dias, aquela ansiedade, e cadê? Porra nenhuma de o cara chegar.

Esperaram quanto tempo?

Cinco, seis, sete dias.... Aí, pela primeira vez, vi o que é poder. O sistema Globo mandou um funcionário do Rio, lá pelo quinto dia, levando uma pasta cheia de dinheiro para a despesa. Por fim vinha a ordem: "Vocês vão para Punta Arenas, num voo regular. O cara não vai mais para Santiago, ele vai para Punta Arenas." E passa mais dias e nada do cara aparecer. O louco do Vietnã, simplesmente, exigiu que uma seguradora importante firmasse um seguro com a nave dele e nenhuma seguradora internacional importan-

▼ *Fac-símile de uma das matérias assinadas pelo ser-tanejo de Tucano, diretamente do extremo-sul do Chile.*

FOTO: ACRÉVIO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

Frota inglesa recebe ordem de iniciar a invasão

LONDRES (O GLOBO) — A frota britânica no Atlântico Sul foi autorizada ontem a iniciar a guerra de reconquista das Ilhas Falklands (Malvinas), mas em lugar de uma invasão em grande escala deverá limitar-se a uma série de pequenos desembarques em pontos diferentes do arquipélago e a incursões rápidas de comandos. "Vai começar uma guerra de desgaste e isto significa que as forças argentinas sofrerão baixas até que abandonem as ilhas", disse um alto funcionário britânico citado pela BBC.

A ordem da batalha, dada pelo Gabinete de Guerra presidido pela primeira-ministra Margaret Thatcher, recomenda ao comandante da frota, almirante John "Sandy" Woodward, que aperte o cerco "cada vez mais forte e mais rápido", para levar os argentinos a se renderem com o mínimo possível de baixas dos dois lados. Os ataques visarão basicamente depósitos de suprimentos e combustíveis, instalações de radar e baterias de artilharia, além de manter os defensores argentinos em constante sobressalto até esgotar a física e psicológica.

Ontem mesmo a pressão militar começou a ser intensificada, quando várias unidades da frota aproximaram-se da costa e manobravam as imediações de Port Stanley (Puerto Argentino) sob constante canhoirio, qualificando em Buenos Aires de "bombardeio de perturbação". Ao mesmo tempo, aviões Sea Harrier, em vôos rasantes, atacavam postos de radar e ninhos de metralhadoras também nas proximidades de Port Stanley. As operações, segundo estrategistas britânicos servem para diminuir a guarnição local — a mais poderosa das ilhas, com mais de 1.500 homens — de eventuais desembarques em outros pontos.

Os estrategistas dizem que, consumados esses desembarques, os helicópteros estabelecerão "cabecas-de-ponte" e de lá sairão para constantes ações de fustigamento das defesas. Enquanto isso, os navios da frota deverão manter-se em alerta constante para a aproximação da Força Aérea argentina. Os perigos militares são hereditários que não haverá ataques aéreos em massa, mas constantes ondas de aviação contra os barcos e as tropas já em terra.

"JUNTOS, MAS SOS"

Em despacho transmitido do porta-voz "Invisible", o correspondente do

Jornal "The Guardian" informaram que apesar do mau tempo os soldados que intervirão no desembarque estão em ânimo elevado e ansiosos para combater. O repórter descreveu a zona de bloqueio como uma área "lão movimentada quanto a de uma regata de portos". Mas assimilar: "Aqui, os mares são frios e mortíferos e não há quaisquer portos amigos ao longo de muitos milhares de milhas. Estamos juntos, mas sos".

Citando oficiais do "Invisible", o correspondente disse que ninguém a bordo terá um ataque em massa da aviação argentina, não só pelo risco de grandes perdas (a frota recebeu novos Sea Harrier e conta com 40 deles para a interceptação) como também pelo fato de esse tipo de operação ser muito difícil de realizar, exceto por países experientes em combates.

Os oficiais comentaram também que a estratégia de combate do almirante Woodward deverá ser a repetição, cada vez mais intensa, de operações como a realizada sábado passado contra a ilha Pebble (Borbo) quando apenas 48 comandos especiais destruíram 11 aviões e um grande depósito de munições.

Eles esperam, igualmente, uma intensificação do emprego de grandes bombardeiros do tipo Vulcan estacionados na ilha de Ascensão, para ataques de demolição às posições argentinas. Quando da chegada do transatlântico "Queen Elizabeth II" com três mil fuzileiros — acrescentam — haverá então as condições para o assalto decisivo.

Temporal frustra os planos do almirante

WASHINGTON (O GLOBO) — Já com o fim da batalha dada de Londres, o comandante da frota britânica, almirante John "Sandy" Woodward, teve seus planos de desembarque frustrados ontem por causa de mau tempo no Atlântico Sul e possivelmente aconteceu o mesmo hoje e amanhã. Segundo o Serviço de Meteorologia dos Estados Unidos, "há nuvens pesadas e fortes ventos".

Fotos tomadas por satélites americanos mostravam ontem as Malvinas cobertas por uma capa de nuvens de 400 quilômetros de espessura e o mar está muito agitado, com ondas de cinco metros. "Operar com aviões nessas condições é impossível", acrescentou.

"SUICÍDIO"

Com a impossibilidade de se realizar

Tropas argentinas em estado de alerta total

BUENOS AIRES (O GLOBO) — As tropas estacionadas nas Ilhas Malvinas foram colocadas ontem em estado de "alerta máximo" e os dez mil homens guardam, a qualquer momento e com "alto espírito de combate", uma ofensiva das forças britânicas, informou porta-voz militar de Buenos Aires.

Comunicado militar informa que a última ação militar ocorreu na madrugada de ontem, quando um caça britânico bombardeou uma área próxima a Puerto Argentino (Port Stanley), sendo repellido pelo fogo da artilharia. A nota não informou sobre vítimas ou danos materiais, e fontes militares acrescentaram que a frota britânica "receberá" para uma linha fora do alcance dos disparos argentinos.

Todas as bases aéreas da Patagônia realizaram pela manhã preparativos para láquo e comissão de os submarinos da Argentina "aguardam o momento de atacar" as navios de Grã-Bretanha.

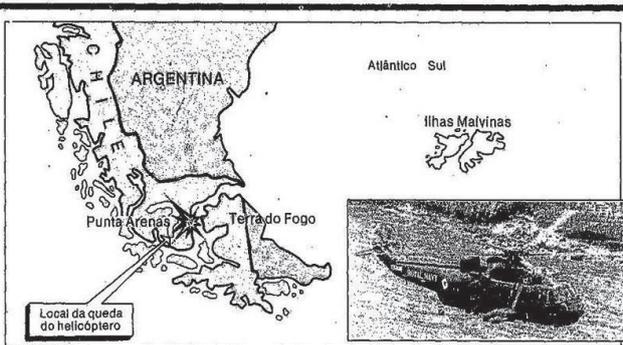
ta autorizada a permanecer nas Malvinas.

Nossa artilharia responde pontualmente a todas as "passagens" dos aviões inimigos e mantém a distância — informou o correspondente, acrescentando que "tanto os civis quanto os militares que estão nas Malvinas já aprenderam a conviver com a guerra".

O governador das ilhas, general Mário Menéndez, assegurou que seus homens "estão bem e confiantes, com alto espírito de combate e dispostos a defender com as armas a recuperação das Malvinas". O governador falou por telefone com o secretário-geral da Presidência, general Héctor Iglesias, enquanto porta-vozes militares desmentiam a realização de supostas incursões de tropas britânicas no continente.

"SUICÍDIO"

Com a impossibilidade de se realizar



Fontes governamentais de Londres asseguram que o helicóptero britânico Sea King (modelo no mapa) que caiu em Punta Arenas, no Chile, realizava missão de reconhecimento sobre o território da Terra do Fogo

Helicóptero inglês cai no Chile, que protesta

PUNTA ARENAS, CHILE — O governo do Chile apresentou ontem um protesto à Grã-Bretanha pela violação do espaço aéreo chileno por um helicóptero da força-tarefa britânica que opera atualmente nas ilhas Malvinas. Os restos do aparelho — um Sea King — foram encontrados a 18 km de Punta Arenas, cidade situada a 2.500 km de Santiago.

Em resposta ao protesto, a Grã-Bretanha lamentou "muito sinceramente" os problemas causados ao Chile pela presença do helicóptero naquela região, ao mesmo tempo em que manifestou o "profundo respeito pela neutralidade chilena". Explicou que o mau tempo fez o helicóptero perder o rumo.

A informação sobre a resposta de Londres foi dada pelo próprio chanceler chileno René Rojas Galdames, após receber em audiência o embaixador britânico em Santiago, John Moore Heath. A nota entregue pelo diplomata britânico ao ministro chileno esclarece que o helicóptero pertencia à força-tarefa e cumpria missão de reconhecimento na Terra do Fogo.

INCIDENTE ENCERRADO

Rojas Galdames confirmou a versão inglesa sobre o mau tempo e deu por encerrado o incidente. Informou que o governo britânico havia solicitado ao Chile uma operação de busca a fim de constatar os restos do aparelho estivo ou não com vida, já que junto aos destroços encontrados não havia nenhum sinal de sobreviventes.

Em sua nota de protesto, a Chancelaria chilena qualificava o fato de "grave", manifestava "preocupação" e reiterava a neutralidade do Chile no atual conflito argentino-britânico.

O Chile — dizia o documento entregue ao embaixador britânico em Santiago — "rejeita qualquer ação que possa comprometer o país nesse conflito, especialmente aquelas que se referem à violação

JOÃO SANTANA FILHO
Enviado especial do GLOBO

Entretanto, apesar da proibição do acesso à área, vários jornalistas — inclusive este correspondente — chegaram, no final da tarde, perto dos destroços localizados por um motorista nas proximidades de uma rodovia razoavelmente movimentada. A distância, entretanto, foi impossível perceber se havia vítimas.

O aparecimento dos destroços nesta região causou estranhos às autoridades e moradores de Punta Arenas. Para cair nesse trecho do Estreito de Magalhães, o Sea King britânico afastou-se aproximadamente 400km do local do combate, atravessando a Terra do Fogo onde estão localizadas duas bases argentinas — em Ushuaia e Rio Grande.

O episódio com o helicóptero britânico faz recordar a notícia da captura de sete soldados britânicos no extremo sul da Argentina, divulgada pelo jornal "Clarín", de Buenos Aires. Os presos seriam, segundo o jornal, três oficiais e quatro suboficiais que procuravam realizar "tarefas de infiltração ou de exploração de prováveis objetivos". A notícia, entretanto, foi desmentida pela própria Junta Militar argentina.

Os restos do aparelho britânico foram localizados de madrugada, e horas depois um trator limpou um terreno próximo para que um helicóptero chileno pudesse descer com as autoridades. Toda a área foi isolada por soldados para evitar a aproximação da imprensa.

Argentina crê em ação de propaganda

BUENOS AIRES — Segundo fontes militares argentinas, os ingleses podem ter derrubado propositalmente o helicóptero Sea King nas proximidades do litoral chileno com a intenção de envolver o Chile na crise das Malvinas e perturbar a opinião pública argentina, divulgando boatos de desembarque de comandos no sul do país.

Notender destios militares, o helicóptero britânico conseguiu chegar ao litoral chileno voando a baixa altitude,

Entretanto, apesar da proibição do acesso à área, vários jornalistas — inclusive este correspondente — chegaram, no final da tarde, perto dos destroços localizados por um motorista nas proximidades de uma rodovia razoavelmente movimentada. A distância, entretanto, foi impossível perceber se havia vítimas.

O aparecimento dos destroços nesta região causou estranhos às autoridades e moradores de Punta Arenas. Para cair nesse trecho do Estreito de Magalhães, o Sea King britânico afastou-se aproximadamente 400km do local do combate, atravessando a Terra do Fogo onde estão localizadas duas bases argentinas — em Ushuaia e Rio Grande.

O episódio com o helicóptero britânico faz recordar a notícia da captura de sete soldados britânicos no extremo sul da Argentina, divulgada pelo jornal "Clarín", de Buenos Aires. Os presos seriam, segundo o jornal, três oficiais e quatro suboficiais que procuravam realizar "tarefas de infiltração ou de exploração de prováveis objetivos". A notícia, entretanto, foi desmentida pela própria Junta Militar argentina.

Argentina crê em ação de propaganda

BUENOS AIRES — Segundo fontes militares argentinas, os ingleses podem ter derrubado propositalmente o helicóptero Sea King nas proximidades do litoral chileno com a intenção de envolver o Chile na crise das Malvinas e perturbar a opinião pública argentina, divulgando boatos de desembarque de comandos no sul do país.

Notender destios militares, o helicóptero britânico conseguiu chegar ao litoral chileno voando a baixa altitude,

População das ilhas acha melhor a invasão imediata

LONDRES (O GLOBO) — "Todos nós preferíamos uma solução pacífica da disputa, mas se os britânicos vão retomar as ilhas à força, quanto mais cedo melhor", disse ontem William Luxton, membro do Conselho Executivo das Falkland.

Expulso das ilhas pelas tropas argentinas que as invadiram no dia 2 de abril, Luxton observou em entrevista coletiva que foram exagerados os perigos previstos para os ilhéus em caso de invasão.

"Não há tanto perigo para os ilhéus como se imagina. É uma grande extensão de terra e acredito que as pessoas estão se acostumando das zonas onde os argentinos têm grandes concentrações de tropas. Acho que os ilhéus esperam o que eu chamaria de sua libertação" — disse Luxton.

Ele não tem contato com os habitantes das Falkland desde que os britânicos impuseram a zona de exclusão aérea total, há três semanas, mas disse que antes de ser forçado pelos argentinos a partir soube que os moradores de pelo menos um povoado já tinham ido para casas mais afastadas, normalmente usadas por pastores.

Para John Cheek, membro do Conselho Legislativo das Falkland que estava em Londres durante a invasão argentina, o maior perigo para os ilhéus seria um ataque direto a Port Stanley, onde permanecem cerca de 80 pessoas.

"É um núcleo de gente que diz 'Este é nosso lar, daqui não sairemos' e se houver um ataque frontal eles correrão, obviamente, maior perigo" — observou Cheek. Também afirmou que estão sendo publicadas muitas mentiras e a situação de vida dos habitantes das Falkland aceitarem viver sob o domínio da Argentina.

Nova Zelândia põe fragata à disposição dos ingleses

LONDRES (O GLOBO) — A Nova Zelândia ofereceu à Grã-Bretanha a única de suas quatro fragatas em condições operacionais, a "Canterbury", disse ontem o primeiro-ministro Robert Muldoon.

Segundo o premier da Nova Zelândia, que fez este oferecimento durante almoço, quarta-feira, com a primeira-ministra Margaret Thatcher, a "Canterbury" não entrará em serviço ativo no Atlântico Sul, mas poderia substituir outra embarcação britânica em caso de emergência para outras missões.

De acordo com o chefe do Estado-Maior britânico, sir Terence Levin, sempre haveria algo para a "Canterbury", que está em Hong-Kong.

Construída na Grã-Bretanha em 1970, a fragata, de 8,5 mil toneladas, é equipada com 12 mísseis Seaal, canhões de 100mm, bombas e um helicóptero, e tem uma tripulação de 284 marinheiros.

Em Wellington, o ministro da Defesa da Nova Zelândia, David Thomson, declarou que seu país está disposto a dar apoio logístico à Grã-Bretanha em seu conflito com a Argentina, desde que não envie tropas para a zona do conflito.

Moscou chama



Antes de sair a primeira entrevista, a gente sabia o perigo que ele [Eriberto] ia correr. Só tem um caminho: vou levar para a Bahia.

te topou fazer. O cara disse: “Não vou”. E aí, o que a gente resolveu fazer? Já estamos aqui, então vamos tentar ver o máximo que a gente pode incursionar. Tinha uma empresa de táxi-aéreo e um piloto que era o único que voava na área, entre as geleiras. E a gente começou a voar pela costa, tentando avançar para a coisa. E produzimos boas matérias. Quando chego lá, sabe quem era o cara da BBC? Um cara chamado John Snow, o melhor repórter de guerra do mundo na época. Ia entrar na nossa tropa. Eu saí da Bahia para fazer uma cobertura junto do John Snow! Demos furo internacional, que foi prova básica da colaboração do Chile com a Inglaterra, aquela história do helicóptero inglês que caiu no Chile. Na verdade, entrou para sabotar. E a primeira matéria é minha, escrita, junto com a TV Globo. E nós demos furo ajudados pelo fuso horário. Esse voo era daqueles comandos especiais de sabotagem, supertreinados. Eles entraram na Terra do fogo, sabotaram duas bases argentinas e não tinham autonomia para voltar para o porta-aviões,

então foram para o Chile, simularam um acidente, caíram e foram recebidos pelo Chile.

Como é que você mandava as matérias?

Por telefone. E tinha um posto de Telex também que, às vezes, funcionava.

Você ganhou prêmio com essa cobertura da guerra?

Não, mas nessa cobertura de guerra ganhei um reconhecimento interno grande dentro de O Globo.

Quantos anos de jornalismo na sua vida profissional?

24 anos. Parei para ser secretário municipal de Salvador, na gestão do prefeito Mário Kertész. Em 1994, começo a fazer marketing político.

Antes você passou pela Isto É, onde ganhou o Prêmio Esso com a história do motorista Eriberto França.

Era 1991. Passei um ano, um ano e pouco estudando nos Estados Unidos. Na volta, quando estava acabando a bolsa de estudos, Bob Fernandes me liga, grande amigo: “olha, estou indo para os EUA e deixando a direção da redação do Isto É em Brasília. Estou aqui com o Mino Carta e a gente queria saber se você topa ser diretor da Isto É em Brasília”. Eu digo, porra, claro! Chego em Brasília no início do governo Collor. E aí estoura o escândalo do Collor com o Pedro Collor. Pedro Collor em entrevista na Veja, nossa concorrente. Nos pegaram não foi nem de calça curta, nos pegaram nus. Aí rolou aquela pressão, a gente correndo atrás, abre-se a CPI, estou falando já de forma atropelada, que acho interessante porque o PT, Aloísio Mercadante, o Zé Dirceu, só passavam coisas para a Veja. E depois [a revista] fodeu com eles. A gente mendigava, não conseguia porra nenhuma. E acontece o Eriberto [França]. Da forma mais esdrúxula, no sentido do acaso. E é mérito inicial muito forte do fotógrafo Mino Pedrosa. Ele recebe a informação que tinha um motorista dentro do Palácio que fazia pagamentos. A história todo mundo conhece. E nós começamos a sair atrás para investigar. Realmente, houve um trabalho incrível, tanto de investigação, quanto de convencimento. Quando a gente consegue descobrir o motorista, precisava convencê-lo a falar. Foi um trabalho enorme. Antes de sair a primeira entrevista, a gente sabia o perigo que ele ia correr. Só tem um caminho: vou levar para a Bahia. Minha irmã tinha uma fazenda no interior, lá em Tucano, colocamos ele lá. Alguns dias depois - é só para mostrar um fato quase cinematográfico, cinema mudo - domingo à noite, eu volto no avião para Brasília. A Isto É tinha antecipado a edição para sair na sexta ou sábado anterior. Quando entro no avião, fui um dos últimos a embarcar, estava todo mundo lendo a Isto É. Aí eu digo: Porra, fudeu!

A partir dos anos 1990, o jornalismo entra num período de denunciamento sem prova, que não é o jornalismo investigativo, e sim *fake news*. Com essa onda de “pós-verdade”, você acha que o jornalismo morreu?

Acho que não. Esse fenômeno da *fake news* é de uma complexidade enorme e está sendo encarado de uma forma muito simplória. A forma simplória do enfrentamento é pensar que vai debelar, reprimir, acabar com a *fake news* só com uma ação policial, judicial. Nunca vai acontecer. Primeiro, o fenômeno da *fake news* é do início da humanidade. É o vício da mente humana de gostar de mentir, precisar mentir e ser enganado. Com o tempo, a fantasia, as ficções foram encontrando nichos nas artes etc., mas o mundo da política sempre foi preenchido fortemente com isso. Tanto que forma esse clichê que é muito popular no Brasil e em vários países da América Latina, que político ou é corno ou é viado ou é ladrão. Ou as três coisas juntas. Mas é esse território da *fake news*. Se você perder essa dimensão, da “neropolitica”, para interpretar isso, você já está errado.

Mas o que acontece nesse momento que ajuda a acelerar a disseminação? A gente vive um momento de desmoronamento da democracia liberal ocidental, as suas fragilidades, as suas contradições superpostas. A gente vive um momento derrotado do pensamento iluminista racional. A gente vê uma mudança de tábuas de valores muito profundas. E tudo isso fazendo florescer a *fake news*. Mas o problema maior não é esse. É sim que as *fake news* só prosperam quando as ficções, o encantamento da política, também se desintegram. É uma narrativa que se impõe porque as outras falharam. Só se combaterá plenamente - não que as *fake News* vão acabar - quando florescer o encantamento por novas narrativas. Todo mundo gosta de ouvir ficções, gosta do encantamento das narrativas. Por último, as novas tecnologias, que são apontadas como fator desencadeador, quando, na verdade, não são. Elas foram apenas veículos dentro disso.

O que acontece com o jornalismo é que ele foi extremamente contaminado e corrompido pelas narrativas de fontes econômicas etc. Por exemplo, no Brasil, ninguém questionou o modelo econômico que está implantado há 30 anos. Por quê? Porque o fato político e os interesses políticos se sobrepuseram de tal maneira que foi simplesmente esquecido. O remédio para as *fake news* chama-se utopia. Se você não fabrica narrativas de futuro, se você não cria narrativas de presente e futuro, as *fake news* vão proliferar. É isso que está acontecendo recentemente no Brasil. Algumas medidas contra tuítes, páginas pessoais, são absurdamente exageradas e desconectadas, desfocadas.

Acho que o jornalismo não acabou. O que ele perder, por algumas razões, pode recuperar. Mas o que

As fake news só prosperam quando as ficções, o encantamento da política, também se desintegram.



FOTO: KNU ROCHA / DIVULGAÇÃO

▲ Uma imagem do bate-papo de Santana com a equipe da ABI e colegas de jornalismo.

se perdeu mesmo foi um pouco do rumo. Foi a capacidade de gerar utopias, de criar narrativas de futuro, de encantamentos. E essa parte imoral e destruidora está entrando forte. Porque a cabeça humana também é bipolar por natureza, ela se encanta com o bem e com o mal, não há dúvida.

A tecnologia da informação e a internet são responsáveis pela crise pela qual passa o jornalismo?

Não podemos penalizar as redes sociais, as novas tecnologias. É cerceando esse direito que a gente vai resolver? Não. Que se produzam narrativas tão fortes quanto aquelas. As novas tecnologias criaram desafios profundos para todos os campos do conhecimento e do saber e na comunicação mais que nunca. Então, os jornais perderam a importância que tinham, ainda estão correndo, às pressas, para se modernizar, encontrando caminhos interessantes e outros não muito interessantes. ■

CONTRA O CÂNCER, ENTRE EM AÇÃO COM A PREVENÇÃO.

Veja aqui
alguns sinais
que merecem
atenção para
um diagnóstico
precoce:

- Palidez
- Hematomas ou sangramento
- Dor óssea
- Caroços ou inchaços, principalmente aqueles indolores e sem febre
- Perda de peso inexplicada
- Tosse persistente
- Sudorese noturna e falta de ar
- Alterações nos olhos, como estrabismo
- Inchaço abdominal
- Dores de cabeça persistentes ou graves
- Vômitos pela manhã com piora ao longo do dia
- Dor em membros e inchaço sem traumas

FAÇA SUA DOAÇÃO

pix: doe@gaccbahia.org.br

71 3399-2020

www.gaccbahia.org.br

O GACC-BA já deu assistência a milhares de crianças e adolescentes com câncer e a seus familiares, numa luta constante, que se renova a cada ano e precisa muito da sua ajuda. Acesse gaccbahia.org.br e faça sua doação. **#amorquetransforma**





A primeira-dama do colunismo social da Bahia, Julieta Isenssé, a nossa July - nome que se tornou uma marca-, iniciou sua coluna no jornal A Tarde em 1963 e a manteve por cinco décadas. Formada em Filosofia, começou no jornalismo a convite de Jorge Calmon, numa época em que o jornal mantinha um grupo seleta de profissionais, chamado de “Os Cobras”: Milton Santos, Giovanni Guimarães, Luíz Eugênio Tarquínio, Mário Vita, José Berbert de Castro e Ary Guimarães.

Foi com eles que aprendeu tudo na profissão. Sua grande qualidade: manter um imenso círculo de amigos nas principais “tribos” da sociedade baiana, circulando pelos meios político, empresarial e de entretenimento. Isso permitiu abastecer sua

coluna com algumas notas exclusivas que foram furos jornalísticos da época, como o convite feito ao ex-governador Juracy Magalhães para ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos, informação que ouviu durante uma visita à casa de Juracy e a mulher Lavínia, no Rio de Janeiro.

Em 2013, July recebeu da ABI a medalha Ranulpho Oliveira, honraria que teve orgulho de exibir até o fim da vida.

Devido ao seu estado de saúde frágil, ela não pode ser entrevistada pela equipe da Revista Memória da Imprensa. July faleceu no início de novembro de 2022. No entanto, a palavra de July na edição foi garantida graças ao jornalista e pesquisador Nelson Cadena que, gentilmente, nos cedeu a entrevista feita com July em 2017 que integra o seu livro “História da Imprensa da Bahia”.

Meu maior *CURSO* *de jornalismo* tinha feito *dentro* *do jornal*'

July, antes de você ingressar no Jornal A Tarde, qual era a sua relação com a imprensa?

Antes de assinar a coluna no A Tarde, tinha um tabloide do próprio jornal e, nesse tabloide, uma coluna social que era bem leve, dos jovens da época, do qual eu fazia parte. E fiquei fazendo aquela coluna, que saía todo sábado. Um ano ou dois depois, Regi Catarino, que fazia a coluna social do A Tarde, deixou de fazer. Então, Jorge [Calmon] me convidou para tocar a coluna. Nisso, fiquei até hoje. Quando entrei no jornal, a redação era formada por profissionais do mais alto nível. Tinha Milton Santos, Giovani Guimarães, Luiz Eugênio Tarquínio, Álvaro Henrique, Ari Guimarães. Guilherme Simões, que era da família Simões, também escrevia lá. Quando cheguei na redação, eles disseram: "Não tem problema, não, July. A gente lhe ajuda". Tive a maior escola que alguém poderia ter. Eram pessoas diferenciadas no jornalismo. Hoje as pessoas não são tão comprometidas.

Nem tão preparadas...

Não quero nem dizer isso, mas não são tão comprometidas como eram antigamente. Eles tinham o

compromisso de fazer do A Tarde o melhor jornal [ênfatisa]. Lembro que numa das primeiras colunas que escrevi, eu tinha que falar sobre uma festa de dona Hildete Lomanto [esposa do governador Lomanto Júnior]. Milton Santos fez um resumo das palavras que eu deveria usar e disse: "Agora você se vire". Fiz a nota, quando dei a ele: "Está uma delícia July! Você falou tão natural. É isso que as pessoas querem ler. Não querem ler coisas rebuscadas". E assim fui indo.

Você ficava na redação de A Tarde? Que época era essa?

Ficava. Era 1963. Eu ia pela manhã e ficava até a hora que terminasse a coluna. Nessa época, o jornal saía à tarde, era vespertino. Mal acabava de acontecer a notícia, já saía. Para mim, foi a melhor época e eu acho que para o jornalismo também. O A Tarde estava no auge. Tínhamos Ranulpho de Oliveira como nosso diretor. Ele era um *gentleman*, uma pessoa educadíssima. Tinha Jorge Calmon como redator-chefe. A família Simões estava sempre presente. Regina vinha todo mês, passava uma semana. Renato vinha com

mais frequência. Era uma redação diferenciada. Pode ser que lá no Rio, em São Paulo houvesse uma redação igual, mas aqui na Bahia não tinha nada parecido.

Antes de entrar no A Tarde, você escrevia em algum lugar?

Não. A primeira vez foi no jornal A Tarde. Estudei no Sofia Costa Pinto. Depois, fiz Filosofia, que não tinha nada a ver. Uma coisa só mesmo para fazer um curso, entendeu?

Quem lhe indicou para a coluna social do A Tarde?

Jorge Calmon. Era meu amigo e de minha família. Eu também era muito amiga da família Simões. Era muito amiga de Guilherme. Eu tinha o hábito de almoçar na casa dele aos sábados, dia de encontro da família. Sempre vivi com ele. Jorge Calmon e Leonor eram meus amigos também. Então, entrei assim.

E quando foi que a coluna passou a ser diária no jornal?

Tinha o tabloide dia de sábado. Aí, quando o Jorge me chamou para a coluna social do jornal, já era diariamente. Com o nome July. Havia um rapaz que se dava bem com todos e ele estava na redação quando surgiu a pergunta sobre o nome da coluna. Ele disse: “Por que não July?”. Porque as pessoas me chamavam de Juju, meu apelido. Mas eles acharam que Juju não ficava bem para o nome da coluna. Aí ficou July. E nunca mudou.

Naquela época os outros jornais tinham coluna social?

Bom, existia o Jornal da Bahia, que tinha colunista social. Primeiro, foi com um jornalista que foi embora e aí entrou a Regina Coeli, que fez a coluna muitos anos. E no Diário de Notícias, que ainda existia, era Isolda Menezes quem fazia.

E quando começou a Tribuna?

Quando começou a Tribuna, veio um jornalista do Rio para fazer o jornal [ela não se recorda mas trata-se de Quintino de Carvalho]. Ele esteve na minha casa para me convidar pra ir trabalhar na Tribuna. Disse a ele que agradecia muito ao pessoal da Tribuna, que era uma honra, mas que eu jamais deixaria o A Tarde, jamais deixaria Jorge Calmon, enquanto ele me quisesse. Entendeu? “Ah, eu dobro o seu salário.” Eu disse tudo bem, mas é uma questão do meu

coração. Para não dizer de ética, né? Sempre fui muito bem tratada no A Tarde. Era amiga deles e da família inteira.

Qual era o espaço da coluna na época? Já tinha foto?

No início era meia página. Sim, sempre foi com foto. Depois passou a ser uma página inteira. Aí já mudou, já não era mais Jorge Calmon, infelizmente. E as pessoas que vieram depois foram mudando para economizar espaço. Aí, a coluna voltou a ocupar a metade da página. Tempos depois aumentou mais um pouquinho pra baixo, até aumentou mais o espaço da coluna. E agora, nessa nova gestão, [2017] cortaram a minha coluna novamente. Três dias da semana, uma pessoa de São Paulo escreve sobre coisas de São Paulo. Não tem nada a ver.

Na época que a senhora ingressou no A Tarde, 1963/1964, veio a ditadura. Teve alguma censura na sua coluna?

O jornal tinha censura e até censor dentro da redação. Mas não olhavam a coluna. Jorge Calmon me dizia, como dizia a outras pessoas também, que eu não podia fazer isso e aquilo. Então, não precisava ninguém dizer a gente. Bastava Jorge dizer que já era uma ordem. Quem escrevia sobre política podia, às vezes...

Era uma área mais sensível...

Sempre respeitei todas as ordens. Mas, logo quando cheguei, na primeira coluna que escrevi, aconteceu uma coisa muito engraçada. O jornal tinha uma sala, chamada “a sala dos cobras”, onde ficavam Milton Santos, Luiz Eugênio e Giovanni Guimarães. Fui chamada lá e Giovanni disse: “Eu queria lhe dar uma nota pra sua coluna”. Eu: que maravilha! Ele me deu a nota sobre o Vitória campeão [ri]. E eu, torcedora do Vitória. Quando chegou no dia seguinte, Jorge Calmon me chama: “Eu não lhe boto para fora agora [ênfatisa] porque já sei que quem fez a graça não foi você, foi Giovanni Guimarães. Porque senão você ia embora do jornal agora”. Aí eu falei: o que foi que aconteceu? Ele disse que era proibido falar do Vitória. Não sei que maluquice foi aquela de não falar no Vitória, porque teve uma briga...

Ah, teve uma briga entre o presidente do Vitória, Ney Ferreira, e um jornalista do A Tarde.

Sobrou para mim. Eles: “Não, ela não tem culpa nenhuma. Nós que botamos a nota

dentro da coluna”. Então, a primeira nota já era uma nota que não podia ser dada. Depois dessa, nunca houve nada de censura. Também, porque eu nunca me meti em nada.

Havia colunismo social n’O Globo, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo - O Globo principalmente. Você tinha contato com esses colunistas?

Com alguns, sim. Por exemplo, Ibrahim Sued era, para mim, o mais famoso colunista do Brasil. Uma referência e muito engraçado. Irreverente. Ele trabalhava no jornal e ninguém mandava nele. Porque, segundo dizem, não sei se é verdade, o jornal não pagava a ele, entendeu? Era uma empresa... como tem gente que escreve no jornal, que o jornal não paga, vem por intermédio de outras empresas. Então ele podia fazer o que quisesse. Coisas que a gente não podia fazer, ele fazia.

E a senhora sempre foi contratada na folha, né?

Todo mundo contratado. Não posso garantir se é verdade porque ele [Ibrahim] nunca me disse isso, mas se dizia isso. Tinha o Zózimo, que também foi muito meu amigo. A Hildegard Angel, que até hoje é minha amiga. E, em Brasília, tinha uma baiana de nascimento, mas morou a vida inteira fora, acabou vivendo em Brasília: Consuelo Badra. Que eu lembre, eram os colunistas mais conhecidos.

Tinha troca de informação de você com eles?

A Hildegard, quando eu tinha qualquer coisa que interessava a ela, que saísse aqui na Bahia, ela me telefonava. Se tivesse alguma coisa que interessasse a mim também, que saísse lá, eu pedia e ela colocava. Os outros não. Eu ia muito ao Rio. Quando Ibrahim fazia festa, sempre me convidava. Existia uma relação de amizade, mas não de troca de notícias.

E as suas fontes? Claro, foram construídas com o tempo, né?

Minhas fontes são pessoas, assim, de alto nível. Quero dizer, não é de pessoa que tem dinheiro, não, mas tem conhecimento de tudo. Elas sempre me dão a notícia, mas pedem para que eu não revele o nome, entendeu? Eu sempre tive as minhas fontes seguras, tanto que, quando querem alguma coisa pedem a mim. Por isso mesmo, esse negócio de mudar [a coluna do jornal],



A medalha Ranulpho Oliveira, da ABI, na minha profissão, foi a coisa que mais me tocou.

eles ficaram muito contrariados. Todo dia falam comigo. Dizem que é um retrocesso, isso e aquilo. O tempo dirá. Para mim, em toda a minha vida de jornalista, a coisa que mais me emocionou foi quando recebi a medalha de Ranulpho Oliveira, da ABI. Essa medalha, que já tem tantos anos, só foi dada, até agora, a cinco pessoas. Então é uma honra. E a escolha foi feita por unanimidade. Isso é uma coisa que eu guardo no meu coração. Na minha profissão, foi a coisa que mais me tocou.

Agora, July, tem um momento em que A Tarde passou a ter várias colunas sociais simultâneas. A sua foi, durante muito tempo, única, mas depois teve Terezinha...
A Terezinha fazia no domingo.

Era dominical. E teve a de Michael Koellreutter.

Ah, esse não demorou, não. Jorge Calmon mandou ele embora porque ele começou a escrever contra pessoas de dentro do jornal. Koellreutter só escrevia uma vez na semana. Era uma coluna pequenininha. Mas teve uma pessoa - não vou dizer o nome - que quando ele chegou no Yacht, fez Michael comer o jornal. Você soube disso? Ele comeu o jornal.

Atingiu várias pessoas.

Graças a Deus nesses 50 anos, nunca teve uma pessoa que chegasse para mim pra reclamar de uma nota porque o conteúdo não era verdadeiro. Pode até falar que não gostaria que desse a nota. Por exemplo, dei uma nota, há muitos anos que o Banco Econômico estava à venda. Foi um Deus nos acuda. Porque Ângelo Calmon telefonou pra Jorge, que o banco não estava à venda. Só que um dos meus maiores amigos que tive era diretor, foi presidente e era do banco, então eu sabia de dentro a notícia.

E o banco estava à venda mesmo.

Posso botar? Pode. Aí não vendeu naquela época e logo depois deu no que deu. Então quem estava certa era eu. Outra vez botei que alguém tinha conseguido, através da Justiça, ver uma conta que fulano tinha na Suíça. Renato Simões me chamou e disse assim: "Você botou uma bobagem na sua coluna. Não existe, não há condição de a Suíça dizer se alguém tem conta ou não". Agora é só o que a Suíça faz, não é? Naquela época já existia [informação do banco], mas foi um caso isolado, de uma pessoa isolada, que alguém soube por acaso, né? Hoje não faz



▲ Acima, July recebendo o prêmio Ranulpho Oliveira, ladeada por Samuel Celestino e Walter Pinheiro.

► Ao lado, a ficha de inscrição da colunista na ABI, de 1963.

▼ Abaixo, as carteiras do A Tarde e da ABI.

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA MFN: 194
Insc.: 1151

NOME ISENSEÊ, Julieta Miranda

END. Ferrão Magalhães, 71/73-Chama-Chama TEL. 7-1264
apto. 202

IDENT. DATA NASC. 25 / 09 / 1928

NACIONALID. BRASILEIRA NATURALID. Salvador - Ba

LOCAL DE TRABALHO Jornal A Tarde

END. Av. Magalhães Neto, s/nº TEL. 4-0077

FUNÇÃO QUE EXERCE

ASS. DATA ADMISSÃO 18 / 09 / 1961



outra coisa, senão dizer quem tem conta na Suíça.

Sua coluna era bem-sucedida, também porque você sempre teve parceria com fotógrafos de qualidade. Como era essa parceria?

Vavá era exclusivo, né? A Tarde não pagava a ele. Ia o nome dele [nas fotos]. Então, muitos anos depois - não interessa o que motivou ele a fazer isso -, Vavá entrou na justiça contra A Tarde para receber. Não recebeu tudo, mas recebeu uma parte. Daí em diante, não trabalhou mais para mim. Depois, entraram Valtério e Kin Kin.

July, lembra de algum furo jornalístico de sua coluna?

Sempre fui amiga de Juracy Magalhães, inclusive minha prima é casada com Jutahy. Toda vez que eu ia ao Rio almoçava com eles. Um dia, eu estava com dona Lavínia, ela fazendo as unhas. Aí, Juracy chegou e disse: "Lavínia, acabei de receber um telefonema de Castelo Branco me convidando pra ser embaixador do Brasil nos Estados Unidos". Ela: "E o que foi que você disse?". Aí ele falou: "Pedi algumas horas para pensar, para conversar com você".

Eu viajava no dia seguinte. Cheguei aqui e botei no jornal que *o ex-governador Juracy Magalhães vai ser o nosso embaixador*, querendo dizer que eu é que estava contando, entendeu? Não disse que foi o presidente que telefonou. Falei com Juracy que eu ia dar. Ele: "bom, dessa maneira acho que não tem importância nenhuma".

Essa notícia sobre Juracy, os outros jornais, entre eles, o A Tarde, só deram depois, né?

Sim. Depois fui passar meu mês de férias nos Estados Unidos e estive com ele lá na embaixada. Uma coisa que o colunismo me deu, foi conhecer, realmente, quase que o mundo inteiro. Porque antigamente - hoje não existe mais isso - tanto governos, quanto agências de viagens, companhias aéreas sempre convidavam jornalistas para fazerem viagens. E, por sorte minha, quando convidavam alguém da Bahia, era sempre eu. Então, realmente, viajei muito. Só ao Japão, que ninguém vai, já fui três vezes. Realmente, através da minha coluna, eu conheço muita coisa do mundo.

Chegou a fazer o curso de jornalismo em algum momento?

Não. Eu ia até fazer com o Fernando Rocha, mas ele e os outros me diziam que o maior curso de jornalismo que eu podia fazer, eu já tinha feito dentro do jornal. Realmente, quando comecei, eu tive uma aula de jornalismo. Você já pensou? Milton Santos, era uma sumidade. Ele foi preso durante a ditadura e quando conseguiu sair da prisão foi morar em Paris, ensinar na Sorbonne. Para você ver a capacidade dele. Agora, quando eles ficaram presos, eu ia lá [ênfatisa], levava cigarro, maçã, pera, essas coisas. Dia de domingo, não podia falar com eles. A gente conversava pela janela e depois entregava as coisas, aí eles mostravam a gente que tinha sido entregue. Eu ia, com a cara e a coragem. E era amicíssima de um almirante, Murilo Souza Lima.

Era ministro da guerra, na época.

É o que fica na frente de todos. Murilo, depois veio para a Bahia. Ficou como comandante do Segundo Distrito Naval. A mulher dele é baiana, amicíssima minha, de criança, de jovens, de tudo. Então, no tempo da Revolução, eu vivia na casa deles, mas não comentava nada de política. Nem ele com a gente. Nunca me meti, como até hoje não me meto. Lava Jato, não sei o quê, essa coisa, não boto muito na coluna. Não falo sobre isso porque não é meu setor. Não gosto de me meter num assunto que não tenho conhecimento profundo da coisa.

July, com qual governador você teve mais aproximação?

Juracy. Depois, Lomanto, Roberto Santos. Roberto Santos era meu amigo de infância daqui da Barra. Dia de domingo, os jovens iam ali para o Farol, andar. Éramos todos amigos. Então, ele já era meu amigo. Doutor Edgar, o pai dele, eu gostava muito. Ele gostava muito de mim também. Isso, fora de jornalismo.

Teve um momento que a senhora teve uma coluna no Esporte Jornal.

Tive. O Esporte Jornal, do qual eu era sócia também, com Luiz Eugênio, Betinho Catarino, Zezé Catarino. A gente fazia o jornal. Quando não tinha dinheiro eles emprestavam, os ricos emprestavam dinheiro. E foram quinze anos. Não era coluna social, era uma coluna informativa, de qualquer assunto. Mirante. Eu também não podia fazer coluna social lá por causa de A Tarde. Botava o social dentro da coluna, caso tivesse alguma coisa que valesse a pena. Mas

a coluna era sobre qualquer assunto que eu quisesse falar.

Mais recentemente a senhora passou a não ia mais à redação do jornal. Fazia tudo de casa.

Depois que começou a internet, não fui mais no jornal e antes eu fazia a coluna em casa. Mandava ou, se não tivesse por quem mandar, alguém pegava. Um sobrinho meu que trabalhava no Shopping Barra, sempre passava aqui, pegava e levava a coluna.

Já aconteceu da coluna sair diferente do que você escreveu?

Não me lembro qual foi a época, tinha uma pessoa lá que botava notícia na minha coluna. Mas, depois de tanto eu brigar, isso acabou.

Mas era algum diretor do jornal?

Não. Eu tinha acesso para conversar com os diretores. Era alguém que botava. Eu sabia quem era a pessoa, mas...

Querida evitar um confronto, né?

É. Preferi que a direção do jornal falasse com a pessoa, ao invés de eu falar. Aí acabou.

Para finalizar queria que você fizesse um comparativo entre o colunismo social de quando a senhora começou e o de hoje.

Ah, mudou muito. Antigamente você fazia uma coluna social, casamento de fulano de tal. Quase que a coluna inteira era sobre o casamento. Fulana, vamos dizer assim, Juca Lisboa... *O vestido dela era de seda com a gola de renda, a manga de renda, a cauda tinha não sei quantos metros, o buquê de não sei de quê, a tiara era de brilhante ou de flor, de rosa, tarara... A mãe vestida com vestido com vidrilhos...* descrevíamos tudo. Hoje não, ninguém quer ler mais essas coisas. Então, você fala num casamento: casaram os noivos e se for bonito, realmente muito bonito, você fala de uma maneira para a pessoa que está ali sentir que foi... [especial]. Agora, é só notícia que casaram. Quando querem, pedem para botar. Porque tem pessoas que, hoje em dia, não gostam que digam que fez festa de casamento, entendeu? Por causa da situação do país, não é? As pessoas estão mais cuidadosas com as suas vidas. Antigamente, tinha que dizer tudo, do sapatinho não sei o que lá, entendeu? Atualmente, não cabe mais, mas naquela época cabia. ■

50 ANOS

Biblioteca
de Comunicação
Jorge Calmon



Estudo, pesquisa, informação e lazer.
Tudo isso com um acervo raro e especializado em comunicação.



José Pedro Daltro Bittencourt é o pioneiro na criação da assessoria de imprensa do setor privado na Bahia. Nascido em 1942, aos 16 anos já estava trabalhando na redação do jornal Estado da Bahia, do Grupo Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand. Fazia matérias de Economia, em especial, o movimento dos portos. Desse período, final dos anos 1950, Pedro Daltro nos fornece uma rica “cor local” de como funcionava o dia a dia de um jornal de Salvador. Os repórteres cumpriam suas pautas se dirigindo às fontes de bonde, ônibus ou na conhecida “paleta”, como era o seu caso. Nesse aspecto, revela a curiosa rotina que o levava até o porto de Salvador, através da Ladeira da Montanha. A avenida do Contorno ainda não havia sido construída para facilitar a ligação entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Da redação dos Diários Associados - situada na Rua Carlos Gomes - seguia a pé, em pleno sol das 14 horas, até à Montanha e pedia carona nos carros que subiam e desciam a ladeira. Lá embaixo, percorria andando armazéns do porto para saber do movimento das mercadorias descarregadas pelos navios. Desse relacionamento com o mundo dos negócios conheceu inúmeros empresários e optou por trabalhar assessorando empresas num período em que o setor privado não se preocupava com Relações Públicas. Depoimento ao jornalista Kau Rocha.

Eu era *bem* *relacionado* com os jornalistas. *Nada de jabá,* não dava dinheiro'

Quando foi que a paixão pela escrita te levou para o campo do jornalismo?

Aos 15 anos, já fazia o Jornal do clube Fantoches. Meu sonho era trabalhar em rádio. Eu estudava pela manhã. Chegava em casa na hora do almoço, pegava um bocal de luz e fazia de microfone, era um jornal falado. Tinha sessões que eu repetia. Eu ia para a rua, por exemplo, para a avenida 7 de Setembro, ver o desfile. Ficava parecendo maluco, falando sozinho para gravar e, no outro dia, ao meio-dia, passar no meu programa. A paixão pelo jornalismo vem daí. Depois, já com vinte e poucos anos, fiz a revista da Associação Atlética da Bahia.

E em jornal profissional?

Comecei nos Diários Associados aos 16 anos, em 1958. Os Associados tinham dois jornais, o Estado da Bahia e Diário de Notícias. Fui para o Estado da Bahia, depois para o Diário de Notícias, depois fiquei nos dois. Comecei fazendo esporte amador. Nunca entendi nada de esporte. Aí o editor Luiz Vasconcelos, disse: "Ó Pedro, esporte amador a gente não paga, não, viu? Tem que fazer para o profissional". Mas não entendo nada. E ele foi muito meu amigo: "Não tem problema. Você não vai à Fonte Nova. Você vai entrevistar jogador, diretor de clube, fazer a cobertura do Vitória". E eu era Bahia. Comecei a cobrir o Vitória. A sede era aqui no Edifício Themis. Ney Ferreira era o presidente. Frequentei o Vitória, treino, jogador. Passei, então, a admirar o time, torcer pelo Vitória. Lar-

guei o Bahia. Quando mudei, depois de quatro anos que deixei o Esporte, passei para a reportagem Geral. Disse nem Bahia, nem Vitória, não sou mais nada. Encerrou minha carreira de esportista aí.

Como era a Bahia nesse período?

Não havia a violência que tem hoje. Eu trabalhava na rua Carlos Gomes. Além dos dois jornais, funcionava lá a Rádio Sociedade da Bahia. Eu era vidrado por rádio. Antes de 58, antes dos Diários Associados, colaborei em alguns jornais fazendo coluna de rádio. No semanário Sete Dias, de Ariovaldo Matos e José Gorender, propus uma coluna de rádio. O Sete Dias saía segunda-feira pela manhã. Eu entregava minha coluna domingo à tarde diretamente na gráfica. O Sete Dias era um pouco maior do que o tablóide, papel verde, chamado melancia, verde por fora, vermelho por dentro. Porque os editores eram Ariovaldo Matos e José Gorender. Havia também Maurício Naiberg que era outro militante de esquerda que ajudava no jornal. Naquela época não tinha matutino. A Tarde e O Estado da Bahia eram vespertinos. E uma pessoa que gostava de esportes procurava alternativa no Sete Dias. Ainda tinha o Esporte Jornal, de Luiz Tarquínio, que também era muito bom. Depois o Sete Dias acabou. Ariovaldo, Gorender e Naiberg criaram o IC - Indústria e Comércio, o Shopping News da Bahia. O IC circulava domingo pela manhã com distribuição gratuita. Naiberg era uma fera, rapaz. Saía domingo, às 5 horas da manhã, com um Jeep velho,

deixando os jornais em todos os clubes, hospitais, nos prédios da Barra, Graça, classe A. Era um sucesso extraordinário.

Você só fez a coluna de rádio no Sete Dias?

Ariovaldo disse: “Pedro, deixa esse negócio de rádio pra lá. Isso não dá camisa a ninguém”. Eu expliquei que tinha a revista do rádio que era um sucesso, mas ele: “Que nada. Vou pedir para você fazer uma coisa”. Botou uma folha de papel na máquina e escreveu umas perguntas. “Você vai nos Alagados. Procura saber como é que o pessoal lá vive, como é a casa, se tem televisão, se tem rádio, como é que é o fogão, se os meninos estudam, tudo isso e tal”. Botei paletó e gravata - antigamente o jornalista, andava de paletó e gravata - e fui para o Bairro dos Alagados. Em cima daquelas palafitas, olhava para baixo, com aquela água, com um medo horrível de cair. Fiquei impressionado com o nível do pessoal que morava lá. Eletrodoméstico de primeira, tudo em ordem. Os meninos estudavam, roupinha limpa e tal. Fiz as perguntas que ele mandou. Botei as respostas e entreguei. Ele: “Senta aqui junto de mim”. E começou a redigir. Assim, fiz a minha primeira reportagem. Sobre Alagados.

Você também cobriu copas do mundo?

Cobri duas. 1958, a Copa da Suécia, e depois, em 1962, a do Chile. Naquela ocasião não tinha internet. Então, os Diários Associados mandavam os jornalistas para o local da Copa e eu ficava aqui ouvindo a Rádio Globo, Waldir Amaral e Benjamin Wright. Eu escrevia o que eles diziam porque não entendia nada. E o editor Vasconcelos: “Você vai fazer a Copa”. Mas, Vasconcelos... “Tudo de fora da Bahia, quem faz é você. Faça pelo rádio”. Tudo bem. Saía direitinho, eu arrumava a matéria e assinava: Da Suécia. Eu era o “enviado” dos Diários Associados. Na Copa do Chile, eu tinha um chefe mais responsável chamado Luiz Sampaio, excelente jornalista. No último jogo, ele disse: “Pedro - ele viu que eu não era lá essas coisas -, esse jogo eu vou fazer, viu?”. Eu dei graças a Deus. Essa foi a minha passagem pelas Copas do Mundo. Internacionalizei-me assim.

Como era a rotina do jornalista naquela época?

Estudava pela manhã e chegava no jornal Estado da Bahia às 14 horas. Pegava a pauta, andava da rua Carlos Gomes até a Ladeira da Montanha, pois naquele tempo o repórter não tinha negócio de carro, não, era no ônibus, no bonde mesmo, pagando do seu dinheiro. O jornal não dava dinheiro para transporte, só se fosse uma coisa extraordinária. Nessa época, não existia a avenida Contorno, a via [entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa] era a Ladeira da Montanha. Às 2 horas da tarde era a hora que todo mundo almoçava em casa, não tinha restaurante na Cidade Baixa, onde vivia o comércio. Todo mundo vinha [para a Cidade Alta]. A gente pegava carona



FOTO: KAU ROCHA / DIVULGAÇÃO

Eu gostava muito de festa. Mas não tinha dinheiro para ser sócio dos clubes. Então, criei uma coluna no Diário de Notícias: Ronda dos Clubes. Aí foi convite para tudo quanto é festa.

para descer a Montanha. Todo mundo se conhecia. “Ah é jornalista e tal. Vamos descer, bora”. Eu fazia a cobertura da classe produtora, que hoje é chamada empresarial. Chegava um navio que ia trazer café e tal, movimento portuário. Eu andava do primeiro armazém das docas até o quarto, quinto com sol de 2 horas da tarde para ver o que o navio trazia. Depois, ia visitar a Federação da Indústria e outras entidades. Fazia a pauta e mais ou menos 5 horas retornava para a redação, redigia e entregava ao editor. O jornal tinha um boy que ficava no telefone a manhã toda esperando [linha]. “Deu ruído, deu ruído!” [ri brevemente]. Assim era a imprensa, não tinha nem telex.

Radiofoto, fax?

Fax? Nada! Que fax... era rádio não sei o que lá. E tinha um cara que traduzia os telegramas. Chegava até ele aquela maçaroca de papel, ele traduzia e entregava pra o editor. Depois do Estado da Bahia foi que veio a Coluna de Negócios com a assinatura de Pedro Daltro. Eu gostava muito de festa, era um grande dançarino. Mas não tinha dinheiro para ser sócio dos clubes. Então, criei uma coluna no Diário de Notícias: Ronda dos Clubes. Aí foi convite para tudo quanto é festa. Carnaval, eu tinha coleção de convite. Todo mundo queria sair na Ronda dos Clubes. Foi um sucesso. Era anos 60.

A coluna era no jornal Estado da Bahia?

Não. Eu era do Estado da Bahia, mas fazia a coluna no Diário de Notícias, o outro jornal dos Associados. Heitor Castro, que era do Estado da Bahia, ficou com ciúme. “Por que a gente não fez essa coluna aqui?”. Aí, fiz outra coluna no Estado da Bahia. Nunca esqueci isso. Fui para o IC e Ariovaldo Matos, botou o nome da

coluna “A Vida está nos Clubes”. Eu disse, Ari, isso não é título de coluna. Ele: “Daltro, a vida está nos clubes. Sua família celebra no clube, você dança no clube, a festa é no clube, a prática de esportes é no clube. Tudo é no clube. A vida está nos clubes”. Adorei e fiz A Vida está nos Clubes. E o jornal IC não pagava redatores. Maurício Naiberg, que era um comerciante, vendia o jornal todo. “Daltro, você tem que botar uns anúncios aqui, aí você vai ganhar dinheiro na comissão”. Realmente, com as comissões dos anúncios, eu ganhava um dinheirinho bom. Carnaval? Eu vendia as páginas para os clubes fazerem cadernos sobre Carnaval. Duas páginas para o Fantoche, uma página para o Bahiano de Tênis, vendi para a Associação Atlética. Era 1.500 a página e eu ganhava 300 por página. Para mim era uma festa. Era mais do que o salário.

Com bons contatos, você também entra na parte comercial da coisa?

Até hoje tenho bons contatos, ainda bem. Eu fazia uma coluna de negócios no IC, chamada Bastidores. E depois sai do IC, deixei os Associados, fui para o A Tarde fazer a coluna de Negócios. Batista Vieira era o chefe de página de Produção e Negócios, que na época não tinha editor. Fui tirar férias de Batista. Até que Fernando Rocha comentou na redação. “Esse menino vai ficar aí. Batista Vieira não vai mais voltar para a coluna”. Dito e certo. Jorge Calmon me efetivou. Foi assim que tive minha primeira carteira

assinada, porque nos Associados não assinaram carteira. Comecei no A Tarde um dia e no dia seguinte já estava com minha carteira assinada.

Que ano era esse?

Era início de 1963. Na revolução eu estava nos Associados ainda. O repórter de Política era Antônio Roberto Pellegrino, pai de Nelson Pellegrino. Ele fazia a cobertura da Assembleia Legislativa ganhou uma bolsa de estudos para a Espanha. E eu fui para o lugar dele. A Assembleia Legislativa funcionava neste prédio da ABI. O plenário ficava no último andar e para entrar era difícil. Acho que era por causa da época da revolução. mas me achavam parecido com o deputado Francisco Benjamin, líder do governo. Quando eu chegava na portaria, o porteiro dizia: “Deixa entrar que é irmão do doutor Benjamim”. Nunca disse que eu não era...

Sei que você tinha esse link com o Carnaval. Era assíduo lá do clube dos Fantoche?

Não. Eu morava defronte ao Fantoche e era presidente do Grêmio Juvenil de lá. Aos 15 anos de idade já ajudava a fazer o jornalzinho do clube. Essa foi minha primeira experiência em jornalzinho.

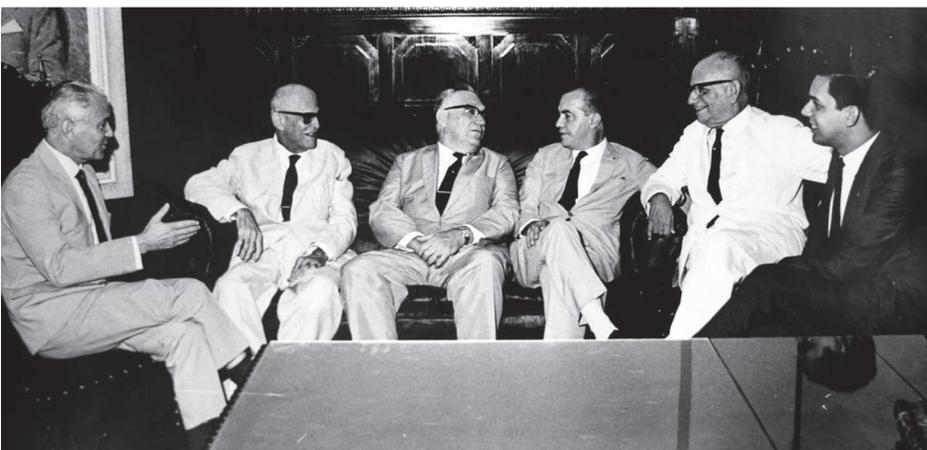
Como você entrou na área da assessoria de imprensa?

Eu já estava no A Tarde, fazia a página Produção e Negócios. E em 1965, fui trabalhar também na Propeg. Certo dia, Jorge Calmon me chamou: “Pedro, você não pode fazer Economia e Negócios aqui no A Tarde e trabalhar numa agência de propaganda”. Eu já estava ganhando muito mais na agência de propaganda, então, fui embora do A Tarde.

Que ano?

No final de 1967. Foi quando Juvenalito Gusmão, [diretor da Construtora Itajubá] que era meu amigo, falou: “Vou fazer o meu primeiro lançamento e quero que você dê umas notas no jornal. Quero que você faça a assessoria”. Ó, não faço isso. Estou na Propeg. “Mas é coisa boba. Fale com meu irmão, que toma conta

▼ Abaixo, como assessor do TCE, visitando A Tarde. Da esquerda para a direita: Cruz Rios, Ranulpho Oliveira, Conselheiro Edson Tenório, Jorge Calmon, Conselheiro Jayme Baleeiro e Pedro Daltro.



► Ao lado, de blazer escuro, bebericando com amigos e recebendo homenagem de Ernesto Marques na ABI.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

disso. Ele dá os dados, você bota notinha no jornal e tal". Fui falar com o irmão dele, Lourival. Me contratou, eu ganhava por mês 200 reais [a moeda na época era o cruzeiro novo] para fazer assessoria. Depois, levei a conta da Itajubá para a Propeg, onde passei dez anos e aprendi muito. Naquela ocasião não tinha assessoria de imprensa, ninguém fazia. Era só Ariovaldo Matos. Mas os clientes da Propeg sempre queriam notinha jornal sobre algumas atividades deles, alguns eventos. Aí Rodrigo [Sá Menezes, um dos fundadores da Propeg] disse: "Vamos criar uma empresa e deixar de fazer assessoria de graça". Aí fez a Planserp - Planejamento e Serviços de Relações Públicas. Eu era o responsável. E assim começou a minha assessoria. Saí da Propeg em 73. Nas divisões, Rodrigo disse: "Pedro, você fica com a Planserp". Eu era sozinho no mercado. Tenho muito orgulho dos clientes que eu tinha naquela ocasião, entre eles o Banco Econômico da Bahia, onde fiz a revista do BESA - Banco Econômico SA.

Foi premiada, né?

Sim. Ganhou o Prêmio Colunista, do Nelson Cadena. Ganhei a medalha de ouro. Depois ganhei a segunda medalha do Prêmio Colunista com o jornal Amigo, que eu fazia pra Paes Mendonça. A terceira medalha não foi mais de ouro, que o Prêmio Colunista não aguentava mais dar prêmio a Pedro Daltra. Fiz o jornal para a indústria de celulose que ficava no Centro Industrial de Aratu e ganhei medalha de bronze ou prata. Fui assessor de imprensa durante 17 anos da Construtora Norberto Odebrecht. Naquela época, Norberto Odebrecht, como outras empresas, não dava muita bola para a imprensa, não tinha interesse de notinha em jornal. Aí veio o Fernando Collor de Mello e aquele escândalo. Somente depois a Odebrecht e outras empresas viram a necessidade.

Mudou muito a forma de se fazer assessoria?

Hoje em dia, assessoria de imprensa é uma ferramenta de marketing importantíssima. Não só divulga as atividades empresariais, entidades de classe, como também ajuda, auxilia na formação de imagem dessas empresas. Hoje, as assessorias de imprensa da Bahia são comandadas, em sua maioria, por mulheres. Tenho maravilhosas colegas. Por exemplo, Monique Mello, da Texto & Cia. Ela, inclusive, é presidente da ABRACOM, Associação Brasileira de Comunicação.

Substitui a colega Cintia Medeiros, sócia de Sueli Temporal, na Agência de Textos. Também tem Nilza Barude e Cristina Barude.

Por que você saiu do jornalismo de redação?

Nunca fui um João Ubaldo Ribeiro, nada disso. Eu era um reporterzinho. Mas tive sorte e cresci nas assessorias. Eu era funcionário do Tribunal de Contas e Batista Neves, o conselheiro-presidente, fez uma reforma no tribunal, criou a assessoria de imprensa - eu já era assessor -, mas ele deu uma amplitude de assessoria de imprensa, me chamou e disse: "Ó Pedro, pela atividade, pelo seu currículo, pela sua passagem pelo Tribunal, pelo tempo de serviço, a assessoria é sua. Você é o chefe da assessoria. Agora, acaba essa vida sua. Você tem que passar o dia todo aqui dentro". Mas conselheiro, aqui vou ganhar quanto? "Ah, é isso aqui, seu salário..." Lá fora ganho muito mais. Agradeço muito a ele, deixei a chefia, continuei funcionário do Tribunal de Contas.

Como você construía a sua relação com os jornalistas?

Eu era bem relacionado com os jornalistas. Nada de "jabá". Agora, fim de ano os clientes sempre davam uma lembrança, um presente e tal. Sempre fui camarada de todos.

Como você chegou à assessoria da Associação Comercial da Bahia?

Há 33 anos, Juvenalito Gusmão, que foi presidente da Ademi - meu amigo -, me convidou para ser diretor da Associação Comercial da Bahia. Como empresário, eu era somente dono de uma empresa de assessoria de comunicação. Fui diretor durante a gestão dele. Depois veio o outro presidente - Joaquim Fonseca, e eu me relacionava muito bem com todo mundo. Resultado: sou o diretor da Associação Comercial há 25 anos, mesmo sem ser empresário de alto coturno. Fui diretor da Junta Comercial da Bahia oito anos. Eu olhava assim, só tinha cobra. Eu não entendia nada de processo, de Junta Comercial, mas era representante da Associação Comercial. E assim os anos passaram. Fui diretor de outras entidades, convidado para não sei o quê. E devo isso aos meus relacionamentos, as amizades que eu fiz. Sinto muito orgulho disso.

Houve algum momento constrangedor nessas relações?

Eu cobria a Câmara do Sisal da Bahia. Cer-

ta feita, um diretor me chamou: "Venha no meu escritório". Chegando lá, ouvi: "Papai Noel mandou para você um cartão". Ele me deu um embrulhinho. Quando abri era um brinde da empresa dele, uma carteira cheia de notas dentro. Fui lá, disse: Recebi esse brinde, agora não faça isso. Sou jornalista. Vivo do salário do jornal. Ele: "Não estou lhe ofendendo, não". Não é para ofender, mas não posso aceitar.

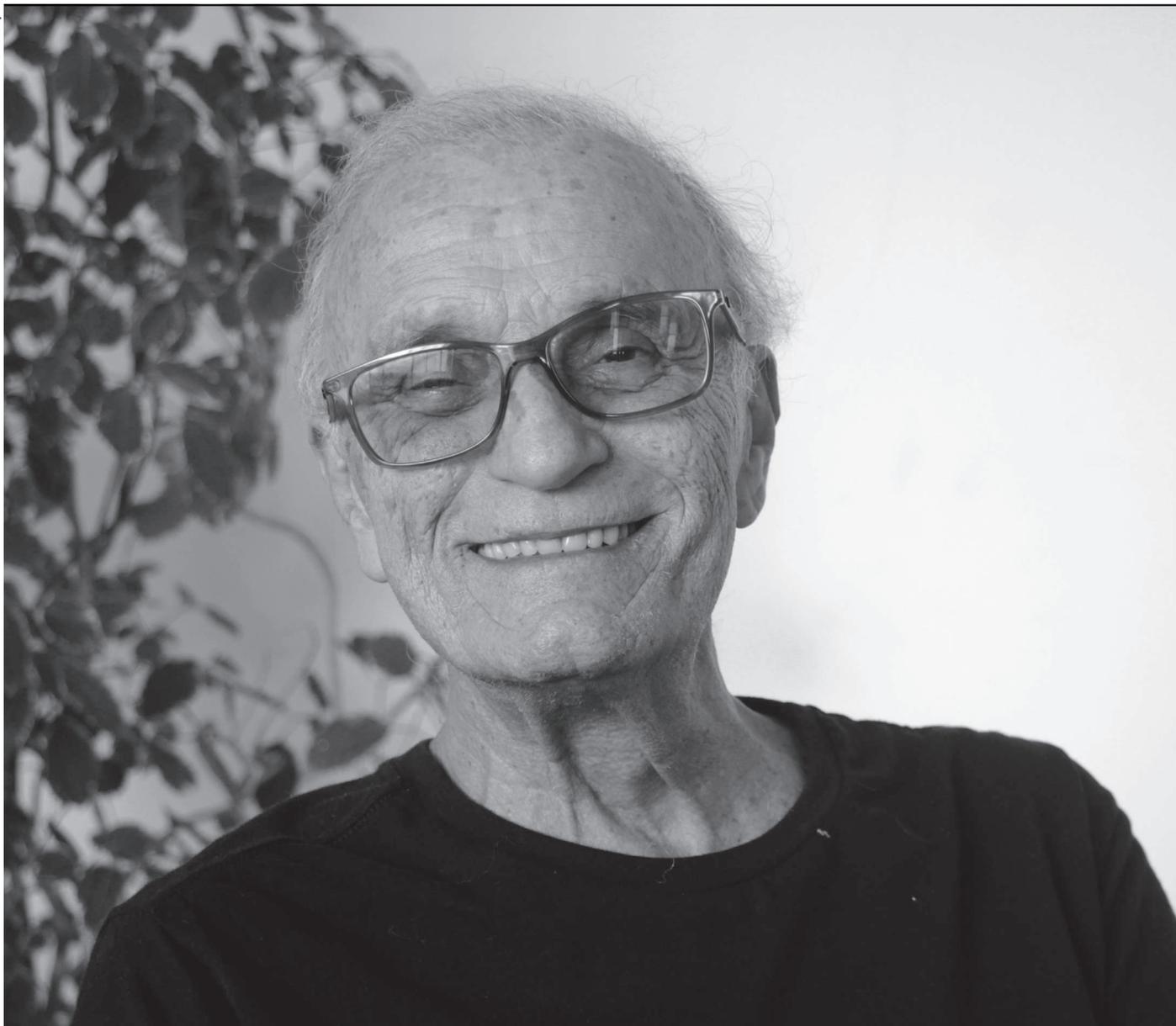
Um outro foi com o dono de uma construtora. Os Associados queriam um anúncio e Xavier era o diretor comercial do jornal: "Pedro, você vai entrevistar o diretor tal. Faça uma matéria de uma página toda para eu pegar esse anúncio dele". Fiz a matéria, o diretor da empresa ligou para mim. "Parabéns, gostei muito da matéria. Venha tomar um café comigo". Fui lá um dia. "Muito obrigado pela matéria que você fez". Aí abriu a gaveta, tirou o cheque e me ofereceu. Outro sabão. "Doutor, se eu fosse um jornalista inexperiente, pegava isso, mas não sou. Isso se chama imprensa marrom". Rapaz, ele ficou todo sem graça. "Então, vou fazer alguma coisa. Você foi tão gentil comigo e tal". Aí chamou um cara: "Fulano, manda esse anúncio de página para os Diários Associados". E depois passei a fazer o jornalzinho dele.

Você tem uma longa jornada na área da Comunicação...

Bom, fui responsável pela editoração de revistas e jornais informativos para as seguintes empresas: Banco Econômico, Construtora Norberto Odebrecht, Correa Ribeiro SA, Ciquine, Paes Mendonça, Nitrocarbono, Shopping Itaipara, Shopping Iguatemi, Shopping Barra, SafraTegi, Chadder, Ademi-Bahia, Concic Engenharia, Federação dos Dirigentes Lojistas, Empresa Fernandez, Cepedi e Frutos Dias. Mas eu fazia muitos eventos, inaugurações.

Qual o futuro do jornalismo?

Hoje em dia o mercado de trabalho não é mais aquele mercado de trabalho da época que eu comecei. Hoje você tem diversas opções na área. As assessorias, as rádios que têm as suas equipes próprias. A televisão, então, nem se fala. Abriu um leque enorme para profissionais. Se eu estivesse na imprensa hoje, estaria em rádio e televisão tranquilamente. Fui diretor 30 anos, sou até hoje, da Associação Comercial. Com que empresa, com que *know-how* empresarial? Nada, entendeu? Devo tudo isso ao meu *feeling*. Esse sou eu. ■



Sérgio Gomes foi um dos jornalistas pioneiros da Tribuna da Bahia. Mesmo muito jovem, aos 21 anos, ajudou Quintino de Carvalho a formar a nova geração de jornalistas cuja responsabilidade foi colocar na rua, em 1969, os primeiros exemplares do jornal, impresso em *offset*. Sistema moderno, mas cujas rotativas eram maiores que o espaço reservado a elas no prédio construído na Rua Djalma Dutra. Ele chefiou a sucursal de O Globo em Salvador quando o jornal carioca se instalou na cidade e relata como as grandes empresas jornalísticas do país não mediam esforços e recursos para publicar as principais notícias ocorridas em todo o Brasil. Certa feita, a matriz de O Globo autorizou o jornalista a fretar um avião para levar fotografias para a sucursal de Recife e, assim, transmitir para o Rio de Janeiro telefotos de matéria produzida na Bahia porque o aparelho do escritório baiano estava quebrado. Sérgio também atuou como repórter da sucursal da Revista Veja e conseguiu um feito inédito: uma entrevista para as “páginas amarelas”, privilégio reservado, até então, a profissionais de São Paulo, Londres, Nova Iorque e Paris. Na sua passagem pela Gazeta Mercantil, aprendeu a redigir as matérias no computador, quando teve início a informatização do jornalismo e a popularização da internet no Brasil. Estas e outras histórias estão no depoimento prestado ao jornalista Kau Rocha.

O jornalista *tem que se preparar* para atuar nos *diversos meios*'

Gostaria que você falasse da sua infância, da sua origem.

Comecei no jornalismo muito cedo, mais ou menos com 15 anos. Sou de Salvador, nasci e me criei no bairro do Canela, vivi muito a fase cultural da Universidade Federal da Bahia. Desde pequeno, eu ia com meu pai, um aficionado por música clássica, assistir os concertos na Reitoria da UFBA. Meu pai era um médico, intelectual, o doutor Evaldo Gomes. Falava cinco línguas. Vivi numa casa que tinha uma parede forrada de livros, biblioteca. Então, venho um pouco desse ambiente cultural.

A minha primeira atividade foi numa revista chamada Liderança, editada por Hélio Teixeira de Freitas. Depois, na segunda metade dos anos 1960, fui para o Esporte Jornal, do jornalista do A Tarde Luiz Eugênio Tarquínio. Ele fundou o jornal semanal para preencher uma lacuna: o presidente do Vitória, Ney Ferreira, foi acusado de ter mandado espancar o radialista Cléo Meirelles e os jornais deixaram de dar notícias do futebol, inclusive do Vitória, em função desse episódio.

E a Tribuna?

Depois do Esporte Jornal fui para a Tribuna da Bahia, um jornal que ia ser lançado. Havia um jornalista baiano que fez carreira no Rio de Janeiro, chamado Quintino de Carvalho. Ele foi convidado por Elmano Castro, fundador da Tribuna, para ser o editor-chefe. E Quintino resolveu criar uma equipe nova. Praticamente, não aproveitou nenhum dos jornalistas da época. Até porque naquela época o jornalismo era de "chapa branca" - empregado do governo. Chamava assim porque os carros oficiais do estado tinham chapa branca. Então, Quintino foi para as faculdades, entrava na sala e dizia que o jornal estava para ser lançado e perguntava quem queria participar do processo de formação de novos jornalistas.

Eu não fui recrutado na faculdade. Eu estava com viagem marcada para São Paulo para trabalhar no grupo Folha, quando encontrei um amigo, Pancho Gomes. Ele falou que tinha um cara assim, Quintino de Carvalho, que estava para lançar um jornal e estava recrutando pessoas: "Você não quer ir?". Digo: estou para ir para São Paulo daqui a alguns dias, mas

vou lá conversar. Não fui mais para São Paulo porque o Quintino acabou me convidando para participar. Como eu já tinha alguma experiência e a maioria dos outros não, acabei sendo, digamos assim, um “segundo” na história de formação da equipe da Tribuna da Bahia.

Quando você fez o Esporte Jornal e entrou no jornalismo, estava na universidade?

Não existia Faculdade de Comunicação na década de 1960. Existia uma cadeira de jornalismo na Faculdade de Filosofia. Você se formava como filósofo. Mas podia se especializar como jornalista.

E você estudava Filosofia?

Não, eu ia fazer Direito, mas como comecei no jornalismo acabei não fazendo. E como depois veio a legislação que dava o título de jornalista a quem trabalhava antes de um determinado período - e eu trabalhava desde 1965 -, eu me encaixava nisso. Ganhei o título de jornalista profissional e tal.

A Tarde era o grande jornal nessa época. E alguns empresários formaram um grupo para fazer um projeto de comunicação mais amplo: uma televisão, a TV Aratu, um jornal, que foi a Tribuna, e uma gráfica. Esse grupo se cindiu em pouco tempo. Milton Tavares ficou com a televisão, Elmano Castro com o jornal e Orlando Gomes, por acaso meu tio, com a gráfica. Esse grupo pretendia ter um pouco do poder que não tinha porque não era, digamos assim, da “corriola” de A Tarde. O empresário, quando resolve colocar um jornal, está em busca de poder, de impor as suas visões na sociedade.

No estado, os jornais do Grupo Associados, Diário de Notícias e O Estado da Bahia estavam decadentes. O Jornal da Bahia era um contraponto a essa coisa de A Tarde. A ideia da Tribuna era, digamos, fazer um jornalismo com mais modernidade. A Tribuna foi o primeiro jornal do Norte-Nordeste impresso em *offset*, de muito mais qualidade do que a antiga porque se tratava de uma impressão indireta, você fazia a placa de metal. Essa placa era transferida para uma outra placa, digamos, de borracha. E essa borracha é que fazia impressão no papel, o que permitia uma impressão de muito melhor qualidade.

Não borrava tanto, né?

Não. Não era como acontecia antigamente, que eram chamados clichês, feitos em chumbo e tal, coisa que não tinha qualidade. Então, a Tribuna foi isso, ao mesmo tempo que se pretendia uma renovação tecnológica, também se pretendia uma mudança na característica do jornalista. É bom lembrar: o jornalismo tinha muito, digamos, de picaretagem. O maior grupo de comunicação do Brasil era o Diários Associados, dirigido por Assis Chateaubriand. E os próprios jornais estimulavam que os jornalistas procurassem oportunidades de ganhar dinheiro, fosse

trabalhando para governos ou para empresas e tal. Fala-se, não sei se é verdade, que quando alguém ia pedir aumento, Assis Chateaubriand dizia: “Meu filho, você pode fazer o seu próprio salário, você trabalha nos Associados”. Ele estimulava que o sujeito fosse procurar uma boquinha aqui e ali, além do salário - sempre muito baixo - da atividade. Que se oferecesse ao mercado, dizendo: “Olha, sou um setor importante, posso lhe ajudar porque trabalho [ênfatisa] numa televisão ou no jornal”. Quintino, jornalista baiano, tinha certa importância no Rio de Janeiro porque fez parte da equipe que promoveu a reforma do Jornal do Brasil [numa época em que] os jornais eram, digamos, todos ligados a partidos políticos em nível nacional. O Rio de Janeiro era cheio disso. A Tribuna da Imprensa pertencia a Carlos Lacerda, o outro jornal pertencia a outro político e tal. E o Jornal do Brasil foi o grande fator de modernização no final da década de 1950 porque trouxe práticas novas ao jornalismo. Quintino vinha com essa experiência e fez processo parecido na Tribuna, formando novos jornalistas, que não eram, como se diz assim, viciados nessa estrutura.

Quintino trouxe uma novidade ética e uma novidade técnica.

As duas coisas, técnica e ética. Os empresários investiram numa tecnologia nova e Quintino introduziu uma ética nova ao trabalho do jornalista.

Como foi sua chegada na Tribuna?

Estava sendo construído para ser a sede do jornal, o prédio da Djalma Dutra. Enquanto isso, num prédio da Cidade Baixa, formamos essa equipe nova, já fazendo trabalhos, digamos assim, de edições zero,

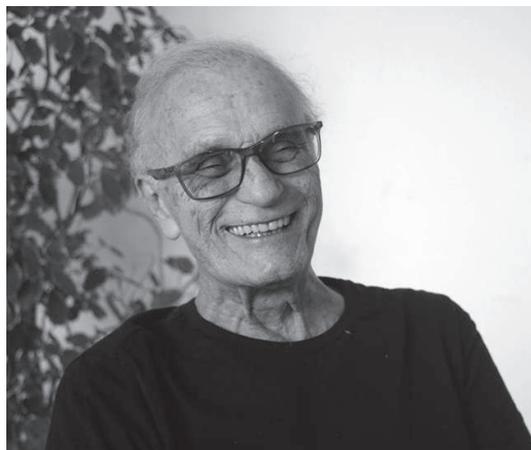
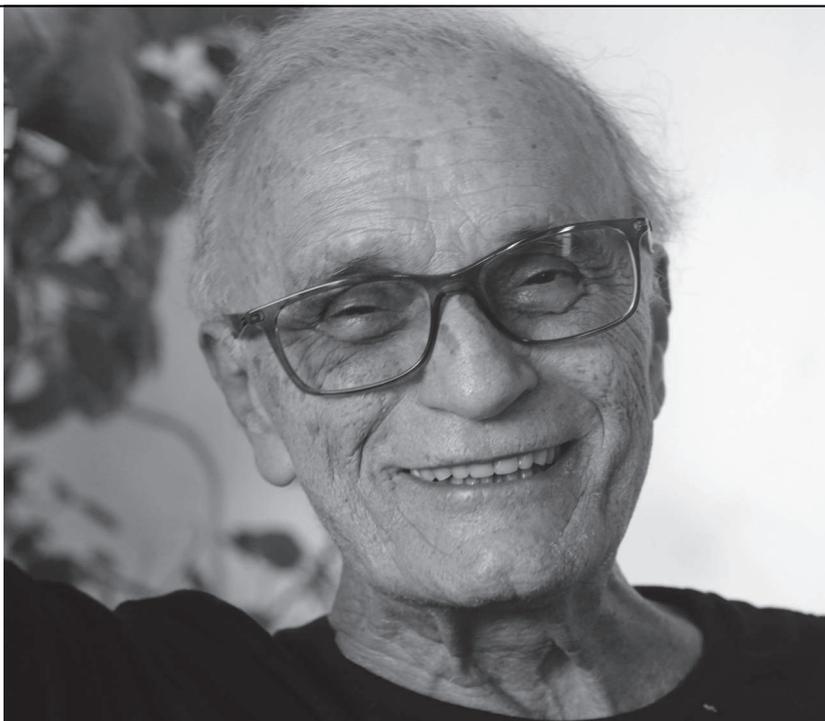


FOTO: MAURÍCIO ROCHA / DIVULGAÇÃO

A Tribuna, ao mesmo tempo que se pretendia uma renovação tecnológica, também se pretendia uma mudança na característica do jornalista.



Muitos de nós íamos trabalhar levando uma pochetezinha, com pasta de dente, escova, porque não sabia se ia voltar para casa ou ter que passar uma noite na PF.

que não eram impressos porque o jornal não estava pronto ainda, o prédio e as instalações do jornal. Levou mais ou menos um ano porque houve o atraso. Algumas coisas foram erradas no projeto. Para você ter ideia, não se calculou direito a altura da rotativa - muito moderna - o que significava que ela não cabia, tanto que teve que se cavar o chão para abaixar o nível para poder receber a máquina. Então foi uma série de coisas. Foi bom isso porque deu tempo de ir formando a equipe.

Como tinha experiência, você ficou com alguma editoria?

Fiquei como uma espécie de subeditor chefe, era o segundo da redação, na estrutura, embora muito jovem. Tinha uns 21 anos. Acabei, muito moço, dirigindo muita gente e fiz muitas amizades, mas também muitas inimizades porque esse negócio de ser chefe, de dirigir, é um negócio muito complicado. Aliás, nos jornais que eu trabalhei, queria ser um mero repórter, mas logo inventavam de me botar como editor.

A minha última experiência como repórter foi na Gazeta Mercantil. Estava feliz da vida, já maduro, com 50 e tantos anos, virei repórter especial. Mas

só consegui ficar três ou quatro meses porque logo depois me botaram de diretor. Então esse sempre foi um carma.

Você foi subeditor-chefe no período marcadamente da censura. O que se lembra dessa época?

Lembro uma vez que Luiz Artur de Carvalho, chefe da Polícia Federal na Bahia, entrou na redação da Tribuna. Embora fosse militar e muito duro como policial, era uma pessoa afável, digamos assim. E nesse dia, disse: "Olha, Salvador é uma cidade tão maravilhosa, tem praia, tem tudo e vocês me fazem trabalhar muito porque é processo em cima de processo de vocês". E fazia assim: "Eu tenho lá uma pilhazinha desse tamanho do Jornal da Bahia. Tem uma pilhazinha desse tamanho de processo de A Tarde. E tem uma pilha enorme de processos da Tribuna da Bahia! Vocês estão me fazendo trabalhar demais!"

Isso dá a ideia de como era difícil. E nós tínhamos muitas pessoas que eram de esquerda e que tinham protagonismo na oposição. Isso fazia com que a Tribuna ficasse numa constante vigilância. Volta e meia, um estava sendo preso ou tinha a casa invadida pela polícia. Eu mesmo já dormi na PF. Na época, levavam mesmo. Nós enfrentávamos, não só os militares em nível nacional como seus representantes aqui, tipo Antônio Carlos Magalhães.

Muitos de nós íamos trabalhar levando uma pochetezinha, com pasta de dente, escova, porque não sabia se ia voltar para casa ou ter que passar uma noite na PF. Teve uma vez que passei uma noite lá, ouvindo as piores coisas, gritos das pessoas espancadas. Muitas vezes eu ficava em dúvida se aquilo era para intimidar ou se era verdade. Acho que era porque eles tinham que ser muito bons atores para não ser verdade.

Por que você foi preso pela Polícia Federal naquela noite?

O poeta Rui Espinheira Filho fez uma crônica, uma visão bem-humorada, digamos assim, da situação nacional na época. E eles acharam um absurdo. Prenderam a mim e o Rui. Passamos uma noite lá, interrogados pelos policiais. Uns interrogatórios ridículos porque a gente estava dizendo: olha isso é uma sátira, não tem nada de verdadeiro. O cara não sabia o que era, o que significava sátira.

Como era o seu embate com ACM?

Não tenho a importância de um João Carlos Teixeira Gomes no enfrentamento a Antônio Carlos, mas numa escala abaixo de um Joca, estou eu.

Na época a Tribuna também se rebelou contra esses esquemas e eu utilizava muito jornal, mesmo quando não estava mais lá dirigindo, com meus artigos, com minhas opiniões e tal. Antônio Carlos era uma figura interessante. Respeitava quem enfrentava. No período de normalização da política brasileira,

Tancredo Neves foi eleito pelo Congresso o primeiro presidente civil depois da Revolução. Fiz entrevista com ACM. Ele me antecipou todas as jogadas, inclusive dele, claro, com o pedido para não publicar. Já estava fechado com Tancredo Neves e Paulo Maluf ia ser rifado. Então, Antônio Carlos tinha essas coisas, confiava no jornalista, dava *off*, que mesmo sem publicar, lhe orientava sobre o quadro político nacional. Tivemos uma relação cordial.

Você era da boemia do jornalismo?

Não, esse era um outro problema meu: nunca fui dos “Abaixadinhos” [bar popular]. Fechava o jornal, saía 2 horas da manhã. Não deixava o jornal de qualquer jeito para ir tomar cerveja e cachaça. Isso até me criou uma certa antipatia no meio porque eu gostava de um certo conforto, não sentar em banquinho. Gosto de casa. Terminava de trabalhar, queria ir para casa. Nunca fui boêmio. Aliás, quem está devendo um livro sobre a boemia na Bahia, e que tem a ver porque era jornalista também, é Florisvaldo Matos.

Você passou pela Gazeta, pela Veja e por onde mais?

Comecei na revista Liderança, depois fui para o Esporte Jornal, Tribuna e, nesse período, eu também era correspondente do jornal O Globo, na Bahia. Depois fui repórter da revista Veja. Quando O Globo colocou sucursal aqui em Salvador, fui o chefe. Os grandes jornais tinham sucursais aqui. Era uma característica do mercado. Além dos veículos locais, havia estruturas dos grandes veículos nacionais na Bahia.

Teve um período que voltei para a Tribuna, quando Joaci Góes comprou o jornal, mas não era mais a mesma Tribuna, o mesmo espírito inicial. Fiquei somente um ano. Fui convidado por Zé de Freitas Mascarenhas pra ser coordenador de comunicação do Complexo Petroquímico de Camaçari e deixei a Tribuna. Foi aí que eu virei Secretário de Comunicação Social do Governo Roberto Santos. Depois disso, fui diretor da Gazeta Mercantil.

O que destaca nessa sua carreira como jornalista?

Fiz a primeira grande matéria nacional sobre o assoreamento e alargamento do Rio São Francisco, motivados pela destruição das matas ciliares e tal. Matéria de página 3, inteira, de O Globo. Foi quando se come-

çou a discutir a questão ecológica e tudo que estava acontecendo com o Velho Chico.

No meu período da Veja, destaco uma “Página amarela”, que fiz, que são as famosas entrevistas da revista. Foi com o diretor técnico da CEPLAC, o fitopatologista Paulo de Tarso Alvim, cara de renome internacional. Aquilo, para mim, foi um grande orgulho porque essas páginas amarelas só quem fazia eram jornalistas de São Paulo, Londres, Nova Iorque e Paris.

Mais alguma?

No Rio de Janeiro havia um esquadrão da morte, formado pelos chamados “doze homens de ouro”. O chefe era o policial Mariel Mariscot. Ele foi preso aqui na Bahia e O Globo, que eu dirigia, deu furo nacional disso.

Era um dia de sábado, eu tinha uns papéis para arrumar na sucursal, que ficava lá na Cidade Baixa, e quando me dirigi para lá vi um movimento muito forte na Polícia Federal. Tínhamos um *freelancer* de polícia, Alberto Miranda. Liguei para ele: Bicho, vai ver o que tá acontecendo na Polícia Federal porque passei por lá agora, tal. E conseguimos o depoimento de Mariscot contando toda a história de como fugiu da cadeia do Rio de Janeiro.

Você falou que aqui na Bahia já houve sucursais dos jornais mais importantes. O que aconteceu com o jornalismo baiano para que a gente não tivesse hoje mais nada disso?

É uma política mesmo de contenção, certamente. Para você entender a importância que as sucursais tinham, houve um grande acidente de ônibus em Jequié, morreu muita gente. Nós conseguimos as fotos do acidente. Mas a nossa máquina de telefoto tinha dado problema no Globo e a gente sempre se socorria. Caso desse problema na minha máquina, o Jornal do Brasil nos socorria ou O Estado de São Paulo nos socorria.

Quando deu problema na máquina, liguei para o pessoal do Jornal do Brasil. Estava lá um cara meio chato e tal, que disse: “Não vai poder passar por aqui coisa nenhuma”. Avisei a situação ao Rio de Janeiro. Para você ter a ideia, o Globo me autorizou alugar um avião, ir até a sucursal de Recife, para passar essas fotos para o Rio. Era também uma questão de concorrência entre os jornais. Foi um bate e volta. Cheguei lá, passamos, entrei no avião de volta.

Contei isso como um detalhe de como era a importância das sucursais, o nível de

investimento que se fazia para ter uma cobertura boa.

Como foi sua adaptação ao processo de informatização?

Lembro que estava na Gazeta Mercantil, no Rio, na época em que estavam acontecendo aquelas privatizações da telefonia. Me deram para cobrir um desses leilões, feitos no Rio de Janeiro. Fiquei meio apavorado porque a redação lá já estava informatizada e eu não sabia mexer naquele negócio. Procurei um amigo, Almiro Castilho Filho, que trabalhava lá: Não sei como é que vou escrever a matéria nesse negócio, computador, não domino isso e tal. Ele chamou um técnico e o cara veio, me deu uma série de explicações. Eu sempre aprendi as coisas com relativa facilidade. Consegui, mas fiquei apavorado. Então, foi muito difícil, foi uma fase que todo mundo teve que se adaptar porque era o começo mesmo da internet, da computação.

Como analisa o futuro do jornalismo? O que mudou tanto assim e o que você aponta como horizonte?

A tecnologia substituiu o impresso. Hoje o digital tomou conta. Moro na Barra, numa banca de jornal tem [escrito] assim: “Tenha um jornal para pets”. Ou seja, para pegar cocô. Ninguém mais compra jornal. Vivenciamos hoje um outro jornalismo muito mais aberto, digamos, à maioria das pessoas. Qualquer um pode fazer o seu na internet. Veja aí, hoje, nessas eleições de agora, a importância que os candidatos dão de irem fazer entrevistas com esses caras que não eram jornalistas tradicionais.

O jornalismo, a comunicação está num momento de mudança, de transformação. Lembro uma vez que, numa palestra, eu dizia que o jornalista tinha que se reprogramar porque o jornalista só de teclado, só para escrever, também estava morrendo. Jornalista tinha que saber falar, fazer televisão. O jornalista tem que ser mais polivalente, ele tem que se preparar para atuar nos diversos meios.

Você ainda lê jornais impressos?

Ah, já não faço isso há muito tempo...

E seus planos?

Tenho aqui algumas coisas, por exemplo, por que surgiu a Tribuna, a televisão, essa coisa toda. Tenho um projeto de escrever um livro sobre a vida de Quintino de Carvalho. ■

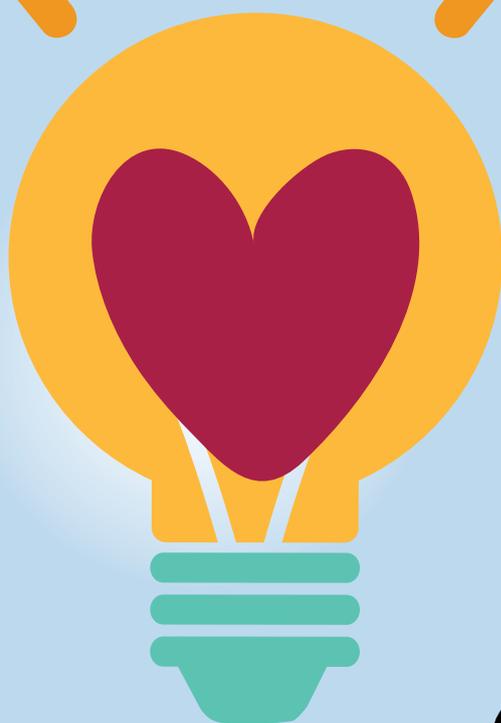
SUA DOAÇÃO DE AMOR TRANSFORMA MILHARES DE VIDAS!

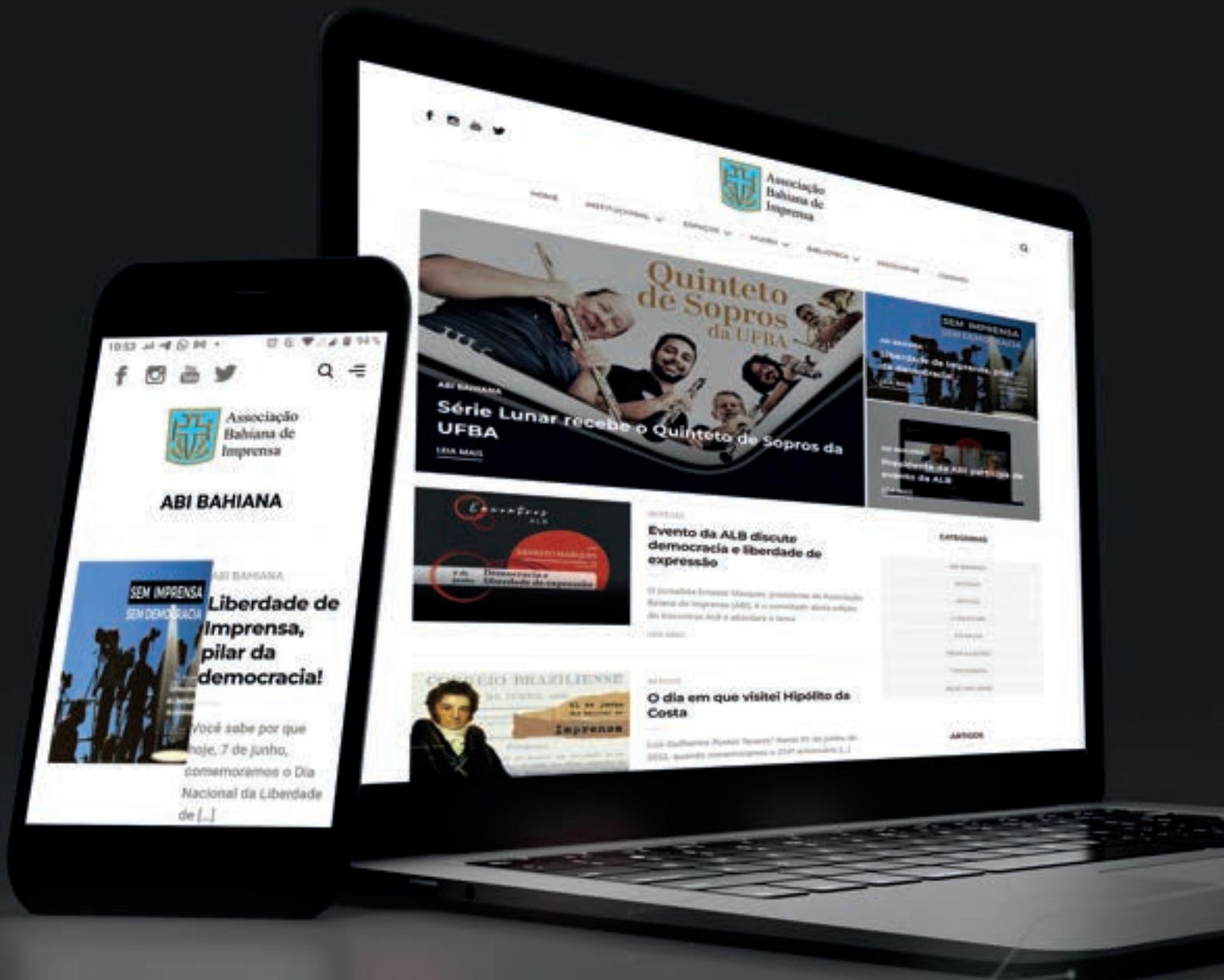
Ajude as Obras Sociais Irmã Dulce através da sua
conta de energia.

Escolha como deseja realizar seu cadastro: ligue para
a nossa **Central de Relacionamento com o Doador (71)
3316 8899** (de segunda a sexta), ou cadastre-se
virtualmente pelo site **www.irmadulce.org.br**.



OBRAS SOCIAIS
IRMÃ DULCE





www.abi-bahia.org.br

Jornalismo responsável.
Informações bem apuradas.

Sempre com as últimas tendências
da área da comunicação e conteúdo
de valor para a sociedade.

Encontre a ABI na rede!



@abi_bahia



@abi.bahia



ascom@abi-bahia.org.br



71 98791-7988

Nossa energia cria um futuro mais sustentável para todos.



Com o **Vale Luz** é possível fazer a troca de resíduos sólidos por descontos na conta de luz. A iniciativa já retirou cerca de **1.400 toneladas** de resíduos do meio ambiente e beneficiou mais de **16 mil pessoas**.



No ano de 2021, a **Neoenergia Coelba** atingiu o marco de mais de **700 mil** novas conexões instaladas dentro do **Programa de Eletrificação Rural**, iluminando a vida de milhares de baianos nos **415 municípios** do estado.



Além disso, o **Programa Energia com Cidadania** já beneficiou **333 comunidades** e **583 instituições** com a troca de quase **524 mil lâmpadas LED**.



Entre 2019 e 2021, o **Instituto Neoenergia** e a **Neoenergia Coelba** fizeram um investimento de quase **4,5 milhões** em ações sociais, culturais e ambientais, levando mais bem-estar para a vida de milhares de pessoas na Bahia.

Acesse o nosso site e redes sociais e conheça nossas iniciativas sustentáveis.

 @NeoenergiaBR
 @neoenergia_oficial
 @neoenergia

www.neoenergiacoelba.com.br

O futuro a gente
faz agora.



NEOENERGIA
COELBA



Casa da Palavra Ruy Barbosa

Mais do que um museu, um espaço dedicado à reflexão e ao pensamento crítico sobre passado, presente e futuro de um país a partir do legado de um dos principais arquitetos dessa construção gigantesca, que é o Brasil.

Assim é a Casa da Palavra Ruy Barbosa, projeto encomendado pela ABL ao arquiteto e designer Gringo Cardia para devolver ao Centro Antigo de Salvador, um importante equipamento cultural. Foi concebida para dar vida ao acervo reunido desde 1949 e assim proporcionar uma experiência imersiva e interativa. Através da tecnologia, visitantes, personagens e fatos históricos se encontrarão para compartilhar e produzir conhecimento.

No ano do centenário da morte de um dos maiores brasileiros de todos os tempos, um projeto de alta relevância para agregar valor à marca de empresas e instituições que acreditam na cultura e investem na preservação da memória nacional.

